

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

FLÁVIA DANIELLE SORDI SILVA

**ENTRELAÇANDO *ON-LINE* E *OFF-LINE*:
PRÁTICAS DE ESCRITA E REESCRITA EM
COMUNIDADES DA REDE SOCIAL ORKUT**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do Título de Mestre em Linguística Aplicada, na Área de Língua Materna.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Raquel Salek Fiad

CAMPINAS
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

Si38e

Silva, Flávia Danielle Sordi, 1987-

Entrelaçando on-line e off-line: práticas de escrita e reescrita em comunidades da rede social Orkut / Flávia Danielle Sordi Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Raquel Salek Fiad.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Produção escrita. 2. Orkut (Redes de relacionamentos na Internet). 3. Escola. 4. Exame vestibular. 5. Dialogismo. I. Fiad, Raquel Salek, 1948-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Interlacing on-line and off-line: a study of the writing, rewriting and their practices on the communities of network Orkut.

Palavras-chave em inglês:

Writing production

Orkut (Relationship network in Internet)

School

College entrance requirements

Dialogism

Área de concentração: Língua Materna.

Títuloção: Mestre em Lingüística Aplicada.

Banca examinadora:

Raquel Salek Fiad [Orientador]

Marcelo El Khouri Buzato

Fabiana Cristina Komesu

Data da defesa: 28-02-2012.

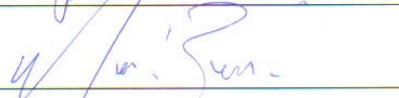
Programa de Pós-Graduação: Lingüística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA:

Raquel Salek Fiad



Marcelo El Khouri Buzato



Fabiana Cristina Komesu



Denise Bértoli Braga



Renilson Menegassi



IEL/UNICAMP
2012

DEDICATÓRIA

*À mãe de Deus e nossa, Maria Santíssima, pelo colo e intercessão
nos momentos mais difíceis e árduos deste trabalho e de minha
vida.*

AGRADECIMENTOS

São muitos aqueles a quem tenho de agradecer, por terem, de algum modo, contribuído para a realização deste trabalho. Queria exprimir meus sinceros agradecimentos, de maneira especial:

À minha família, o porto mais seguro que tenho: aos meus pais Ana e Donizete e aos meus irmãos Bárbara, Bruna e Lucas por todo o apoio físico e afetivo, pela compreensão e por sempre acreditarem em mim, enfim, por serem simplesmente os melhores.

Ao Tadeu, amor meu, companheiro de todas as horas, apoiador, incentivador que acima de tudo soube entender, com paciência, minhas faltas e, principalmente, por ser assim fundamental à minha vida.

À Raquel, pelo privilégio de sua orientação dedicada, atenta, profissional e, ao mesmo tempo, sensível e generosa, mostrando-me que um bom trabalho é fruto desses vários aspectos em conjunto. Agradeço também pela amabilidade com que sempre acolheu minhas angústias e por ser a grande motivadora deste trabalho, bem como de minha trajetória acadêmica, além de modelo inspirador de profissional e de pessoa humana.

Aos professores Fabiana Komesu e Marcelo El Khouri Buzato, pelas leituras minuciosas, sugestões preciosas e pertinentes desde meu exame de qualificação, contribuindo sobremaneira para a versão final desta escrita.

Aos professores do IEL que oportunizaram inestimáveis reflexões dentro e fora de sala de aula ao longo de minha formação acadêmica desde a graduação, ajudando a construir minha história como pesquisadora, entre os quais, gostaria de agradecer, particularmente, às professoras Maria Augusta Bastos de Mattos (a Guta), Marilda Cavalcanti, Roxane Rojo, Denise Bértoli Braga e Márcia Abreu.

Aos amigos do IEL que direta ou indiretamente ajudaram no desenvolvimento deste trabalho por meio de discussões tão profícuas em meio a disciplinas e cafés. Agradeço, em especial, às minhas interlocutoras de sempre: Eliane A. Pasquotte-Vieira, Adriana Teixeira e Maria Cristina Macedo Alencar.

Aos meus amigos de Campinas que, cada qual a sua maneira, fizeram-me sentir em casa e superar todas as dificuldades que apareceram no caminho, agradeço fortemente à Karoline, ao David e à família Queirós (Leonardo, Paola - irmã de coração - e Isabela).

Aos orkuteiros cujas escritas tornaram possível esta pesquisa.

À memória de Jovenilha, vó Lita, meu maior exemplo, minha maior saudade e ao meu sempre presente, admirável e querido avô Jorge por serem exemplos de luta e perseverança aos quais me inspiro.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida, fornecendo o apoio material necessário.

Enfim, a Deus, pelas bênçãos e providências ao longo do desenvolvimento desta pesquisa e, sobretudo, pela dádiva da vida a mim concedida.

*“Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer
outras maiores perguntas.”*

(ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 2001, p. 429)

RESUMO

Neste trabalho, analiso enunciados publicados em fóruns *on-line* de quatro comunidades virtuais da rede social Orkut, a fim de investigar práticas letradas no meio digital e suas relações com/para contextos *off-line*, em especial, formados pelas instituições escolares. Para tanto, faço uso de metodologia qualitativa, de cunho etnográfico em que os registros foram gerados em navegações na Internet e abarcam o período de janeiro a dezembro de 2010, compondo um total de 499 enunciados selecionados. Com base nas concepções enunciativas sócio-históricas, de dialogismo e sobre os gêneros discursivos de Bakhtin, assumo que todo enunciado é elo de uma cadeia complexa formada por outros enunciados com os quais dialoga em uma atitude responsiva. Logo, não adoto posição taxativa que considere *on-line* e *off-line* como “mundos” separados e incomunicáveis. Pelo contrário, acredito em sua interconexão e continuidade, sendo essencial conjugar, portanto, alguns pressupostos ligados ao(s) letramento(s) e aos gêneros digitais, visto que o *corpus* foi formado por meio da *web*. Na busca por compreender os processos de produção escrita que se davam nos fóruns examinados, percebi que a publicação, correção e composição de textos no ambiente Orkut eram feitas como forma de treinamento para exames vestibulares, bem como concursos e tarefas escolares em sua maioria. Dessa forma, constatei que os gêneros produzidos em supremacia pelos internautas eram os mesmos praticados no Ensino Médio e que os principais critérios com que os textos eram analisados também eram similares aos empregados por professores, destacando-se a reescrita como estratégia fundamental. Por um lado, a retomada de práticas do letramento escolar no meio digital pôde evidenciar tanto o embricamento entre *on-line* e *off-line*, quanto lacunas no currículo escolar e a necessidade de repensar suas práticas mediante os multiletramentos colocados em foco, sobretudo, pelas novas tecnologias digitais. Por outro lado, pude identificar como as práticas de escrita na rede são favoráveis ao ensino-aprendizagem da escrita em função do maior número de pares que os orkuteiros têm, bem como devido ao fato de que, ao escreverem no computador, podem visualizar suas atividades, elaborando reflexões e percepções mais claras sobre o processo de escrever em uma meta-análise de suas produções escritas. Além disso, verifiquei como ideias sobre atividades de escrita carregadas pelos orkuteiros entrelaçavam-se a concepções de sujeitos que circulam ou já circularam na sociedade, revelando o dialogismo como (rica) propriedade da linguagem.

Palavras-chave: Produção escrita, Orkut (Redes de relacionamento na Internet), Escola, Exame vestibular, Dialogismo.

ABSTRACT

This research aims at examining published statements in *on-line* forums in four on-line Orkut's communities in which topics permeate the writing or rewriting of texts, in order to observe the peculiarities of literacy practices that circulate in the digital, as well as analyzing their connections with *off-line* and schools. It is a kind of qualitative research situated in the field of Applied Linguistics studies and ethnography. The registers were generated from a *corpus* formed by access of the Internet during the year of 2010. According to socio-historic Bakhtin's notion of dialogism and discursive genre, I believe that all statements are links in a complex discursive chain formed to other statements with which they dialog in a responsive way. This research doesn't take *on-line* and *off-line* like separated worlds, otherwise I believe that there is interconnection and continuity between them. This work is also based on studies on the literacy and digital literacy considering that the *corpus* was constructed in the *web*. In the study I realize that the textual production on Orkut was a kind of train for student's tests in examinations in general. The analysis of the orkuteiro's texts pointed out that the majority produced genres were the same that ones produced in High School as well as the way to make the corrections was similar to the teacher's action, in this way rewriting the text is the principal strategy. On this side, resume scholar practices on digital media shows the relation between *on-line* and *off-line*, as well as gaps in the scholar curriculum. It's time of thinking about scholar practices in relation with the multiliteracies on focus, especially, for the new digital technologies. On the other hand, I could identify how practices of writing on the network are good for the teaching-learning of writing in the light of the highest number of peer the people who use Orkut have. When they write in a computer they can display their activities drawing up reflections and perceptions about the writining process in a meta-analysis of their writing productions. Moreover this work examined the concepts of writing and language expressed by the members in the social network and in the society, indicating the dialogism like (rich) feature of language.

Key words: Writing Production, Orkut (Relationship network in internet), School, College entrance requirements, Dialogism.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Programas de pós-graduação no Brasil relacionando linguagem às novas tecnologias digitais.....	22-23
QUADRO 2: Trabalhos identificados por universidade nos programas de pós-graduação em estudos linguísticos.....	29
QUADRO 3: Comunidades virtuais na rede Orkut relacionadas à produção de textos.....	53-54
QUADRO 4: Perfis de membros das comunidades virtuais analisadas do Orkut.....	60-61

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Distribuição dos programas de pós-graduação, na área de Humanas, com linhas de pesquisa ou áreas de concentração relacionadas às novas tecnologias digitais, no Brasil.....	24
FIGURA 2: Panorama cronológico dos trabalhos entre 1999 e 2010 selecionados das bibliotecas virtuais.....	30
FIGURA 3: Página de apresentação da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”	55
FIGURA 4: Página de apresentação da comunidade virtual do Orkut “Redigir Redação”.....	55
FIGURA 5: Página de apresentação da comunidade virtual do Orkut “Eu amo Redação”.....	56
FIGURA 6: Página de apresentação da comunidade virtual do Orkut “Aprendendo Redação”	56
FIGURA 7: Gráficos com os números de enunciados gerados, excluídos e selecionados nas quatro comunidades virtuais do Orkut analisadas na pesquisa.....	58
FIGURA 8: Fórum de “Eu amo redação”.....	70
FIGURA 9: Fórum de “Redigir redação”.....	71

FIGURA 10: Fórum de “Aprendendo redação”.....	71
FIGURA 11: Fórum de “Livros, Textos e Redação”.....	75
FIGURA 12: Enunciado da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	74
FIGURA 13: Texto completo de <i>L</i> em “Livros, Textos e Redação”.....	79
FIGURA 14: Alguns tópicos de fóruns da comunidade do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	81
FIGURA 15: Dissertação publicada por <i>T</i> em “Redigir redação”.....	85
FIGURA 16: Texto de Opinião publicado por <i>T</i> em “Redigir redação”.....	85
FIGURA 17: Carta publicada por <i>T</i> em “Redigir redação”.....	86
FIGURA 18: Fórum da comunidade virtual do Orkut “Eu amo redação”.....	96-99
FIGURA 19: Fórum da comunidade do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	103-104
FIGURA 20: Primeira versão do texto de <i>E</i> na comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	107
FIGURA 21: Versão reescrita do texto de <i>E</i> na comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	108
FIGURA 22: Primeira versão do texto de <i>K</i> na comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	110
FIGURA 23: Conclusão do texto de <i>K</i> reescrita e publicada pelo autor na comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	111
FIGURA 24: Primeira versão do texto de <i>N</i> em “Livros, Textos e Redação”.....	113
FIGURA 25: Segunda versão do texto de <i>N</i> em “Livros, Textos e Redação”.....	114
FIGURA 26: Versão reescrita por <i>A</i> do texto de <i>N</i> em “Livros, Textos e Redação”.....	116
FIGURA 27: Fórum da comunidade virtual do Orkut “Aprendendo redação”.....	117-119
FIGURA 28: Poema publicado no fórum “Soneto – Perder-se de Amor – Peço análise” da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	130
FIGURA 29: Enunciado publicado por <i>AR</i> no fórum “Soneto – Perder-se de Amor – Peço análise” da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	131
FIGURA 30: Enunciado publicado por <i>AR</i> no fórum “Soneto – Perder-se de Amor – Peço análise” da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”.....	131
FIGURA 31: Conteúdo encontrado ao se clicar no <i>link</i> oferecido por <i>AR</i>	132

FIGURA 32: Alguns tópicos da comunidade virtual do Orkut “Aprendendo redação” no final de 2011.....	136
FIGURA 33: Alguns tópicos da comunidade virtual do Orkut “Eu amo redação” no final de 2011.....	136
FIGURA 34: Alguns tópicos da comunidade virtual do Orkut “Redigir redação” no final de 2011.....	137
FIGURA 35: Alguns tópicos da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação” no início de 2012.....	137
FIGURA 36: Fórum da comunidade “Livros, Textos e Redação” com correção pontual.....	145

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPÍTULO 1: NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONSTRUINDO UM LUGAR PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

1. ENTRADA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONTEMPORANEIDADE..	9
1.1. Para começar: distinção de alguns conceitos preliminares.....	9
1.1.1. Mudanças importantes para reflexão.....	13
1.2. Estado da arte: descrições e considerações sobre trabalhos de pós-graduação.....	20
1.3. Saída: outras considerações sobre a contemporaneidade.....	38

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

2.“METODOLOGIZANDO”: APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA.....	41
2. 1. Definindo a pesquisa qualitativa: uma abordagem teórica e prática.....	41
2.1.1. A(s) pesquisa(s) qualitativa(s).....	41
2.1.2. A abordagem qualitativa neste trabalho: como proceder?.....	44
2.2. Observando práticas de escrita em ambientes digitais: o Orkut como “porta de entrada”.....	47
2.2.1. O não apagamento do meio onde se insere o <i>corpus</i>	47
2.2. 2. Um ambiente que demanda investigação.....	49
2.3. Geração de registros.....	52
2.4. Os sujeitos da pesquisa.....	59
2.5. “Preparando o terreno” para a análise.....	63

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS REGISTROS

3. O(S) TEXTO(S) E O(S) CONTEXTO(S).....	65
3.1. As práticas letradas nas comunidades virtuais: a produção textual em foco.....	68
3.2. Analisando os registros gerados.....	83

3.2.1. Autor frequente, gêneros diferentes.....	83
3.2.2. Acompanhando processos de escrita.....	95
3.2.3. A reescrita como principal estratégia de correção.....	105
3.3 Outros caminhos.....	129
 CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 139
 REFERÊNCIAS.....	 149
 GLOSSÁRIO.....	 161
 ANEXOS.....	 163
ANEXO 1 – LISTA DAS PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL.....	163
ANEXO 2 – TEMA DE REDAÇÃO UFC 2002.....	168
ANEXO 3 – TEMA DE REDAÇÃO UFRA 2010.....	168

Introdução

cara, dizem do mal da internet, pedofilia, vírus ...tatata, mas pouco se fala do lado bom; quanta cultura, qquanto conhecimento já adquiri no orkut, minha vida internautica se divide em A.O e D.O antes e depois do orkut, muito, mas muito mesmo aprendi aqui.¹

Muito obrigado pela dica, estou realmente agradecido! E não é que fazer a redação e pedir ao pessoal desta comunidade realmente ajuda? Nunca achei que poderia achar diversas opiniões pra melhorar uma redação. Estou realmente mais confiante!²

Ao longo de toda minha trajetória escolar e também fora da escola, algo que sempre me chamou a atenção foi o “lidar com os textos”: lê-los, escrevê-los, reescrevê-los, contá-los, recontá-los... Um interesse tão intenso que me levou a perceber sua expressiva presença no meio social (bilhetes, *outdoors*, rótulos, poemas, *sites*, livros, entre outros) e a encantar-me pelas milhares de possibilidades que eles apresentam, seja por utilidade ou deleite. Assim, partilhando com Drummond a ideia de que “Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos”³ entrei para o curso de graduação em Letras, na UNICAMP, no ano de 2005, a fim de compreender melhor essas “palavras”.

A fascinação inicial só aumentou, transformando-se em um interesse, acredito eu, mais maduro e questionador. Afinal: o que os textos podem de fato significar? Aonde as palavras podem nos levar? O que eu poderia dizer *com* e por *meio* delas?

No decorrer do curso de Letras pude ver que elas são múltiplas e me levariam por caminhos inimagináveis. Além disso, comecei a perceber que os textos se davam de diversas formas, eram multimodais (DIONÍSIO, 2011), “modos de dizer” não

¹ Enunciado de membro da comunidade “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5513392197836218537>. Acesso em: 18 out. 2010.

² Enunciado de membro da comunidade “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5525540224590304278&na=2&npg=2&nid>. Acesso em: 10 out. 2010.

³ ANDRADE, C. D. de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

necessariamente escritos, mas tinham elementos visuais e sonoros e poderiam apresentar-se de forma estática ou em movimento, como ocorre, por exemplo, em propagandas e filmes.

Logo no primeiro ano de graduação senti uma imensa necessidade de investigá-los mais profundamente, compreender porque as pessoas os amavam ou os odiavam e decidi, então, iniciar um projeto de Iniciação Científica. Por outro lado, passei a notar como vinham também se relacionando com as Tecnologias de Informação e Comunicação – as TICs – podendo ser modificados por elas e, simultaneamente, transformá-las.

Com isso, comecei a me questionar sobre as implicações que mudanças provocadas pelo surgimento, pela ampliação e pelo acesso a essas novas tecnologias digitais teriam para os modos de leitura, produção e circulação de textos (CHARTIER, 1999). Foi, pois, a partir dessas percepções e questionamentos que surgiu minha primeira pesquisa: *Ler para quê? Uma visão de alunos, professores e teóricos sobre a leitura e o ensino de literatura*⁴ que, sob a supervisão da Prof^a. Dr^a. Maria Augusta Bastos de Mattos, centrava-se na investigação acerca da atividade de leitura e do ensino de literatura no Brasil através de registros disponibilizados por leitores em comunidades virtuais de uma rede social da Internet chamada Orkut.⁵

Em síntese, nesse projeto foram investigadas duas comunidades da rede intituladas “Eu odeio literatura”⁶ e “Professores de literatura”⁷ a fim de estudar uma situação identificada em relação à leitura e ao ensino de literatura no país: a repulsa, principalmente por alunos, em relação aos textos literários, especialmente, os consagrados pela escola, ou seja, os textos canônicos.

A partir da detecção desse estado, a investigação desenvolveu-se, tendo em vista o entendimento de sua configuração por meio dos registros disponibilizados pelos usuários dessas comunidades virtuais e buscou identificar, de alguma forma, os possíveis

⁴ Projeto de Iniciação Científica financiado pela PIBIC/CNPq/PRP, quota vigente no período de 01 de Agosto de 2006 a 31 de Julho de 2007.

⁵ Disponível em: www.orkut.com

⁶ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=527996>.

⁷ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=72576>.

responsáveis por essa situação sem, no entanto, privilegiar algum gênero literário, isto é, considerando a leitura de literatura em termos gerais.

O exame dos registros gerados do Orkut pôde revelar que, entre as principais razões para a rejeição aos textos literários e ao seu ensino, encontrava-se a presença de uma concepção de literatura pelos leitores, particularmente alunos, como algo distante deles por não fazer referência à vida atual, bem como às situações e problemáticas contemporâneas, apontando ainda para o fato de a maioria dos estudantes não gostar dos livros canônicos e/ou indicados pelos professores e concursos como os vestibulares (ainda que apreciassem a leitura de outros tipos de obras, em especial, as não consagradas pela tradição literária), dados que, em princípio, poderiam levar à conclusão de que o ato de ler não estaria presente no cotidiano desses brasileiros.

Entretanto, através da pesquisa, foi possível perceber, como apontado também por Chartier (1999) que “aqueles que são considerados não leitores lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima” (CHARTIER, 1999, p. 104) e, portanto, não estão à margem da atividade de leitura.

Além disso, verifiquei ainda questões em relação à forma como a literatura estudada na escola poderia gerar antipatia nos alunos. Destacaram-se, então, procedimentos como a necessidade de análise dos elementos externos ao texto como a biografia dos autores, o contexto histórico, as características de “escolas literárias” e movimentos de época em que as obras deveriam, teoricamente, ser inseridas.

Terminada a investigação, resolvi dar prosseguimento a esta em um segundo projeto de Iniciação Científica, porém, observando questões mais precisas. Assim, delimitei o cenário de pesquisa à leitura de obras da literatura brasileira de um período específico. Foi então que, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Márcia de Azevedo Abreu, desenvolvi o projeto “Leituras de romance: uma visão de usuários do Orkut sobre romances oitocentistas”.⁸

Nesse segundo trabalho, investiguei a recepção a obras literárias eruditas do século XIX, pois é a partir desse momento que se inicia a produção nacional e que se

⁸ Financiado pela PIBIC/CNPq/PRP, quota vigente no período de 01 de Agosto de 2007 a 31 de Julho de 2008.

encontram os grandes cânones, consagrados até hoje pelas instituições escolares, como Machado de Assis, José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo. Ademais, a pesquisa voltou-se especificamente para o gênero romanesco, uma vez que este foi (e permanece sendo) o tipo de texto literário de maior circulação, estabelecendo-se desde o século XVIII como um dos fatores responsáveis pela ampliação do público leitor e, por conseguinte, provocador de comentários sobre práticas de leitura e produção literária.

Dessa forma, pude verificar que, após tantos anos de suas publicações iniciais, as obras literárias permaneciam em circulação e eram debatidas inclusive em novos meios, como o digital. Foi interessante encontrar ambientes em que se discutia sobre literatura e observar os interesses com os quais as pessoas liam essas obras séculos depois, levando em conta até os discursos críticos existentes sobre elas. Além do mais, notei que Machado de Assis era escritor muito prestigiado no Orkut, que havia comunidades numerosas que discutiam temas sobre ele e sua obra, sendo inclusive, o autor das obras literárias dos oitocentos que mais suscitaram comunidades virtuais como é o caso de **Dom Casmurro** (1900) e **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881).

Finalmente, a pesquisa em questão embasou meu trabalho de conclusão de curso que culminou na monografia também denominada **Leituras de romance: uma visão de usuários do Orkut sobre romances oitocentistas**,⁹ defendida em 2008, no Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel/licenciado em Letras – Português.

Assim, em meio à minha formação em contato com pesquisas, investigações, disciplinas, professores, leituras diversas e a partir dos projetos apresentados, surgiu mais uma de minhas paixões: o ensino. Motivo que me levou a optar pela licenciatura, lecionar em alguns lugares – como professora de Língua Portuguesa (produção textual e literatura) – e a entrar para a pós-graduação na área de Linguística Aplicada, no ano de 2010, na busca por casar, por meio de meus estudos, esta interessante e instigante dupla formada pelo ensino e os textos.

⁹ SILVA, F. D. S. **Leituras de romance: uma visão de usuários do Orkut sobre romances oitocentistas**. 2008. [s/n]. Monografia (Letras – Português) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual e Campinas, Campinas, 2008.

Desse modo, depois dos trabalhos desenvolvidos durante a graduação com ênfase na leitura e leitura de literatura, senti a necessidade de, na pós-graduação, continuar meus estudos sobre os textos, porém, a partir de outra perspectiva, a saber, a produção desses. Novamente, tomo o ambiente Orkut como fonte de registros para o desenvolvimento da pesquisa, embora esse venha perdendo seu *status* em comparação a outras redes sociais (ver Capítulo 1), acreditando na riqueza das informações ainda existentes nele, principalmente, no ano em que os registros do *corpus* do trabalho foram gerados, ou seja, ao longo de 2010.¹⁰ É, pois, procurando apresentar minhas reflexões a partir dessas novas investigações que apresento esta dissertação de mestrado, na qual reúno questões, hipóteses e considerações.

Neste trabalho, estudo quatro comunidades virtuais do Orkut – “Aprendendo redação”,¹¹ “Eu amo redação”,¹² “Livros, Textos e Redação”,¹³ e “Redigir redação”¹⁴ – cujos temas tangem a escrita de textos. Nelas são estabelecidos fóruns por sujeitos que se preparam para produzir a chamada “redação” em contextos de avaliação: provas escolares, exames vestibulares e concursos de modo geral, sendo, pois, possível analisar, no ambiente, processos de produção textual individual e coletiva, os próprios textos partilhados pelos orkuteiros e ainda as suas respectivas correções que são feitas e disponibilizadas na rede social.

¹⁰ Naquele ano, *Alexa e Google* divulgaram dados a partir dos quais foi possível elaborar um mapa com as redes sociais mais utilizadas em cada país. Embora o Facebook fosse a rede preponderante na maioria das nações, o Orkut dominava no Brasil. As informações foram extraídas de “Mapa mostra qual a rede social mais utilizada em cada país”. Disponível em: <http://tecnologia.pt.msn.com/noticias/article.aspx?cp-documentid=151470756>. Acesso em: 04 fev. 2010. Além disso, em pesquisa realizada pelo *IBOPE Inteligência*, juntamente a *Worldwide Independent Network of Market Research* (WIN), a respeito do acesso a redes sociais em nível global pude constatar em entrevista exclusiva com a diretora executiva Laure Castelnuau (Julho/2010), que o Orkut era a preferida dos brasileiros em 2010 (época em que os registros do *corpus* foram gerados), ainda que o uso do Facebook tenha crescido sobremaneira de 2011 em diante.

¹¹ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=48249>.

¹² Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=579077>.

¹³ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=8148414>.

¹⁴ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=22247907>.

Com isso, pretendeu-se observar as peculiaridades desses enunciados que circulam no meio digital, acompanhar suas constituições, conhecer a motivação para as produções textuais, as concepções de escrita dos sujeitos que ali trocam textos e as relações do *on-line* com o *off-line*, particularmente, com práticas escolares, pois é necessário encontrar maneiras de análise que contemplem o “letramento tradicional”/“cultura do papel” e o “letramento digital”/“cultura da tela” mutuamente, como “conjuntos não claramente separáveis de textos e práticas” (BUZATO, 2007, p. 161).

Para tanto, no primeiro capítulo, inicio fazendo a distinção de alguns conceitos fundamentais para o trabalho e discuto mudanças ocasionadas pela propagação das TICs que requerem novos letramentos ou, pelo menos, a reflexão sobre algumas práticas sociais já existentes, levando-me a abordar o letramento escolar, por ser a escola um dos espaços em que ocorrem práticas letradas consagradas e que também exigem reflexão a partir da entrada das novas tecnologias não somente nas salas de aula, como na vida de seus alunos.

Pensando em articular preocupações sociais com estudos acadêmicos, na segunda parte do Capítulo 1, ofereço uma pesquisa de “estado da arte”, na qual realizo um mapeamento de programas de pós-graduação relacionados aos estudos linguísticos (e aplicados) em todo o país que se dizem como pólos de estudos sobre as novas tecnologias digitais, levantando as principais instituições de Ensino Superior brasileiras cujos cursos relativos à linguagem (Letras, Linguística e Estudos Linguísticos) apresentam trabalhos de mestrado e doutorado no campo. Ao final, descrevo ainda as principais tendências dessas teses e dissertações nos últimos anos na tentativa de localizar meu próprio trabalho.

No capítulo seguinte, explico minhas questões de pesquisa, objetivos gerais e específicos do estudo, indicando a metodologia adotada, isto é, a pesquisa qualitativa de base analítico interpretativista com cunho etnográfico e os procedimentos realizados para construção do *corpus* para a análise: observação em campo (no ambiente Orkut e na Internet de maneira geral), gravação dos registros, notas sobre os registros, entrevistas virtuais, entre outros.

No terceiro capítulo, apresento a análise dos registros gerados, em paralelo a reflexões teóricas sobre escrita e gênero, buscando compreender os processos de escrita/reescrita no ambiente Orkut a fim de refletir sobre alguns procedimentos

empregados para a produção textual e a prática da escrita. O conceito fundamental que embasa a análise dos dados é o dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2003 [1952-1953]) e os pressupostos teóricos norteadores da pesquisa referem-se às concepções sócio-enunciativas do autor (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929]).

Por fim, desenvolvo um último capítulo denominado “Considerações finais” no qual procuro sintetizar os principais aspectos abordados ao longo da pesquisa para realizar reflexões e discutir se as questões de investigação puderam ou não ser respondidas com o trabalho. Dessa maneira, espero que esta dissertação seja importante para aprofundar e/ou complementar outros estudos já realizados na academia e, inclusive, no próprio instituto onde me encontro – o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP) – por um viés de análise enunciativo-discursivo.

CAPÍTULO 1: NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONSTRUINDO UM LUGAR PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

1. ENTRADA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONTEMPORANEIDADE

Creio que o sofrimento de submeter-se à virtualização sem compreendê-la é uma das principais causas da loucura e da violência de nosso tempo (LÉVY, 1996, p. 147).

O meio digital passou a ser visto e explorado como contexto urgente de investigação para muitas disciplinas em diversas áreas exatas, humanas e biológicas. Quando se volta o olhar para os estudos relativos à linguagem, em particular, nota-se que nas últimas décadas, especialmente, na primeira do século XXI, houve crescimento de pesquisas cujo enfoque estava de alguma maneira relacionado às novas mediações tecnológicas (computador, celular, videogame etc.)

Trata-se de um período histórico de constituição de um campo de investigação dos estudos linguísticos que se estabelece diante do surgimento e crescimento do fenômeno gerado pela interação humana com as Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs – que propiciam novas práticas sociais e, inclusive, letradas. É, pois, tencionando realizar um delineamento das produções textuais acerca de relações entre linguagem e meio digital nesses últimos anos, no Brasil – a fim de melhor compreender tanto a configuração desta nova disposição, como situar minha própria pesquisa na área – que busquei compor este primeiro capítulo, apresentando tendências, reflexões e considerações.

1.1. Para começar: distinção de alguns conceitos preliminares

Anteriormente à identificação e discussão sobre tendências de trabalhos nos estudos linguísticos que abordam novas tecnologias, faço breve discussão teórica. Diante da diversidade de conceitos existentes e do fato de que um mesmo termo pode referir-se a concepções diferentes a depender da área com que se trabalha e pressupostos teóricos, aportes disciplinares, entre outros, de que pesquisadores se utilizam, é fundamental para o desenvolvimento da presente pesquisa a distinção e o esclarecimento de alguns conceitos

fundamentais, a saber, virtual/real, multimodalidade/hipermodalidade e meio/ambiente/contexto.

A oposição virtual/real é costumeiramente elaborada pelo senso comum e até ocorre em ambientes acadêmicos em que pesquisadores desenvolvem pesquisas que afastam por completo *on-line* de *off-line*, dispondo-os como se tratassem de dois “mundos” separados e sem comunicação. Lévy (1996) desfaz a dicotomia instaurada, definindo virtual como “complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução, a atualização” (LÉVY, 1996, p. 16).

Dessa forma, virtual não deve ser caracterizado como inexistente ou imaginário, mas suscetível a acontecer, atualizar-se, portanto, uma potencialidade. Para o autor, entretanto, ser potencial não equivale a ser possível, pois esse estaria somente esperando para ocorrer, ao passo que aquele pode ou não realizar-se, posto que é “complexo”. Assim, virtual não é contrário de “real”, nem relativo somente às tecnologias digitais, mas ultrapassa a informatização (LÉVY, 1996, p. 11) e opõe-se à “atual”, ou seja, ao já concretizado. Logo, real e virtual não devem ser contrapostos e, por isso, durante todo o trabalho procurarei evidenciar a não separação entre *on-line* e *off-line* (LEANDER & MCKIM, 2003).

Quanto aos termos multimodalidade e hipermodalidade, embora, muitas vezes, empregados indistintamente como sinônimos, não podem ser assim considerados, tornando-se essencial diferenciar cada um dos conceitos. A multimodalidade seria o equivalente às diferentes modalidades que se relacionam em um mesmo meio, gênero ou objeto em geral, visto que em uma mesma linguagem ou semiose coexistem “modos” (gestos, entoação etc), não existindo um meio ou um gênero com um único deles exclusivamente. Logo, todos os enunciados são, portanto, essencialmente, multimodais (KRESS, 2010).

A hipermodalidade, por sua vez, seria mais do que a multimodalidade em meio digital ou a abordagem de hipertextos. Trata-se de um conceito concernente ao fato de se colocar diferentes mídias e modalidades em relação em rede de *links*. Estende-se, assim, à construção dos sentidos e aos esquemas interpretativos (inclusive imprevistos) que permitem leituras sofisticadas e diferentes dos modos de ler em relação ao meio impresso,

por exemplo. Em síntese, a hipermodalidade seria mais do que a soma de várias modalidades em outro meio, chamando atenção para a necessária reflexão sobre a forma como as várias semioses são (re)significadas ao se confrontarem no meio digital e a maneira como têm seus sentidos transformados e multiplicados ao serem isoladas novamente (LEMKE, 1998, 2002).

Outras confusões ocorrem em relação à definição dos conceitos de meio/ambiente/contexto que são usados indiferentemente, a despeito das implicações teóricas – e inclusive metodológicas – que o emprego de um ou de outro termo pode vir a gerar. Tomo, então, o meio como aquele que propicia o estabelecimento de interações e de práticas sociais, permitindo-as e restringindo-as simultaneamente (MAZZARELA, 2004 *apud* BUZATO, 2007). No caso, o meio desta pesquisa é o digital. Nele, há ambientes,¹⁵ como, por exemplo, fóruns *on-line* e redes sociais com os quais sujeitos se relacionam, assim como interagem com outros sujeitos em determinadas situações, com propósitos comunicativos e em certos períodos de tempo, produzindo contextos (GUIMARÃES, 1998).

Os contextos podem ser formados a partir de um único ambiente ou transpassar vários deles e são determinados pelas relações sócio-históricas estabelecidas entre os sujeitos (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929]) e pelos ambientes que comporta. Contudo, interferem nas interações que mantêm podendo até modificá-las, instaurando uma via de mão dupla em que o meio sustenta os contextos e, concomitantemente, é sustentado por eles.

Realizadas as considerações sobre os conceitos, assinalo que na presente dissertação a nomenclatura “ambiente” é utilizada para designar o Orkut e suas comunidades virtuais, enquanto “contexto” trata da preparação de sujeitos para provas de redação em vestibulares, escolas ou concursos, o que extrapola os limites de práticas de escrita na rede, tangenciando ambientes fora de suas comunidades virtuais (*blogs*, salas de bate-papo etc) e também *off-line*, como residências de usuários da Internet, salas de aula e assim por diante (ver Capítulo 3).

¹⁵ Os ambientes podem ser tanto *on-line*, como *off-line* ou ainda híbridos, isto é, combinando os dois.

Na complexa relação entre o meio, os ambientes e o contexto investigados na pesquisa, há de se destacar uma organização, em particular, que busca, insistentemente, sobrepor contextos distintos, tentando coincidi-los, a despeito de suas diferenças. Trata-se da instituição escolar, acompanhada de seus currículos e métodos de ensino baseados em leis educacionais e diretrizes.

Desde seu surgimento, a escola brasileira teve papel de subsidiar a “formação” da população, por conseguinte, a função de conduzi-la para determinados fins que, segundo Barros (2001), estão externos a nós e são “sempre históricos e perecíveis” (BARROS, 2001, p. 31). Se, quando colônia, a escola divulgava ideias religiosas, nos primeiros tempos de república, concepções nacionalistas e no período do Regime Militar Brasileiro (1964-1985), no qual se instaura o momento chamado “milagre econômico brasileiro”, promovia interesses econômicos pensando em investimentos rentáveis relativos à educação, atualmente, muitas mudanças ocorreram em relação aos papéis e ideais promovidos pelas instituições educacionais e que serão discutidos na sequência deste capítulo.

Antes de chegar à abordagem do período contemporâneo, outros momentos da história da educação brasileira poderiam ser citados e abordados, porém, destaco a década de 1990 na qual “educação e conhecimento estão muito associados ao desenvolvimento científicos e tecnológicos, que por sua vez levam à competitividade” (SOBRAL, 2000, p. 4), por ser época importante à constituição do paradigma da nova ordem social: a *new work order* (GEE, HUL & LANKSHEAR, 1996), que se faz notar com a globalização, a saber, o domínio do conhecimento que se torna o novo produto do capitalismo (GEE, 2005).

Na década, houve iniciativas nacionais de ensino à distância (EAD), bem como a democratização do Ensino público Fundamental, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96) que prevê a inclusão de todos os alunos na rede regular. Esse acesso universal à educação atingido na época era ainda buscado para o Ensino Médio¹⁶ nos primeiros anos do século XXI e ainda o é para o Ensino Superior, porém, “acesso não quer

¹⁶ Por meio da Lei nº 12.061/09 foi realizada alteração do inciso II do art. 4º e do inciso VI do art. 10 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar o acesso de todos os interessados ao Ensino Médio público. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12061.htm. Acesso em 29 dez. 2011.

dizer permanência e nem qualidade de ensino” (ROJO, 2009, p. 106). Vale a pena mencionar ainda a criação, no período, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 1997, que ao passar a ser gratuito para alunos de escolas públicas e método parcial ou único de ingresso em universidades públicas brasileiras, ganhou visibilidade nacional na virada do século.

Além disso, Rojo (2009) aponta como o mundo, de maneira geral, transformou-se sobremaneira a partir dessa década, especialmente nos últimos vinte anos, isto é, final do século XX e início do século XXI, destacando quatro mudanças que exigem novos letramentos ou ao menos a revisão deles, incluindo, os letramentos escolares. São elas: “a vertiginosa *intensificação* e a *diversificação da circulação da informação*”, “a *diminuição das distâncias espaciais*”, “a *diminuição das distâncias temporais* ou a *contração do tempo*” e “a *multissemiose*” (ROJO, 2009, p. 105, grifos do autor) que serão discutidas na sequência.

1.1.1. Mudanças importantes para reflexão

As mudanças ressaltadas por Rojo (2009) têm estreitas relações com a proliferação das TICs e, em particular, da Internet que teve seu “*boom*”, principalmente, entre os últimos anos do século XX – com destaque para 1995 que foi “o primeiro ano de disseminação da *world wide web*” e apresentou “*16 milhões de usuários* de redes de comunicação por computador no mundo” (CASTELLS, 2003, p. 8, grifos meus) – e primeiros anos do terceiro milênio que, conforme Castells (2003), atingiram o número de 400 milhões de usuários no planeta. É, então, pertinente entender essas transformações um pouco melhor.

Sem pretender ser exaustiva em tratar de assunto já amplamente descrito por estudiosos da área (CASTELLS, 2003; COPE & KALANTZIS, 2005; LANKSHEAR & KNOBEL, 2008; ROJO, 2009) nem reducionista a ponto de fazer exposições limitadas, convém neste momento do trabalho realizar (breve) explanação sobre a relação das TICs com o contexto histórico-social e destacar alguns eventos que merecem atenção.

Segundo Braga (2007), nos anos 90 foram ampliadas práticas sociais relacionadas à tecnologia digital, até cotidianas, como “pontos de auto-atendimento nos bancos, preenchimentos de declaração do imposto sobre a renda, transações comerciais *on-line*, pesquisas na internet” (BRAGA, 2007, p. 181). A difusão das novas tecnologias implicou em novos modos de leitura, produção e circulação de textos que se distanciam dos meios impressos. Ainda que esse não seja o objetivo da pesquisa e haja trabalhos mais profundos e complexos a esse respeito, não há como não tratar aqui, ainda que superficialmente dessas questões, para melhor preparar o campo para a análise de meu *corpus*.

Segundo Chartier (1999), tratou-se de uma revolução, tanto “nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (CHARTIER, 1999, p. 13), sendo que o meio eletrônico reúne “técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito, permaneciam separadas” (CHARTIER, 1999, p. 16), suscitando estudos, já que “sequências temporais que eram distintas, que supunham operações diferentes, que introduziram a duração, a distância, se aproximam” (CHARTIER, 1999, p. 17).

A advertência de Chartier no final do século XX é intensificada, quando se pensa nos primeiros anos do século XXI, ao se considerar que o texto eletrônico não mais sustentaria “uma relação muito mais distanciada, não corporal” (CHARTIER, 1999, p. 16) por estar na tela do computador, a princípio fixo, diante da profusão de máquinas móveis e de fácil transporte como *laptops*, *netbooks*, aparelhos telefônicos e *tablets*, entre outros, conectados à Internet.

A Internet, inicialmente ARPANET, criada para finalidades militares, foi com o passar do tempo apropriada pelo mundo dos negócios e pela mídia e hoje é usada pela população que a acessa para diversos propósitos – e por meio de diversos aparelhos –, podendo aproximar indivíduos que, talvez, não pudessem se encontrar fisicamente por questões de ocasião, dinheiro e dificuldades dos mais variados níveis. Com isso, atenuam-se diferenças espaciais.

Castells (2003), afirma que “A Era da Internet foi aclamada como o fim da geografia”, porém, contesta essa ideia ao defender que “Redefine distâncias, mas não

cancela a geografia” (CASTELLS, 2003, p. 170), pois ainda existem concentrações espaciais, embora ocorram dispersões. Assim, o que prevalece é a interconexão de lugares, um espaço híbrido, apontando para a articulação entre *on-line* e *off-line*.

Por outro lado, as distâncias são reduzidas, também em termos “culturais e informacionais” (ROJO, 2009, p.105) à medida que informações variadas (desde científicas até não fundamentadas) podem circular rapidamente e atingir público amplo de pessoas. Além disso, com o barateamento das tecnologias digitais e inexistência de um controle específico, propiciou-se o acesso a obras antes exclusivamente encontradas em bibliotecas e museus ou mesmo extremamente difíceis de localização devido a barreiras físicas (estarem em outros países), linguísticas (não haver tradução), culturais (pertencerem a determinados grupos) e financeiras (uma vez que se tinha que comprar ou importar, apresentando gastos com fretes, por exemplo).

Assim, não só os impressos foram popularizados, como também filmes, músicas, imagens, entre outros, que podem ser explorados e até mesmo baixados gratuitamente nas próprias máquinas dos usuários, propiciando diálogo multicultural e o que García-Canclini (2008) caracteriza como “descoleção”: cada usuário, por meio das tecnologias pode montar seu próprio repertório de objetos culturais, fazendo sua própria coleção em um movimento no qual “desestruturam-se as imagens e os contextos, as referências semânticas e históricas que amarravam seus sentidos” (GARCÍA-CANCLINI, 2008, p. 304).

Contudo, não pretendo transmitir postura utópica que acredite na dissolução de controles de poder e hierarquias. Advirto que a possibilidade de cada sujeito formar sua própria coleção por meio das tecnologias não se faz de maneira neutra, destacando-se, pois

a assimetria existente, em sua produção e seu uso, entre os países centrais e os dependentes, entre consumidores de diferentes classes dentro de uma sociedade. As possibilidades de aproveitar as inovações tecnológicas às próprias necessidades produtivas e comunicacionais são desiguais (...) as novas tecnologias não só promovem a criatividade e a inovação. Também reproduzem estruturas conhecidas (GARCÍA-CANCLINI, 2008, p. 308-309).

Podem, então, reproduzir conhecidas estruturas de controle do poder. Entretanto, forma-se no meio digital a potencialidade de que barreiras sejam atenuadas e novas coleções sejam constituídas, possibilitando também o protagonismo de sujeitos, o que foi reforçado com a *web 2.0*¹⁷ em cuja história as redes sociais têm realce.

Entre algumas dessas mais populares a nível mundial estão MySpace, Facebook, Twitter e Orkut (LANKSHEAR & KNOBEL, 2008). Knobel & Lankshear (2008) apontam três características gerais que são compartilhadas em redes sociais, a saber, a construção de um perfil público ou semi-público pelos usuários, articulação com sujeitos que estão também associados e, finalmente, a visão e possível atravessamento de listas de conexões de outros. Além disso, vale a pena mencionar como a participação nelas propicia práticas letradas já existentes e até a criação de novas.

Ao considerar que o *corpus* da pesquisa foi constituído com enunciados de uma rede social é fundamental, para o desenvolvimento do trabalho, entender o seu funcionamento e suas características. O ambiente selecionado, o Orkut, será minuciosamente, descrito no próximo capítulo, porém, cabem aqui considerações sobre redes sociais em termos gerais que, marcadas pela interação e conexão entre seus membros, foram bem recebidas pelos brasileiros que adotaram algumas como suas prediletas.

Entre elas, está o Orkut que pode ser localizado no endereço eletrônico www.orkut.com. Criado em 2003, pelo engenheiro Orkut Buyukkokten, da empresa Google, esse *site* de relacionamentos teve, poucos meses após o início de suas atividades, enorme aceitação por parte de usuários da Internet no Brasil.¹⁸ A rede, assim, foi tema de diversos trabalhos acadêmicos, matérias em jornais e revistas, postagens de *blogs* e até de músicas populares. Ocorre que, em outros países, a rede social de maior sucesso foi, e continua sendo, o Facebook que – disponível em www.facebook.com foi lançada em 2004 por Mark Zuckerberg no contexto universitário norte-americano e difundido para o domínio

¹⁷ Há uma distinção entre *web 1.0* e *web 2.0*. A primeira seria, em termos gerais, enquadrada como a internet em que há uma nítida divisão entre o papel do usuário e do programador, enquanto a *web 2.0*, criada em 2004, destaca-se, sobretudo, por um processo colaborativo dos usuários, como é o caso de ambientes como o Youtube, Facebook, Wikipédia e Orkut. Para mais informações consultar O' Raily, 2005.

¹⁸ Disponível em: <http://blog.orkut.com>. Acesso em: 30 ago. 2011.

público dois anos mais tarde – destacadamente a partir do ano de 2011 começou a ganhar espaço no Brasil, desbancando o Orkut.

Dessa forma, estima-se que, em abril de 2011, 7 em cada 10 brasileiros conectados à Internet acessavam o Orkut e no segundo semestre do mesmo ano já se despontavam matérias na mídia sobre o fato de o Facebook tê-lo ultrapassado.¹⁹ Recentemente, propaga-se que existiriam 68,2% dos internautas do Brasil no Facebook, contra 64% de orkuteiros, no mês de agosto do mesmo ano, de acordo com dados divulgados pelo Ibope.²⁰

Não é intenção aqui discorrer sobre a precisão dos dados, qualidades ou falhas de uma e outra rede social, tampouco descrever suas semelhanças e diferenças que podem ser abordadas por outros trabalhos, mas mostrar, em última instância, a efemeridade dos ambientes da Internet cuja contração do tempo causa obsolescência. Essa característica das redes sociais não pode ser desprezada, nem vista como depreciativa a ponto de invalidar as práticas sociais que nelas ocorrem. Contrariamente, nos ambientes acontecem práticas letradas interessantes para se pensar na questão dos letramentos e do ensino-aprendizagem de língua(s) e a questão de sua fugacidade deve ser considerada ao analisá-las.

Uma hipótese que explica a rápida redução do valor, da popularidade e uso de alguns ambientes no meio digital é o fato de as distâncias temporais terem sido diminuídas, implicando em maior rapidez na utilização deles e avidez por novidades pelos usuários, o que não equivale sempre a desaparecimento. Em relação ao Orkut, por exemplo, embora tenha ocorrido migração de grande parte dos orkuteiros para o Facebook, percebe-se que muitos usuários permanecem – com contas nos dois ambientes, inclusive – por participarem de práticas diferenciadas em uma e outra rede social, como é o caso das comunidades virtuais analisadas neste trabalho que, no início de 2012, apresentavam fóruns com práticas de treinamento para redação de textos em contextos vestibulares e/ou escolares de maneira frequente (ver Capítulo 3). Práticas que podem vir a desaparecer ou serem transformadas ao

¹⁹ Informações extraídas de SBARAI, R. “Especialista prevê morte do Orkut”. In: *Veja on-line*. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/especialista-brasileiro-preve-morte-do-orkut>. Acesso em 28 dez. 2011.

²⁰ Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/tendencias/facebook-atinge-309-milhoes-de-usuarios-no-brasil-orkut-29-milhoes/>. Acesso em: 28 dez. 2011.

longo do tempo, sendo difícil determinar seu futuro em função dos diferentes usos e apropriações da tecnologia pelos sujeitos que têm trazido importantes implicações, inclusive, para o processo de escolarização, principalmente, em relação às várias possibilidades de trabalho em contexto escolar que TICs permitem e facilitam.

Significantes inovações chegam às salas de aula, por exemplo, a partir da possibilidade de o conteúdo ser trabalhado em várias mídias que não somente as impressas e, algumas delas, mais próximas das atividades cotidianas dos alunos, como vídeos, músicas ou a Internet, em geral. Outra mudança foi a facilidade para a ênfase no trabalho colaborativo e interativo em que os internautas (e alunos) são também agentes, o que impõe reflexões sobre a questão da autoria.

Se por um lado, a construção do conhecimento no meio passa a ser conjunta, por outro lado, a noção de autoria é diluída e até mesmo perdida, desfazendo-se a ideia do “autor romântico” (“*romantic authorship*”) e enfatizando-se a autoria colaborativa (“*collaborative authoring*”) (ERSTAD, 2008, p. 188-189). Na rede, tem-se acesso à informação e a trabalhos de outras pessoas e de autores dos quais aprendizes podem se apropriar, não plagiando – embora infelizmente, isso também ocorra – mas criando, ressignificando (LANKSHEAR & KNOBEL, 2008) e reconfigurando práticas como o *remixing*,²¹ que não sendo algo novo, foi, porém, facilitado com as TICs (ERSTAD, 2008).

Ademais, com a reunião de diversas semioses no meio digital, como imagens e sons, por exemplo, o modo como se produz sentido é diretamente afetado, uma vez que os significados no multimídia não são fixos e aditivos, mas multiplicativos, formando um conjunto muito mais expressivo do que a simples soma das partes (LEMKE, 1998, p. 283-284), demandando educação também sobre a multissemiose, o que não será abordado com profundidade por fugir aos objetivos desta pesquisa, mas que é de fundamental importância.

Transformações como essas demandam, então, remodelações das funções dos educadores que passam a ser gerenciadores. Ademais, modificam-se relações com o próprio conhecimento, uma vez que explorar as novas possibilidades de sentido faz-se extremamente necessário, o que reclama interdisciplinaridade e até a migração de

²¹ Ver Erstad, 2008.

elementos não presentes no currículo escola tradicional, como a implantação de jogos eletrônicos (BUCKINGHAM, 2008), por exemplo.

Vale a pena mencionar que, diante de tantos efeitos gerados pela mediação das TICs nos processos de escolarização, é igualmente importante que os alunos entendam quais tipos de habilidades são necessárias para serem sujeitos nessa nova realidade e a maneira como as Tecnologias geram capitais que determinam estruturas sociais e relações de poder que têm impacto nas práticas sociais, ocasionando, muitas vezes, a reestruturação no nível da linguagem com implicações para a própria escola, pois fatores socio-estruturais podem levar uma sociedade a mudanças e essas, por sua vez, geram outras novas transformações em um processo cíclico. Logo, trata-se de mudanças que requerem repensar-se nos letramentos e suas práticas.

O breve percurso histórico apresentado, entrelaçando práticas sociais e tecnologia, deve-se à necessidade de contextualizar o presente trabalho na área, já que “Uma visão de letramento que não considera as dimensões sociais do que também é uma prática técnica não é suficiente. Mas ignorar as dimensões técnicas pode não revelar a importância potencial de novas mídias, como o código, nessas práticas sociais” (PERKEL, 2010, p. 497). Evidencia-se, pois, a importância de conhecer melhor o funcionamento dos ambientes e de suas ferramentas no meio digital.

Dessa forma, diante da necessidade de refletir sobre essas práticas sociais e letradas, bem como contextualizar a área para os leitores, indaguei-me sobre o que a academia tem feito para tratar dessas questões em termos de pesquisas e investigações. Impulsionada por melhor entender a relação entre linguagem e tecnologia por meio de trabalhos acadêmicos já desenvolvidos, realizei uma pesquisa de “estado da arte” que, embora sendo tarefa exaustiva, possibilita compreensão mais ampla do campo, conhecimento de estudos que já foram concebidos e a localização de meu próprio trabalho dentre os já concluídos.

1.2. Estado da arte: descrições e considerações sobre trabalhos de pós-graduação

Ao focar-me na busca da produção acadêmica que se tem feito em nosso país procurando articular linguagem e tecnologia, encontrei o estabelecimento de um campo de pesquisa que, com pequenas variações terminológicas, caracteriza-se pela abordagem dessa relação. Assim, deparei-me, por exemplo, com alguns programas de pós-graduação em universidades distintas nos quais se destacam áreas e/ou linhas de pesquisa, denominadas, por exemplo, como “Linguagem e Tecnologias” no programa de pós-graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP, “Linguagem, Tecnologia e Ensino” no programa de pós-graduação em Letras da UFPE, “Linguagem e Tecnologia” no programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG e “Linguagem, Tecnologia e Educação” no programa de pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, entre outras existentes (ver Quadro 1).

Esta pequena amostragem de algumas áreas de concentração e/ou linhas de pesquisa de programas de pós-graduação em estudos linguísticos já aponta para a variação geográfica (diferentes estados), institucional (universidades federais, estaduais e privadas) e de grupos de pesquisa (professores e estudantes a ele filiados) nos quais há trabalhos sendo desenvolvidos, indicando a amplitude e expressividade do momento histórico em que me encontro e, por conseguinte, a demanda de pesquisas para o entendimento do modo como as mediações tecnológicas têm sido usadas, transformadas ou utilizadas para transformar, bem como suas implicações e possibilidades.

Dessa forma, principiei a busca pelos trabalhos desenvolvidos no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), que é o local onde me encontro, ligada a um de seus programas de pós-graduação, identificando os estudos ali desenvolvidos que abordassem as novas mediações tecnológicas. Emergiu, então, a necessidade de uma expansão para a investigação das produções acadêmicas de toda a universidade onde me situava. Assim, segui à procura de programas de pós-graduação na UNICAMP que estivessem ligados com a área de pesquisa, bem como de trabalhos que pudessem dialogar com o meu. A esse respeito destacaram-se dois locais dentro da UNICAMP, a saber, a Faculdade de Educação – FE – e o Instituto de Artes – IA.

Ademais, partindo do pressuposto de que meus interesses de pesquisa encontram-se em uma área urgente de investigação, tornou-se indispensável ampliar o trabalho de “estado da arte” para outras universidades, alargando as buscas para instituições de Ensino Superior de todo o país.

Por isso, iniciei um levantamento dos principais centros de Ensino Superior brasileiros, com ênfase nos federais e estaduais, buscando os programas de pós-graduação que se denominassem como pólos de produção de pesquisas em linguagem ligadas às novas tecnologias digitais. Contudo, tendo em vista a impossibilidade de abranger todos os trabalhos produzidos no assunto, restringi-me às áreas enfocadas pela Linguística Aplicada descartando as áreas de Biológicas e Exatas, por exemplo, em função de meus interesses de pesquisa estarem voltados aos efeitos de sentido da linguagem. Logo, os cursos nos quais busquei e mais localizei trabalhos foram Letras, Linguística, Estudos Linguísticos, Educação e Comunicação.

Foram dezenas e dezenas as instituições investigadas (ver anexo 1), sendo que meu procedimento pautou-se pela identificação de suas páginas eletrônicas e, na sequência, pela localização de seus cursos de pós-graduação *strictu sensu* – mestrado e doutorado – bem como de suas linhas de pesquisa e áreas de concentração. A despeito de minha hipótese inicial de que não haveria muitos cursos dentro desses critérios, encontrei uma riqueza de programas, linhas e áreas nos locais pesquisados cujos resultados serão agora fornecidos. No quadro²² a seguir, enumero cada um desses programas, bem como as universidades a que pertencem, seus estados, níveis²³ e linhas de pesquisa/área de concentração:

²² O Quadro 1 foi formulado com base em buscas realizadas até setembro de 2010 e o critério para a sequência de apresentação dos programas de pós-graduação foi a colocação dos estados em ordem alfabética.

²³ O nível mencionado refere-se a Mestrado (M) e Doutorado (D).

Universidade	Estado	Programa de pós-graduação	Nível	Linha de pesquisa/ área de concentração
UFAL	AL	Educação Brasileira	M	“Tecnologias da informação e comunicação na educação”
UNEB	BA	Educação e contemporaneidade	M; D	“Educação, Tecnologias intelectuais, currículo e formação do educador”
UFBA	BA	Comunicação e Culturas contemporâneas	M; D	Cibercultura
UECE	CE	Educação	M	“Aprendizagem docente, tecnologias digitais e formação de professores”
CEFET-MG	MG	Estudos de Linguagens	M	“Linguagens, ensino e mediações tecnológicas”
PUC- Minas	MG	Educação	M	“Educação, ciências e tecnologias”
UFMG	MG	Estudos Linguísticos	M	“Linguagem e Tecnologia”
UNEMAT	MT	Educação	D	“Educação: arte, linguagem e tecnologia” e “Educação à distância”
UFPE	PE	Letras	M; D	“Linguagem, tecnologia e ensino”
PUC-RJ	RJ	Letras	M; D	“Descrição do português, ensino e tecnologia”
UERJ	RJ	Comunicação	M	“Tecnologias de comunicação e Cultura”
UNESA	RJ	Educação	M; D	“Tecnologias de informação e comunicação nos processos educacionais”
UENF	RJ	Cognição e Linguagem	M	“Pesquisa interdisciplinar em Comunicação, Educação e Novas Tecnologias da Informação”
UFRJ	RJ	Linguística	M; D	“Tecnologias linguísticas e materiais pedagógicos”
UFF	RJ	Comunicação	M; D	“Tecnologias da Comunicação e da Informação”
UFRR	RR	Educação	M	“História da educação, processos de trabalho e novas tecnologias”
UCS	RS	Educação	M	“Educação, linguagens e tecnologias”

UNISC	RS	Educação	M	“Aprendizagens, tecnologias e linguagens na educação”
UNISINOS	RS	Ciências da Comunicação	M; D	“Cultura, cidadanias e tecnologias da comunicação”
UNISINOS	RS	Linguística Aplicada	M; D	“Linguagem, tecnologias e interação”
UNISINOS	RS	Educação	M; D	“Educação, desenvolvimento e tecnologias”
UFRGS	RS	Educação	M; D	“Educação: arte, linguagem e tecnologia” e “Educação à distância”
UDESC	SC	Educação	M	“Educação, comunicação e tecnologia”
UFSC	SC	Linguística	M; D	“Linguagem: discurso, cultura escrita e tecnologia”
UAM	SP	Comunicação	M	“Mediação tecnológica e processos sociais”
PUC-SP	SP	Linguística Aplicada e estudos da linguagem	M; D	“Linguagem, tecnologia e educação”
PUC-SP	SP	Tecnologias da Inteligência e Design Digital	M; D	“Processos cognitivos e ambientes digitais”
USP	SP	Ciências da Comunicação	M; D	“Comunicação e ambiência em redes digitais”
UNICAMP	SP	Linguística Aplicada	M; D	“Linguagem e tecnologia”
UNICAMP	SP	Educação	M; D	“Educação, Ciência e Tecnologia”
UFSCar	SP	Ciência, Tecnologia e Sociedade	M	“Dimensões sociais da ciência e da tecnologia” e “Gestão tecnológica e sociedade sustentável”.
UFSCar	SP	Educação	M; D	“Formação de professores e outros agentes educacionais, novas tecnologias e ambientes de aprendizagem”
UFSCar	SP	Linguística	M; D	“Linguagem humana e tecnologia”
MACKENZIE	SP	Educação, arte e história da cultura	M; D	“Linguagens e Tecnologia”

Quadro 1 – Programas de pós-graduação no Brasil relacionado linguagem às novas tecnologias digitais

Os dados mostram considerável número de cursos de pós-graduação que deixam explícitos nos nomes de suas linhas e áreas o objetivo de abordar as novas mediações tecnológicas em suas pesquisas de mestrado e doutorado. Embasada nas informações, elaborei um mapa através do qual é possível visualizar mais claramente a distribuição desses programas de pós-graduação em todo o país:



Figura 1 – Distribuição dos programas de pós-graduação, na área de Humanas, com linhas de pesquisa ou áreas de concentração relacionadas às novas tecnologias digitais, no Brasil

Por meio do mapa (Figura 1) e do Quadro 1 é possível observar a distribuição dos programas de pós-graduação encontrados cujas linhas de pesquisa ou áreas de concentração relacionadas aos estudos linguísticos se denominam articuladas às novas

tecnologias digitais no Brasil.²⁴ Desse modo, a região que mais se destaca é a Sudeste, com 19 programas (10 no estado de São Paulo, 6 no Rio de Janeiro e 3 em Minas Gerais), sendo esta a região onde estou situada; seguida pela região Sul com 8 programas: 6 no Rio Grande do Sul e 2 em Santa Catarina.

Na região Nordeste, por sua vez, encontram-se programas espalhados por vários estados, como Pernambuco e Alagoas, sendo dois deles localizados no mesmo local (Bahia), ainda que em universidades distintas.

É interessante notar como todas as regiões brasileiras já apresentam programas de mestrado e doutorado desse tipo, ainda que seja somente um, como é o caso da região Norte (1 programa em Roraima) e da região Centro-Oeste (1 programa no Mato Grosso).

Se, por um lado, esses programas abordam o tema, por outro lado, eles próprios possuem diferentes perspectivas de pesquisas. Algumas, como na área de Comunicação, focalizam os processos de interação, produtos midiáticos e comunicativos; outras na área de Educação atêm-se às implicações das novas tecnologias para os processos educativos ou para possibilidades de ensino-aprendizagem ao utilizá-las, como é o caso do ensino à distância (EAD).

Vale a pena ressaltar que esse levantamento proposto cujos resultados foram apresentados não consegue identificar a quantidade de grupos de pesquisas que estão vinculados aos programas de pós-graduação encontrados e também trabalham na área, sequer contemplar todos os programas existentes e, por conseguinte, teses e dissertações que se ocuparam da temática.

Assim, é imprescindível advertir que pode haver trabalhos que, embora não inseridos nessas áreas de concentração e linhas de pesquisa explicitamente denominadas como relativas às novas mediações tecnológicas, também abordem o tema. Um exemplo é meu próprio estudo que, oficialmente, insere-se na área de “Língua Materna” do curso de mestrado em Linguística Aplicada do IEL-UNICAMP e não em “Linguagem e Tecnologias”, como poderia ser esperado. Minha dissertação não é um caso isolado, mas

²⁴ É importante destacar que tanto o Quadro 1, como a Figura 1 (Mapa) com a distribuição dos programas de pós-graduação brasileiros foram elaborados a partir de pesquisas e levantamentos encerrados no final de 2010, sendo que, devido a questões temporais, alguns programas podem ter surgido ou até sido extintos.

outros exemplos podem ser localizados, tanto no próprio IEL e na UNICAMP, como nas outras universidades brasileiras.

No IEL, por exemplo, a dissertação de mestrado **Escrita, interlocução e moderação em fórum on-line do Orkut** (LIMA, 2010) investiga práticas de interação no digital por meio da escrita, porém, foi desenvolvida também dentro da área “Língua Materna”. Fora do Instituto, mas também na UNICAMP, encontram-se ainda vários trabalhos realizados no Instituto de Artes, como a tese de doutorado **Transcriações: reinventando poemas em mídias eletrônicas** (TOSIN, 2010).

Situação semelhante também pode ser verificada em outras instituições do país. Na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – no programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem, existe a área de concentração denominada “Linguagem e Cultura” que, apesar de não trazer a temática explícita em seu nome, possui uma gama de trabalhos com o tema. Alguns exemplos são as dissertações de mestrado **Gêneros digitais e a escrita no orkut: reconfigurações do gênero bilhete** (MARTINS, 2007) e **As relações discursivas no meio acadêmico e as influências decorrentes do uso das novas tecnologias de comunicação: uma análise do e-mail** (RODRIGUES, 2009).

Outro local em que essa situação pode ser verificada é na Universidade de São Paulo – USP – onde há pesquisas relacionadas ao tema e distribuídas em diversas unidades e cursos. Na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), por exemplo, localiza-se a tese **Conectores de causa e condição em fóruns de discussão na Internet** (INGLEZ, 2007), no Departamento de Filologia e Língua Portuguesa; a tese **Interação de professores em fóruns eletrônicos: um estudo de caso do programa Educar na Sociedade da Informação** (STAROBINAS, 2008) na Faculdade de Educação (FE) e ainda o trabalho de doutorado **A rizomática aventura da hipermídia: uma análise da narrativa no ambiente digital** (TEIXEIRA, 2007) na Escola de Comunicações e Artes (ECA).

Desse modo, a primeira consideração que faço acerca dos trabalhos na área é sobre a peculiaridade de realizarem interfaces, ou seja, não há como enquadrá-los dentro de limites acadêmicos como áreas de concentração, linhas de pesquisa e departamentos, uma vez que tratam de objetos complexos que não se restringem a divisões disciplinares. Ao

perscrutar as produções acadêmicas, em Língua Materna ou Língua estrangeira no IEL, por exemplo, percebe-se que há pesquisadores com projetos que fazem interface com o que é academicamente definido como área de concentração “Linguagem e Tecnologias”, indicando como a “contaminação” entre linhas e áreas é característica do objeto.

As intersecções, muitas vezes, extrapolam os próprios limites dos cursos. No programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – foi desenvolvida a pesquisa de mestrado **Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão cibercultura** (MÁXIMO, 2002), por exemplo. Outro caso é a dissertação **Usos políticos do ciberespaço pelas redes de movimentos sociais** (GONÇALVES, 2001), localizada no programa de pós-graduação em Direito da mesma universidade.

Por outro lado, também podem ser encontrados trabalhos que são definidos pelos limites acadêmico-administrativos como pertencentes à área de linguagem e tecnologia, mas não o são de fato. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – há duas dissertações do Programa de Pós-graduação em Linguística, na linha de pesquisa “Tecnologias Linguísticas e Materiais Pedagógicos” que tinham foco em questões de fonética, fonologia e outros aspectos linguísticos que prescindem do meio digital para serem desenvolvidas, a saber, **O desenvolvimento da consciência fonológica e o processamento auditivo em crianças da última série do ensino infantil** (PEREIRA, 2007) e **Uma análise funcionalista do uso das construções com ONDE no português do Brasil** (MANFILI, 2007).

Destaco, portanto, que forte tendência verificada para os estudos da linguagem e as novas tecnologias nos últimos anos é a interface entre linhas, departamentos e cursos e minha explicação é que essa situação seja decorrente da complexidade de investigar práticas mediadas pelas novas tecnologias que recorrem a outros campos, áreas e disciplinas para estudos mais produtivos e amplos (KLEIMAN & CAVALCANTI, 2007).

Contudo, como toda pesquisa exige que se faça um recorte com objetivo analítico diante da impossibilidade prática de abarcar todo o campo, resolvi restringir minhas buscas a programas de pós-graduação em Letras, Linguística e Estudos Linguísticos no país, sendo que, para meu objetivo de levantar suas produções acadêmicas, o uso da

tecnologia foi fundamental. Na Internet, pude localizar trabalhos na íntegra, nas bibliotecas virtuais das universidades, quando disponibilizados.

É importante destacar que as datas a partir das quais as pesquisas de mestrado e doutorado são disponibilizadas variam de uma instituição para outra, entretanto, como meus interesses estavam nos estudos mais recentes, não surgiram problemas, pois, geralmente, as produções digitalizadas referem-se aos últimos anos. Assim, a etapa seguinte do trabalho, então, foi percorrer as produções disponíveis, lendo seus resumos e buscando por aquelas que, em alguma medida, tivessem como objetos de investigação gêneros circulando no meio digital, visto ser este meu foco de análise. Mais precisamente, foram quatro os critérios para seleção dos trabalhos:

- a) Teses e dissertações que tratassem de ambientes da *World Wide Web*, a Internet;
- b) Teses e dissertações cujos *corpora* fossem constituídos de produções linguísticas realizadas ou disponíveis na *web*;
- c) Teses e dissertações que focalizassem gêneros que circulam no *ciberspaço* e a composição deles no meio digital e em seus ambientes;
- d) Teses e dissertações que estivessem em áreas de concentração e/ou linhas de pesquisa relacionadas com a Linguística Aplicada e que se autodenominassem ligadas às tecnologias.

Os critérios refinaram as buscas, levando-me a compor um conjunto de 88 produções acadêmicas dentre teses e dissertações, desenvolvidas na UFMG, UFPE, UFSCar, UNICAMP, UNISINOS, PUC-RJ e PUC-SP para investigações e consequentes reflexões. No quadro²⁵ abaixo é possível conhecer os programas de pós-graduação, suas áreas e/ou linhas de pesquisa, bem como a quantidade de trabalhos encontrados que respondiam aos critérios estabelecidos:

²⁵ O quadro foi composto por pesquisas nas bibliotecas virtuais até o período de 21 out. 2010.

Universidades	Programas de pós-graduação	Áreas e/ou linhas de pesquisa	nº trabalhos identificados
UFMG	Estudos linguísticos	“Linguagem e Tecnologia” (Linguística Aplicada)	11
UFPE	Letras	“Linguagem, tecnologia e ensino” (Linguística)	8
UFSCar	Linguística	“Linguagem Humana e Tecnologia”	1
UNICAMP	Linguística Aplicada Linguística	“Linguagem e Tecnologias”	25
UNISINOS	Linguística Aplicada	“Linguagem, tecnologias e interação”	4
PUC-RJ	Letras	“Descrição do português, ensino e tecnologia” (Estudos da Linguagem)	7
PUC-SP	Linguística Aplicada e Estudos da linguagem	“Linguagem, tecnologia e educação”	32

Quadro 2 – Trabalhos identificados por universidade nos programas de pós-graduação em estudos linguísticos

A investigação, contudo, não abarca, e nem poderia, a totalidade de produções acadêmicas da área, tampouco possui a pretensão de compreender 100% das teses e dissertações dos cursos identificados, mas acredito ter realizado um levantamento bastante exaustivo que possibilita significativo delineamento do campo.

As informações apresentadas compõem pequena amostragem dentre os trabalhos que trabalham com a temática no Brasil, porém, por meio delas já se pode verificar tendências ao analisá-los mais detalhadamente. Foi, então, o que procurei fazer, conhecendo o conteúdo das teses e dissertações e identificando seus objetivos gerais e específicos, metodologias, materiais e objetos analisados, bem como as teorias que as embasaram, por exemplo, pela leitura de seus resumos e, em alguns casos, dos trabalhos integrais.

Dentro do período de investigação, isto é, até o ano de 2010, observei que as produções acadêmicas selecionadas variavam entre os anos de 1999 e o mesmo ano em que a pesquisa de estado da arte foi finalizada, ou seja, contemplaram o último ano do século XX e a primeira década do terceiro milênio em contiguidade com a disseminação das TICs

e a globalização, tanto cultural como econômica, ancoradas às possibilidades oferecidas pelos computadores e, em especial, pela Internet (BRAGA, 2007).

A passagem para o século XXI pode ser considerada um marco histórico para os estudos linguísticos por oferecer novas práticas letradas no meio digital ou mesmo transformar algumas já existentes, como indicam os trabalhos encontrados. Ao procurar estabelecer um panorama deles em termos cronológicos, pôde ser elaborado o gráfico:

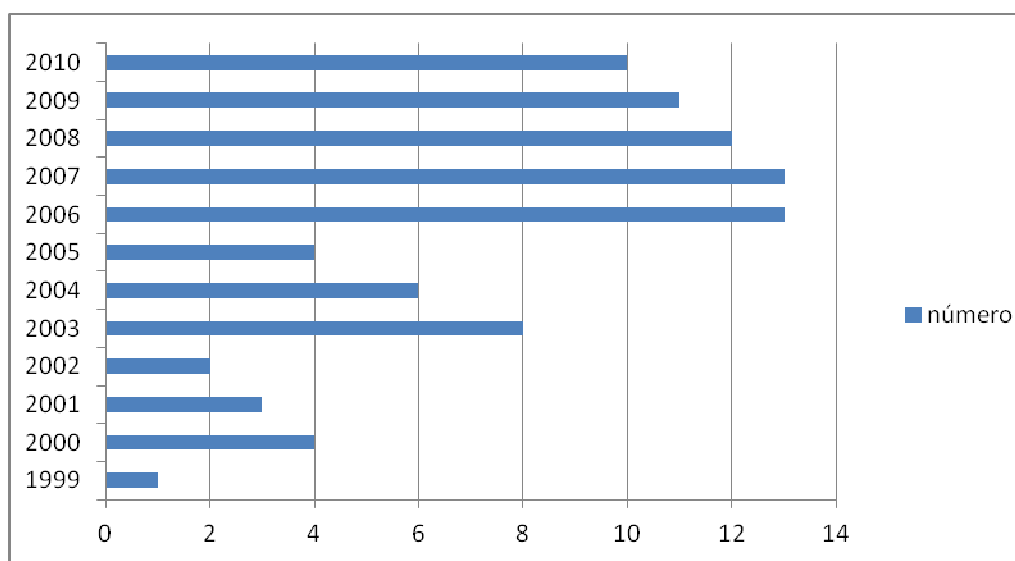


Figura 2 – Panorama cronológico dos trabalhos entre 1999 e 2010 selecionados das bibliotecas virtuais

Por meio dos dados do gráfico, observa-se crescimento no número de trabalhos defendidos, na área, na virada do século, com destaque para os anos de 2003 e de 2006 a 2009. O aumento no interesse por estudos no início do século XXI pode ser justificado pela relevância social que tiveram as TICs com a difusão de computadores no cotidiano dos brasileiros com quedas nos preços das máquinas, lançamento de telefones móveis com várias funções e acesso ao meio digital, criação de diferentes programas para que não especialistas pudessem usar as novas tecnologias (alguns até gratuitos), popularização da Internet e da *web 2.0* e de suas redes sociais. O Orkut e o Facebook, por exemplo, foram criados em 2003 e 2004, respectivamente.

Ao observar os trabalhos, notei que os propósitos de investigação dos mestrandos e doutorandos são diversos, ainda que alguns deles tenham trabalhado com o

mesmo material linguístico. Assim, há desde pesquisas voltadas para preocupações pedagógicas até análise de interações em fóruns *on-line* e de relações entre a escrita em ambientes da Internet e em contextos *off-line*, por exemplo. Os materiais frequentemente analisados são: enunciados obtidos em *sites*, *blogs*, ambientes de EAD, redes sociais e ferramentas como *e-mail*, *MSN-Messenger* e salas de bate-papo.

O relevo das novas tecnologias para a sociedade e, por conseguinte, para o meio acadêmico brasileiro nos últimos anos pode ser ratificado também pela formação no campo de grupos científicos, como o Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional da Universidade Federal de Pernambuco (NEHTE) criado em 2005 e a Associação Brasileira de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional (ABEHTE) criada em 2007; pelo estabelecimento de novas áreas de concentração e linhas de pesquisa nos programas de pós graduação, como a área de concentração “Linguagem e Tecnologias” no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP no programa de pós-graduação em Linguística Aplicada em 2005; pela organização de eventos como o Encontro Nacional sobre Hipertexto desde 2005 e pela elaboração de periódicos e revistas como a **Revista Novas Tecnologias na Educação** (RENOTE), publicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul a partir de 2003, por exemplo.

Voltando ao gráfico, minha hipótese é a de que os índices de 2010 não se sobrepuseram aos demais anos, devido ao fato de minha “pesquisa de estado da arte” ter se encerrado no final de outubro desse ano, não contemplando possíveis trabalhos que poderiam estar sendo concluídos, mas ainda não terminados ou publicados nas bibliotecas virtuais das universidades. O número poderá ampliar-se com pesquisas futuras que levantarem produções acadêmicas entre o final de 2010 e 2011-2012.

Já pude, inclusive, conhecer algumas dessas, ainda que não finalizadas, por exemplo, em congressos, seminários e simpósios realizados ao longo de 2011. A relevância que as discussões sobre o *ciberespaço* e a produção textual dos indivíduos nesses ambientes passaram a ter reflete-se, portanto, nas preocupações dos pesquisadores dentro da academia, mas não somente. Nos PCNEM (2000), por exemplo, considera-se:

Cabe à escola, em parceria com o mercado, o Estado e a sociedade, fazer do jovem um cidadão e um trabalhador mais flexível e adaptável às mudanças que a tecnologia vem impondo à vida moderna. A educação permanente será uma das formas de promover o contínuo aperfeiçoamento e as adequações necessárias às novas alternativas de adequação profissional.

Em síntese, a informática encontra-se presente em nossa vida cotidiana e inclui-la como componente curricular da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias significa preparar os estudantes para o mundo tecnológico e científico, aproximando a escola do mundo real e contextualizado (BRASIL, 2000, p. 61).

Diante da preocupação em voltar o ensino para problemáticas contemporâneas, caracterizo outra tendência das produções acadêmicas selecionadas que é articular reflexões teóricas com os acontecimentos históricos e questões atuais que precisam ser investigadas, como as TICs cujos usos feitos pelos sujeitos mudaram práticas letradas ou mesmo propiciaram a existência de outras. As teses e dissertações se prestaram, então, a tentativas de elaboração de metodologias de ensino, formulação e/ou análise de atividades, resolução de problemas em contextos de ensino-aprendizagem que podem ser utilizados pela escola para atender às exigências de preparar sujeitos “para o mundo tecnológico e científico”.

Um exemplo é a dissertação de mestrado **O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola** (RODRIGUES, 2008) na qual são investigadas possibilidades oferecidas pela tecnologia, especialmente por intermédio da utilização de um *blog* para melhorar e motivar a produção de textos de estudantes no Ensino Médio. Trabalhos como esse são recorrentes no meio acadêmico e também no conjunto de produções acadêmicas analisadas, apontando para outra tendência dos estudos linguísticos que é a articulação entre interesses teóricos e práticos.

Em relação aos quadros teóricos utilizados pelos pesquisadores para o embasamento de seus trabalhos, verifiquei o uso de mais de uma teoria, indicando hibridismo teórico. O fato de conjugar estudos não traduz confusão ou contradição por parte dos autores das produções acadêmicas, mas demonstra, antes, a riqueza com que uma pesquisa pode ser constituída e a necessidade de mais de uma base teórica, dependendo da complexidade dos objetos e dos objetivos, revelando, com isso, uma necessidade da ordem do discurso científico em integrar teorias e disciplinas.

Dentre os arcabouços teóricos mais utilizados nas pesquisas, encontram-se em relevo os chamados estudos em Letramento Digital, denominados dessa maneira por articularem investigações sobre práticas letradas no meio digital. Bawden (2008), no primeiro capítulo da obra **Digital Literacies: concepts, policies and practices** propõe-se a descrever o surgimento e o desenvolvimento da ideia de letramento digital, demonstrando como o conceito pode estar relacionado a vários outros letramentos e vem sendo tomado de diversas maneiras já que não se encontra – e acredito que nunca se encontrará – inteiramente definido, revelando usos diferentes para o termo.

Para tanto, cita alguns autores (BAWDEN, 2001; BAWDEN & ROBINSON, 2002; COPE, 2006; MARTIN, 2006 e WILLIAMS & MINNIAN, 2007 *apud* BAWDEN, 2008) – entre os quais ele próprio se insere – que tencionam esclarecer a suposta desordem, apresentando em seu texto algumas das definições difundidas. A primeira definição para o conceito de letramento digital apontada no capítulo é a de Gilster (1997 *apud* BAWDEN, 2008) que não elaborou listas de habilidades, competências ou atitudes definindo o que é ser digitalmente letrado, mas apresentou uma ampla e genérica definição em que determinou o conceito como habilidade para entender e usar a informação de uma variedade de fontes digitais (GILSTER, 1997 *apud* BAWDEN, 2008).

Ademais, para ele, ser digitalmente letrado implicaria conhecimento cognitivo e não somente no domínio de técnicas, o que, por um lado, possibilitaria aos indivíduos gerenciar suas ideias, ler e entender informações dinâmicas e não sequenciais, adquirindo conhecimentos que pudessem ser usados na vida e, por outro lado, permitiria que usuários fizessem julgamentos sobre suas atividades, envolvendo, portanto, o pensamento crítico, na publicação e na comunicação da informação.

Bawden (2008) adverte que, embora Gilster tenha sido um dos primeiros a aplicar o termo, ele não foi o pioneiro no uso da expressão letramento digital que já vinha sendo empregada por alguns autores ao longo da década de 90 com conotações diversas para tratar das formas de ler e compreender itens da informação em hipertextos ou formatos multimídia que estavam se tornando acessíveis, como por exemplo Bruce (1994/1997 *apud* BAWDEN, 2008), Lanham (1995 *apud* BAWDEN, 2008) e Shapiro & Hughes (1996 *apud* BAWDEN, 2008).

Bruce (1994/1997 *apud* BAWDEN, 2008) consideraria o letramento na era da informação e tecnologia menos como uma série de competências para serem administradas e mais como um conjunto de conhecimentos e atitudes para serem empossados pelos sujeitos. Assim, uma pessoa letrada na era da informação seria aquela que se empenharia em direções próprias (e independentes) de aprendizado, usando processos de informação, empregando uma variedade de tecnologias e sistemas, internalizando valores que promovessem a utilização da informação, bem como anunciando o conhecimento do mundo da informação, abordando-a criticamente e com estilo pessoal.

Lanham (1995 *apud* BAWDEN, 2008), por sua vez, teria enfatizado o fato de que as fontes digitais puderam gerar muitas formas de informação (textos, imagens, sons), sendo necessário o surgimento de novos letramentos mediante essas novas maneiras de apresentação da informação. Ainda na década de 90, estão as considerações de Shapiro & Hughes (1996, *apud* Bawden, 2008) que entendem o conceito como a compreensão de sete componentes: competência para usar as ferramentas; entender as formas de acesso às fontes de informação; entender a produção e o significado social da informação; usar as ferramentas tecnológicas para pesquisas e contextos escolares; habilidade para comunicar e publicar a informação; entender os novos desenvolvimentos em Tecnologia da Informação e a habilidade para avaliar os benefícios da tecnologia de maneira crítica.

Na virada do século, novas definições também surgiram, como de Eshet (2002 *apud* BAWDEN, 2008), que considera letramento digital além da habilidade para usar recursos digitais efetivamente, sendo, na realidade, um tipo especial de conjunto de habilidades mentais ou pensamento. Definição que amplia tempo depois com Alkalai (2004 *apud* BAWDEN, 2008).

Desse modo, em Eshet-Alkalai (2004 *apud* BAWDEN, 2008) encontra-se nova acepção para o termo, na qual o letramento é visto como uma espécie de habilidade de sobrevivência na era digital, sendo baseado na integração de cinco letramentos: letramento foto-visual, letramento de reprodução, letramento da informação, letramento da ramificação e, por fim, letramento sócio-emocional.

Entre as muitas considerações feitas em torno do conceito, um exemplo também pertinente são os “sete pilares” desenvolvidos pela Sconul (2006 *apud* BAWDEN,

2008) que consistem em: reconhecer a informação necessária; distinguir caminhos de tratar as lacunas; construir estratégias para localizar; localizar e acessar; comparar e avaliar; organizar, aplicar e comunicar e, finalmente, sintetizar e criar.

No século XXI também podem ser encontradas definições: Williams & Minnian (2007 *apud* BAWDEN, 2008) que abordam o letramento digital focando nas habilidades em lidar com a tecnologia informática de modo crítico e Kauhanen-Simanainen (2007 *apud* BAWDEN, 2008) que enfatizam usos efetivos da Internet e de outros recursos de rede para se falar em letramento digital, por exemplo.

Burniske (2007 *apud* BAWDEN, 2008), por seu turno, centra o conceito no aspecto de relacionar-se ao pensamento crítico, incluindo o uso crítico da linguagem, a avaliação crítica de *websites*, análises do conteúdo visual da *web*, bem como da informação visual para credibilidade, lógica e conteúdo emocional contido. Além disso, ressalta a prática de princípios éticos e etiqueta na Internet.

Dentre os muitos autores que se destacam no quadro teórico, localiza-se também Cope (2006 *apud* BAWDEN, 2008) que revisa o conceito de letramento digital, argumentando que esse deve ser entendido como possuindo um componente relativo ao letramento acadêmico, fechado para o letramento de pesquisa, aprendizagem de estilos, interpretação e integração de escritores iniciais.

Já Markless & Streatfield (2007 *apud* BAWDEN, 2008) preferem pensar em letramento digital como letramentos de informação e críticos que ofereçam uma adaptação não linear de modelos lineares tradicionais, enfatizando o pensamento crítico e a comunicação. Assim, apresentam três elementos interligados, a saber, conexão com a informação, interação com a informação e uso da informação.

Uma última definição trazida por Bawden (2008) que será mencionada, pertence a Martin (2003, 2005, 2006 *apud* BAWDEN, 2008) que sugeriu o estabelecimento de sinonímia entre letramento digital e *e-literacy* por envolverem não somente outros letramentos (informacional, computacional, moral), como a consciência, o entendimento e a avaliação reflexiva. Nessa perspectiva, letramento digital não se limitaria a habilidades relacionadas ao computador, mas também à consciência, atitude e competência dos indivíduos para se apropriarem do uso das ferramentas digitais (identificando informações,

acessando, gerenciando, integrando, avaliando, analisando e sintetizando recursos digitais) e construir novos conhecimentos, possibilitando comunicação, ação social e reflexão sobre o processo. Assim, ser digitalmente letrado tornar-se-ia uma habilidade para a vida e não necessariamente apenas para a educação formal.

Finalmente, podem-se citar outros trabalhos além dos levantados por Bawden (2008) que abordam o assunto, inclusive no meio acadêmico brasileiro, como Buzato (2007) que, pensando também na questão da inclusão, propõe como letramento digital **“redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, se entrelaçam, se contestam e se modificam mútua e continuamente por meio, em virtude e/ou por influência das TIC** (BUZATO, 2007, p. 168, grifo do autor) e Marcuschi (2005), que o define como *“letramento digital, isto é, o modo como lidamos socialmente com a escrita digital”* (MARCUSCHI, 2005b, p. 11, grifo do autor).

De modo geral, emergiram uma série de definições com particularidades, porém apresentam algumas recorrências. Entre as características mais destacadas estão a descrição de habilidades e competências específicas que seriam necessárias a todos para que informações no meio digital sejam encontradas e gerenciadas; a correlação com habilidades já conhecidas pelos indivíduos; a relação com outros tipos de letramentos; a consciência sobre as transformações em práticas no meio digital; a avaliação da informação, o uso – ou melhor, as diversas possibilidades de uso – da informação, entre outras. É plausível afirmar também que em muitas das definições a abordagem extrapola o meio digital e relaciona-se a contextos de outros meios.

Ao cotejar todas as definições acima explicitadas, como bem afirma Eshet-Alkalai (2004 *apud* BAWDEN, 2008) pode-se pensar em dois grandes grupos quando se trata do conceito de letramento digital: o que centra seus interesses, em última instância, nas habilidades operacionais para localização e acesso de informações e técnicas e um grupo que, diversamente, inclui aspectos sócio-emocionais e cognitivos, acrescentando a questão da ética e de aspectos sócio-culturais para abordar o meio digital. Seja como for, a hipermodalidade (ver Seção 1.1) é sempre distinguida entre as acepções por tratar-se de característica elementar do letramento digital.

Ainda assim, é extremamente complicado – e desnecessário – definir o termo, na medida em que por abordar objetos complexos, torna-se arriscado e até mesmo sem propósito uma homogeneização conceitual. A indefinição, porém, propicia usos indistintos que acabam por gerar ambiguidades. Contudo, escolher, pois, uma dentre as muitas definições existentes, torna-se tarefa difícil e até improdutivo, uma vez que cada conceito traz ênfases importantes a depender da situação e dos indivíduos relacionados. A inexistência de uma definição fechada também apareceu nas produções acadêmicas observadas que ora utilizavam o conceito com base em uma definição, ora em outra.

Embora possa parecer um problema essa indeterminação conceitual – que sendo menos confusão, deve-se à complexidade dos objetos e do meio digital – acredito que ela seja benéfica por evidenciar o necessário olhar para as importantes reflexões que essa diversidade de definições ocasiona e como, diante de situações e práticas totalmente novas e complexas, ainda há muito para ser discutido e adequado aos diferentes contextos, o que é feito pelos pesquisadores das teses e dissertações do conjunto examinado cujos diversos usos que fazem sob a denominação de letramento digital apontam não apenas para uma diferença taxonômica, mas de perspectivas, indicando hibridismo teórico e conceitual.

Enfim, por meio da “pesquisa de estado da arte” e conhecimento das produções acadêmicas de estudos linguísticos e aplicados descritas foi possível perceber como a abordagem de Tecnologias de Informação e Comunicação propicia o estabelecimento de trabalhos com objetos complexos cuja investigação não se esgota por nenhum aporte teórico-disciplinar, impondo tratamento interdisciplinar que não é limitado a uma linha de pesquisa, área ou curso, mas contempla diversos campos do conhecimento, levando-me à síntese de quatro tendências de pesquisa a esse respeito nos últimos anos, em particular, na primeira década do século XXI:

(1) Tendência das pesquisas acadêmicas em contemplarem diversos campos do conhecimento, diluindo fronteiras e estabelecendo interfaces entre linhas de pesquisa e áreas de concentração, convidando à interdisciplinaridade;

(2) Tendência das pesquisas acadêmicas em analisarem enunciados circulantes, mas, principalmente, aqueles que foram constituídos no *ciberespaço*, bem como o funcionamento de ambientes no meio digital;

(3) Tendência das pesquisas acadêmicas em se voltarem para preocupações sociais, especialmente, relativas ao ensino diante da emergência e proliferação das TICs;

(4) Tendência das pesquisas acadêmicas em realizarem hibridismo teórico-metodológico, com propensão à conjugação de vários estudos com os pressupostos teóricos do chamado letramento digital, ainda que esse não seja um conceito, todavia, bem definido.

As tendências identificadas nos trabalhos observados são fortes argumentos para a defesa da tese de que objetos heterogêneos são complexos, possuem limites porosos e demandam interfaces pra seu estudo, demonstrando a realização de “estratégias de reconversão” (GARCÍA-CANCLINI, 2008, p. 22) pelos pesquisadores no desenvolvimento de suas teses e dissertações, isto é, na apropriação daquilo que lhes interessa e seja significativo para adaptá-lo a novas condições. No caso, os autores das teses e dissertações valeram-se de pressupostos teóricos já consolidados, unindo-os a novas perspectivas sob a alcinha de letramento digital para abordar processos e objetos híbridos que implicam em permeabilidade de teorias, como também de áreas e campos do conhecimento. Entender a complexidade das pesquisas acadêmicas relacionando linguagem e novas tecnologias foi importante para compreender meu próprio objeto e possibilitar tratamento menos redutor desse ao longo do desenvolvimento de minha pesquisa.

1.3. Saída: outras considerações sobre a contemporaneidade

Neste capítulo, em especial, tencionei construir um panorama de teses e dissertações produzidas em instituições variadas no Brasil que tangenciassem minhas questões de pesquisa para situar meu próprio trabalho. A intenção não foi exaurir as possibilidades de investigação, tampouco estabelecer um quadro total e fixo, visto que sempre existe algo que fica “por dizer” e novos olhares com os quais outros estudos podem ser concebidos.

O objetivo principal aqui foi procurar entender o momento histórico em que se vive e onde se localizaria minha pesquisa – se é que isso seja possível –, tornando-se indispensável, portanto, o entendimento e conhecimento de outras produções acadêmicas na área, a fim de desenvolver um trabalho que não esteja isolado, nem se pretenda auto-suficiente, mas que se construa a partir dos outros em uma relação dialógica, constituindo-se em uma “peça” (nem sempre harmoniosa) no “grande mosaico” que são os estudos da linguagem.

Assim, a “pesquisa de estado da arte” que desenvolvi indicou interesse na área dos estudos linguísticos de investigações sobre produção e circulação de gêneros no meio digital, o que leva a reflexões sobre o papel e o lugar da escrita neste início de século. Afinal, como se caracterizariam práticas letradas nos novos ambientes gerados pelas tecnologias digitais? Quais os efeitos que estes têm para práticas tradicionais de produção de textos e construção de sentidos ou o inverso?

Perguntas que foram motivadoras para a constituição de meu trabalho. Na verdade, muitas são as questões que emergem quando se abordam aspectos relativos às práticas de leitura e escrita, e, especialmente, às mudanças ocorridas com o aumento da presença das novas tecnologias digitais, como o computador e a Internet, já que se trata de situação ainda em andamento. Necessidade que pode ser constatada, por exemplo, quando se observam os objetivos dos trabalhos desenvolvidos e acima descritos.

Em meio a todas essas interrogações, esclareço que resolvi aprofundar-me no estudo dessas novas e múltiplas práticas letradas, levando em conta a necessidade de a pesquisa científica voltar-se aos interesses contemporâneos da sociedade, tendência verificada na pesquisa de estado da arte. Vários pesquisadores relacionados ao campo da Linguística Aplicada, como Moita Lopes (2006), Kumaravadivelu (2006), Rajagopalan (2006) e Cavalcanti (2006) discutem a importância de as investigações abordarem questões significativas à sociedade, assim como responderem a problemáticas que emergem no mundo presente. A esse respeito, o primeiro afirma:

O projeto que vejo como parte de uma agenda ética de investigação para a LA envolve crucialmente um processo de renarração ou redescrição da vida social como se apresenta, o que está diretamente relacionado à

necessidade de compreendê-la. Isso é essencial para que o lingüista aplicado possa situar seu trabalho no mundo, em vez de ser tragado por ele ao produzir conhecimento que não responda às questões contemporâneas em um mundo que não entende ou que vê separado de si como pesquisador: a separação entre teoria e prática é o nó da questão (MOITA LOPES, 2006, p. 90).

Ao partir dessa perspectiva que procura vincular teoria e prática, exigindo pesquisas situadas no mundo e, por conseguinte, novas formas de desenvolvê-las, é inevitável dispensar atenção ao *ciberespaço*.²⁶ De acordo com Santaella (2003), a tecnologia informática em consonância com a telecomunicação permite que as informações extrapolem barreiras físicas “conectando potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço” (SANTAELLA, 2003, p. 71).

Esse, possivelmente, é o meio mais conhecido e comumente estudado (LANKSHEAR & LEANDER, 2005), uma vez que frequentar ambientes no meio digital tornou-se atividade habitual a milhares de indivíduos em todo o planeta. Eles transitam em contextos variados como educação, trabalho, economia, política, relações pessoais, entre outros, a qualquer momento pela *www* – *World Wide Web* –, pois, hoje em dia, existe a possibilidade de realizarem uma gama imensa de atividades no *ciberespaço*, como compras, cursos universitários, visita a museus, conversas com amigos e até o estabelecimento de relacionamentos afetivos. Segundo Castells, a “internet é um meio para tudo, que interage com o conjunto da sociedade” (CASTELLS, 2004, p. 255).

Desse modo, diante da necessidade de refletir sobre a existência do digital na vida de todos, bem como da vida de todos no digital e, particularmente, sobre atividades de escritas realizadas por meio desse e nesse, e ainda, a fim de pensar, teoricamente, sobre caracteres que estão fortemente presentes na vida social, optei pela pesquisa qualitativa que apresento no próximo capítulo.

²⁶ Segundo Lévy (2000), o termo *ciberespaço* refere-se não somente ao aspecto material da comunicação digital, como também ao universo das informações que contém e aos seus usuários.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

2. “METODOLOGIZANDO”: APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Boas perguntas são o coração da investigação.
(ERICKSON, 2001, p. 13)

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa (o que não dispensou a quantificação de dados em alguns momentos), com base analítico-interpretativista de cunho etnográfico, cujos caminhos metodológicos consistiram em:

- **definir a pesquisa qualitativa: uma abordagem teórica e prática** em que discuto o caráter da pesquisa qualitativa, procurando inserir meu trabalho no campo, bem como a posição da Linguística Aplicada em relação à perspectiva adotada.
- **observar práticas de escrita em ambientes digitais: o Orkut como “porta de entrada”** em que apresento os procedimentos metodológicos utilizados para a constituição do *corpus* de pesquisa, explicitando as peculiaridades de trabalhar com ambiente no meio digital.

2.1. Definindo a pesquisa qualitativa: uma abordagem teórica e prática

2.1.1. A(s) pesquisa(s) qualitativa(s)

(...) é melhor entendermos a investigação qualitativa como um terreno ou uma arena para crítica científica social, do que como um tipo específico de teoria social, metodologia ou filosofia (SCHWANDT, 2006, p. 194).

A pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação à outra. É difícil definir claramente a pesquisa qualitativa como um terreno de discussão ou de discurso. Ela não possui uma teoria ou um paradigma nitidamente próprio (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 20).

A expressão “pesquisa qualitativa” pode englobar uma amplitude de definições, conceitos, procedimentos metodológicos, linhas e pressupostos que, não necessariamente, são homogêneos. Assim, segundo Denzin & Lincoln, “o campo da pesquisa qualitativa é definido por uma série de tensões, contradições e hesitações” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 38), posto que a opção por uma abordagem qualitativa pode ser feita de diversas maneiras, dependendo de como o pesquisador a realiza, de seu campo de conhecimento, da forma como é feito o trabalho com os sujeitos, sendo possível distinguir dentre várias maneiras de desenvolvê-la. Logo, torna-se indispensável o uso da expressão no plural, isto é, “pesquisas qualitativas” de modo que toda essa diversidade seja contemplada.

Diante disso, o que haveria em comum entre as diferentes abordagens que se faz sob o rótulo de “pesquisa qualitativa”? Para Schwandt (2006), “o modo como o indivíduo pode aprofundar-se na caracterização desse terreno depende, em parte, do que o interessa neste” (SCHWANDT, 2006, p. 194). Assim, a imparcialidade tão almejada pelo pesquisador, fundamentalmente, nas ciências naturais, transforma-se no reconhecimento de que não existe pesquisa a-política, a-social, a-sujeitada e, portanto, destitui-se a neutralidade daquele que a realiza.

Se, existe uma tradição segundo a qual os trabalhos científicos deveriam centrar-se em inquietações acerca da (não) tendenciosidade e da validade das investigações, pautando-se pelo Positivismo²⁷ e pelo Método Científico²⁸ agora, emergem outras preocupações, a saber, com as “vozes” dos sujeitos estudados – que passam a ser igualmente vistos como produtores de conhecimentos no mundo – colocadas na pesquisa ou ainda com a questão da ética.

²⁷ Segundo Denzin & Lincoln, “O *positivismo* declara a possibilidade de se fornecer relatos objetivos do mundo real” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 38, grifo do autor).

²⁸ O Método Científico está fortemente ligado ao Positivismo, sendo que nele há um desenho rígido de pesquisa, o qual não se altera ao longo do desenvolvimento dessa. Dentro desse tipo de abordagem é obrigatória a existência de hipóteses, definição de objetos, número de sujeitos, detalhamento das variáveis (dependentes e independentes), grupos de controle e/ou experimentais, pré-testes e pós-testes, a fim de que o trabalho seja cientificamente realizado e comprovado. Assim, surgem alguns “mitos” como a crença na neutralidade da ciência e do pesquisador, na necessidade de um número mínimo de objetos, na imprescindibilidade de os resultados serem válidos, confiáveis e passíveis a projeção, entre outros.

Logo, perante o caleidoscópio de vieses que se reúnem sob designação de “pesquisa qualitativa”, o uso da nomenclatura, neste trabalho, fundamenta-se pela essencial preocupação que tenho em tratar qualitativamente as questões acerca das práticas de leitura e escrita e suas relações com a emergência das novas tecnologias digitais, ou seja, procuro explicitar a relevância da discussão desses pontos, teoricamente, uma vez que salientes para a sociedade.

Além disso, busco identificar as próprias concepções desses sujeitos, suas produções, suas “vozes” com a preocupação ética e social de tentar desamarrar o “nó” que separa teoria e prática, mencionado por Moita Lopes (2006), sem agredir as pessoas envolvidas ou depreciar suas ações cotidianas, pois, como bem apontam Lüdke & André (1986), a pesquisa “não se realiza numa estratosfera situada acima da esfera de atividades comuns e correntes do ser humano, sofrendo assim as injunções típicas dessas atividades” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 2).

É, pois, ainda indispensável localizar a Linguística Aplicada (LA) – área em que se enquadra este trabalho – em meio à pesquisa qualitativa. A própria LA apresenta possibilidades teórico-metodológicas bastante variadas, não permitindo a definição de uma única metodologia competente a si. Mudanças contemporâneas, como a globalização, geram instabilidades que estão afetando a produção de conhecimento em LA, suscitando a necessidade de olhar para a linguagem como prática social e observá-la em uso, o que demanda, por exemplo, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade (FABRÍCIO, 2006), com reflexos, inclusive, nas opções teórico-metodológicas de seus pesquisadores.

Em consonância, Rojo (2006) afirma, por sua vez, que desde os primeiros anos da década 1980 o campo já se exigia interdisciplinar:

As mudanças nas crenças e, conseqüentemente, no fazer dos linguistas aplicados brasileiros implicaram transformações não só nos *objetos* eleitos para pesquisa, como também nos *métodos* e nos *recortes teóricos* (interdisciplinares) propostos. [...] novos *objetos de pesquisa* passam ao campo de abrangência da LA e, logo, novas relações com novas disciplinas e teorias emergem. Acentua-se como veremos, a necessidade de uma *transdisciplinaridade* (...) (ROJO, 2006, p. 255-256, grifos do autor).

Diante disso, parece estarmos vivendo em um momento no qual despontam novas perspectivas dentro da Linguística Aplicada, mostrando-se problematizadoras por defenderem o hibridismo teórico-metodológico; o fim da crença na neutralidade e no objetivismo; a necessidade da ética, de responsabilidade sobre a pesquisa e até um deslocamento da observação para as minorias e os acontecimentos que afetam a sociedade (FABRÍCIO, 2006), aproximando a LA, portanto, de um modo qualitativo de fazer pesquisa. Fabrício (2006) argumenta ainda que “Não devemos almejar o saber pelo saber, ou a invenção pela invenção, deslocados de compromissos éticos” (FABRÍCIO, 2006, p. 62).

Finalmente, após explicitar os preceitos norteadores deste trabalho, inserindo-o no campo da Linguística Aplicada a partir de uma abordagem qualitativa, apresento, a seguir, os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

2.1.2. *A abordagem qualitativa neste trabalho: como proceder?*

O traço mais distintivo da fase atual da globalização é a comunicação eletrônica, a internet (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 131).

Como já discutido, optar por uma pesquisa que se denomine qualitativa e, concomitantemente, esteja inserida na Linguística Aplicada não restringe o pesquisador ao uso de uma única metodologia ou de procedimentos metodológicos exclusivos da área. Inclusive, há que se distinguir entre metodologias e procedimentos metodológicos, uma vez que estes podem ser comuns a várias daquelas e até utilizados em combinação, ação que parece cada vez mais frequente dentro da LA e que será também adotada neste trabalho.

Gostaria de destacar que a presente pesquisa, em especial, embora não possa ser considerada estritamente como uma etnografia²⁹, pois não utiliza todos os princípios fundamentais dessa, qualifica-se como estudo de cunho etnográfico por valer-se de alguns de seus procedimentos essenciais, como a presença do pesquisador por período

²⁹ O conceito de etnografia (grego *ethnós*, -eos = raça, povo + -*graphé*, -ês = escrita) consiste, basicamente, no estudo do “outro”. Em estudos etnográficos, procura-se compreender o que indivíduos fazem em determinados ambientes e por que; bem como de que maneira eles próprios entendem suas ações. Duas perguntas essenciais sobre o campo são: O que está acontecendo aqui? e O que isso significa para os atores envolvidos?. Para aprofundamento ver Erickson (1984, 1989, 2001).

considerável de tempo em campo, o interesse pelo que está acontecendo nesse e a valorização do ponto de vista dos atores envolvidos, entre outros.

Desta forma, acredito ser imprescindível mencionar que muitos de meus interesses de investigação foram suscitados por questões cuja discussão se torna inadiável com o crescimento vertiginoso das novas tecnologias digitais, como o computador e a Internet; o fato de eu mesma fazer parte de uma geração que cresceu praticamente toda já inserida no meio digital e, finalmente, por trabalhos³⁰ que desenvolvi ao longo de minha graduação, também relacionados aos ambientes. Para Erickson (1984):

O trabalho de campo é fortemente indutivo, mas não há induções *puras*. O etnógrafo traz para o campo um ponto de vista teórico e um conjunto de questões, explícitas ou implícitas. A perspectiva e as questões podem mudar no campo, mas o pesquisador tem uma ideia base desde o início³¹ (ERICKSON, 1984, p. 1, minha tradução).

Ainda segundo este autor, o que caracteriza um estudo como etnográfico é, justamente, trazer os pontos de vista dos atores envolvidos nos eventos abordados (ERICKSON, 1984). No *corpus* desta pesquisa, a saber, enunciados do ambiente Orkut – que será melhor explicado na próxima seção – as pessoas costumam explicitar suas opiniões em fóruns, criar suas próprias comunidades, interagir com amigos, realizar práticas sociais e uma série de atividades voluntárias, nas quais suas “vozes” são evidenciadas.

Ademais, outras maneiras para “dar voz” a esses sujeitos são possíveis e plausíveis, como em minha própria interação com eles dentro das comunidades virtuais – às quais também sou associada –, quando solicito explicitação de seus pontos de vista ou formulo entrevistas virtuais,³² entre outras possibilidades.

³⁰ Ver notas 4 e 8.

³¹ “Fieldwork is heavily inductive, but there are no *pure* inductions. The ethnographer brings to the field a theoretical point of view and a set of questions, explicit or implicit. The perspective and questions may change in the field, but the researcher has an idea base to start from” (ERICKSON, 1984, p. 1).

³² Esse tipo de entrevista consiste em realizar comunicação com sujeitos de pesquisa por ferramentas disponíveis no meio digital: *e-mail*, bate-papo *on-line* e até via Orkut. O procedimento por mim utilizado foi o

De modo geral, as perguntas que orientaram minha entrada em campo e que nele me direcionaram são as fornecidas por Erickson (1989) em “Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza” e transcritas abaixo:

1. O que está acontecendo aqui?
2. O que significam estas ações para os atores envolvidos?
3. Como estão organizados os acontecimentos em padrões de organização social e princípios culturalmente aprendidos para a condução da vida cotidiana? Em outras palavras, de que maneira as pessoas presentes se relacionam?
4. Como se relaciona o que está acontecendo neste contexto como totalidade (por exemplo, a aula) com o que acontece em outros níveis do sistema, fora e dentro dele (por exemplo, o estabelecimento escolar, a família de um dos alunos, o sistema escolar, as diretrizes do governo a respeito da adequação às normas)?
5. Como se comparam os modos em que está organizada a vida cotidiana nesse contexto com outros modos de organização da vida social em um espectro amplo de lugares distintos e de outros tempos?³³ (ERICKSON, 1989, p. 200, minha tradução).

Embasada nessas orientações de Erickson e tencionando compreender o campo, a ação realizada foi a triangulação de procedimentos, em especial, a observação (algumas vezes participante), entrevistas virtuais (informais), gravação dos registros em *Word*,

contato com orkuteiros por meio de seus perfis na rede, adicionando-os como “amigos” para, posteriormente, estabelecer conversas direcionadas às questões de pesquisa. Além disso, nessas conversas abriu-se espaço para que os sujeitos contassem suas experiências pessoais e discorressem sobre informações de qualquer natureza, caso desejassem, sobre as comunidades virtuais observadas. Vale ressaltar que, devido à grande quantidade de membros dessas, as entrevistas foram feitas somente com os criadores das comunidades selecionadas e com alguns de seus membros mais ativos, sendo que nem todos os solicitados a participar aderiram às propostas, totalizando um número de 8 sujeitos entrevistados.

³³ “1. ¿Qué está sucediendo, específicamente, en la acción social que tiene lugar en este contexto en particular? 2. ¿Qué significan estas acciones para los actores que participan en ellas, en el momento en que tuvieron lugar? 3. ¿Cómo están organizados los acontecimientos en patrones de organización social y principios culturalmente aprendidos para la conducción de la vida cotidiana? En otras palabras, ¿de qué manera están consecuentemente presentes, unas para las otras, las personas que se encuentran en el lugar inmediato, en tanto medios para las acciones recíprocas significativas? 4. ¿Cómo se relaciona lo que está sucediendo en este contexto como totalidad (por ejemplo, el aula) con lo que sucede en otros niveles del sistema, fuera y dentro de él (por ejemplo, el establecimiento escolar, la familia de uno de los alumnos, el sistema escolar, las directrices del gobierno respecto de la adecuación a las normas habituales)? 5. ¿Cómo se comparan los modos en que está organizada la vida cotidiana en este entorno con otros modos de organización de la vida social en un amplio espectro de lugares distintos y de otros tiempos?” (ERICKSON, 1989, p. 200).

permanência longa em campo e notas sobre os registros. O contato prévio com o campo promoveu, então, algumas questões de pesquisa:

a) O que está acontecendo no meio digital: como se configura a questão da autoria nas comunidades do ambiente Orkut?

b) Como se dão as produções textuais: quais são os critérios usados para a correção das redações e o que podem revelar sobre a prática da escrita e quais as concepções de leitura e escrita dos atores envolvidos? Ou seja: o que seria uma boa escrita para os orkuteiros?

c) Quais as relações do *on-line* com o *off-line*: as comunidades virtuais do Orkut analisadas podem ser consideradas ambientes propícios ao ensino-aprendizagem e ao desenvolvimento da modalidade escrita?

2.2. Observando práticas de escrita em ambientes digitais: o Orkut como “porta de entrada”

2.2.1. O não apagamento do meio onde se insere o corpus

(...) the question of where to locate the field, how it was that I understood myself as being the field, brings home the point that “the field” is an epistemological rather than an ontological category: it is a state of mind³⁴ (HINE, 2000, p. 8)

Às vezes, o uso da Internet parece constituir virtualidades, às vezes não. Certamente, no entanto, as diferenças observadas sobre esse assunto irão ou deveriam mudar as formas como um (a) pesquisador (a) reflete sobre a complexa relação entre pesquisa on-line e off-line, ao invés de incitá-lo(a) a começar de uma posição presumida e dogmática sobre esse tema (MILLER & SLATER, 2004, p. 47).

³⁴ “A questão de onde localizar o campo, como era que eu mesma entendi como sendo o campo, traz-nos de volta que ‘o campo’ é mais uma categoria epistemológica do que ontológica: é um estado de espírito (mente)” (HINE, 2000, p. 8, minha tradução).

Uma das dificuldades mais habituais aos pesquisadores é a delimitação de seu campo: onde este tem início ou fim? O que pode ser mais relevante à observação? O que está acontecendo nele? Questões que parecem tornarem-se ainda mais complexas quando o ambiente que se investiga é do digital, pois se é usuário e observador simultaneamente. Com isso, chega-se à problemática fundamental: os procedimentos metodológicos e de pesquisa utilizados *off-line* são compatíveis com o meio cibernético?

Ao acreditar que a resposta para essa última interrogação seja afirmativa, sem ignorar, contudo, as peculiaridades do *on-line*, recorro a algumas formas de fazer pesquisa neste meio. Dentre elas, destaca-se a etnografia virtual. Hine (2000), ao tratar do tema, afirma:

Esta nova forma é desenvolvida com uma resposta para a necessidade de estudar comunidades em que o uso da comunicação eletrônica, como a produzida por redes de computador, são comuns. A etnografia virtual não é promovida como um novo método para substituir o antigo – antes disso, apresenta-se como um modo de trazer para o foco, simultaneamente, as asserções em que a etnografia é baseada e as características dedicadas especialmente aos interesses da tecnologia³⁵ (HINE, 2000 p. 1, minha tradução).

Para Hine (2000), então, a etnografia virtual não seria método inovador que se pretende substituto à etnografia tradicional, mas uma maneira de trabalhar com os princípios etnográficos básicos, ao mesmo tempo em que volta atenção aos traços específicos das tecnologias digitais. Sem filiar-me exclusivamente à linha, compartilho com a pesquisadora a premissa de que lidar com o *on-line* exige o tratamento de aspectos igualmente abordados em pesquisa desenvolvida *off-line* e, mutuamente, a consideração de propriedades características do meio digital.

Entre essas últimas, encontram-se, especialmente, a relação entre o público e o privado e a ética. Muitos ambientes no meio digital, assim como o Orkut – *site* de relacionamentos onde foi gerado o *corpus* deste trabalho – e a Internet, de modo geral,

³⁵“This new form is developed as a response to the need to study communities in which the use of electronic communications such as provided by computer networks are routine. Virtual ethnography is not put forward as a new method to replace the old – rather it is presented as a way of bringing into focus both the assumptions on which ethnography is based, and the features which are taken to be special about the technologies concerned” (HINE, 2000, p.1).

apresentam caráter público, por serem abertos aos seus usuários e passíveis de visualização e participação de indivíduos que assim desejarem, e tendo acesso à Internet, conheçam a ferramenta e/ou tenham interesses em dominá-la, isto é, um propósito comunicativo. Todavia, é imperativo admitir que pessoas que participam de atividades nesse meio são produtores de conhecimento e agentes sociais que não podem ser tratados como singelos objetos de pesquisa.

Portanto, apesar de pesquisar um ambiente público (o Orkut), nesta dissertação, acredito ser importante e ético omitir a identificação daqueles cujos textos são observados, referindo-me a eles somente pelas iniciais de seus nomes completos e não reproduzindo imagens pessoais integrais que possam identificá-los.

Ademais, focalizar-me unicamente no ciberespaço pode ser reducionista. Com isso, minha intenção foi entender a dinâmica e o funcionamento das comunidades do Orkut, das redes sociais, em geral, no Brasil, e das relações entre os *on-line* e *off-line*, enfim, abranger conjuntura mais ampla com vistas, especialmente, à escola e a provas vestibulares, já que investigo práticas de leitura e escrita em ambientes que estão a eles co-articulados. Assim, esta pesquisa pretende mostrar-se como trabalho que contribua para se pensar mais profundamente nas práticas de leitura e escrita também dentro do ensino escolar, convertendo-se em canal que suscite discussões.

2.2.2. Um ambiente que demanda investigação

*Aqui nessa comunidade e na vida em geral, se ensina e também se aprende. Aprendo muito com vocês a cada login que faço no orkut e a cada passada por aqui e por essa comunidade lendo os fóruns.*³⁶

Ao fazer uma investigação na Internet em qualquer *site* de buscas, colocando a palavra Orkut nos termos de pesquisa, o internauta deparar-se-á com milhares de páginas disponíveis, entre as quais encontrará, além de reportagens e matérias em *blogs*, trabalhos científicos e acadêmicos relacionados à rede social como, por exemplo, artigos, publicações

³⁶ Enunciado publicado no Orkut por membro na comunidade “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5453716195639230180>. Acesso em: 29 mar. 2010.

em periódicos renomados, dissertações e pesquisas de pós-graduação.³⁷ Esse resultado pode ser explicado, entre outros fatores, devido ao interesse existente no Brasil por redes sociais *on-line*, destacando-se esse ambiente.

Segundo a pesquisadora Cláudia Martins, em sua dissertação de mestrado cujo *corpus* também foi extraído do Orkut: “Embora sejam muitas as possibilidades interativas em domínio discursivo digital, poucas delas têm sido tão comentadas ou utilizadas quanto o Orkut, uma inovação do mundo cibernético” (MARTINS, 2007, p. 49).

Algumas características que o reafirmam como interessante fonte de registros é a numerosa quantidade de comunidades virtuais que o Orkut hospeda, bem como a ação voluntária dos indivíduos em criarem e participarem de fóruns nelas. Finalmente, menciono a atualidade dos enunciados que o *site* dispõe e sua ampla abrangência, uma vez que engloba usuários de diversas esferas da população (localizados em diferentes lugares, com várias faixas etárias, graus de instrução e níveis sociais distintos).

Se, por um lado, a escolha da fonte justifica-se por todas as características mencionadas, por outro lado, a pesquisa pode ser situada no campo da Linguística Aplicada por estar relacionada a questões de investigação acerca do ensino de língua materna e a práticas de leitura e escrita. A rede constitui, portanto, rica fonte de materiais, contendo registros que podem propiciar importantes entradas analíticas quanto à produção e (re)escrita de textos nos fóruns de suas comunidades virtuais.

Diversos autores como Rheingold (1996) e Wellman (1999) tencionam definir teoricamente as comunidades desse tipo: alguns deles, como o último, acreditam que elas são equivalentes às aquelas tradicionais, variando apenas no suporte, isto é, reconhecendo comunidade virtual como simples transposição de uma comunidade tradicional para um novo meio. Já o primeiro foi um dos pioneiros na utilização do termo “comunidade virtual”, afirmando que essas podem assim ser reconhecidas por levarem discussões públicas durante considerável período (e ao mesmo tempo em que se formam relações sociais).

Seja como for, os ambientes em questão constituem-se como pontos de discussões públicas, encontros e reencontros, em que indivíduos estão voluntariamente

³⁷ A título de exemplo podem ser citados os seguintes trabalhos: Martins (2007) e Cruvinel (2008).

associados a outros com interesses compartilhados e cuja existência é afirmada “enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais” (RECUERO, 2001, p. 10).

A fim de evitar, no entanto, adesão a uma opinião limitada pela notável dificuldade de se definir em nível teórico o conceito de comunidade virtual e também devido ao fato de que aquilo que se nomeia como comunidade no Orkut, normalmente, trata-se de fórum *on-line*, preferi abordar os ambientes da rede por uma ótica de gêneros, focalizando os que podem ser encontrados nelas. A esse respeito aponta Bezerra:

A pesquisa de gêneros tem enxergado no Orkut um ambiente propício à realização de uma considerável variedade de artefatos textuais. Conforme indiquei em trabalho anterior (Bezerra, 2009), aí se realiza um leque de gêneros que ultrapassa em muito a sugestão apresentada pelos rótulos “oficiais” do site (BEZERRA, 2010, 179).

Como o Orkut comporta uma “variedade de artefatos textuais” e destaca-se por apresentar “um leque de gêneros”, este trabalho faz o recorte de uma de suas ferramentas em especial, o fórum *on-line* estabelecido em suas comunidades, visto que a partir dele emergem vários gêneros, como o texto dissertativo, o recado, a poesia, o cartão de felicitações e assim por diante. Por outro lado, existem vários tipos de fóruns³⁸ na rede, levando a centralizar-me naqueles cujo objetivo é a produção, correção e discussão de textos escritos para analisar esses enunciados neles publicados e seus processos de constituição.

Para tanto, aprofundarei a discussão sobre o ambiente Orkut, a fim de compreendê-lo melhor, pois, de acordo com Marcushi (2005c), anteriormente à análise de gêneros que circulam no meio digital “seria útil analisar os *ambientes* ou *entornos virtuais* em que esses gêneros se situam” (MARCUSHI, 2005c, p. 25, grifos do autor).

Dessa forma, o Orkut pode ser definido como “lugar maior” de onde emergem vários gêneros e onde estão milhões de associados (“os orkuteiros”), distinguindo-se pela

³⁸ Para um aprofundamento na questão do funcionamento do fórum *on-line* recomenda-se a leitura do trabalho de Lima (2010) que analisou comunidade virtual da rede em dissertação de Mestrado.

significativa associação de brasileiros, destacadamente, jovens.³⁹ Para participar como membro, basta acessar o endereço www.orkut.com e criar uma conta no *Google* ou mesmo utilizar-se de conta já existente que, em ambos os casos, gerarão um perfil (página pessoal) por meio da qual o usuário poderá conectar-se a outras pessoas ligadas à rede social – os “amigos” – realizar atividades com os aplicativos do *site*, como adicionar fotos, compartilhar vídeos e participar de jogos, bem como associar-se às numerosas comunidades virtuais do ambiente.⁴⁰

Ao passear pelas veredas do Orkut, pode-se encontrar uma série do que se denomina comunidades – embora essas sejam, na prática, fóruns *on-line* – que são divididas em dezenas de categorias, previamente definidas, como “Entretenimento”, “Religião”, “Esporte” e “Escolas”. Ao visitá-las, deparei-me com uma quantidade considerável dessas que comportavam intensa atividade em torno da escrita, com ênfase na produção e correção de redações, mobilizando diversas pessoas e podendo revelar pressupostos e concepções acerca do ato de escrever, critérios de correção de textos, entre outros, que dialogam com práticas de produção gráfica já existentes, particularmente, dentro de salas de aula, instigando-me à investigação de seus funcionamentos e possibilidades de refletir, a partir delas, sobre práticas de escrita.

2.3. Geração de registros

Grande parte dos trabalhos de investigação refere-se ao processo de definição e constituição de seus *corpora* como evento denominado “coleta de dados”. Essa terminologia sugere que as informações existiriam *a priori*, já completamente formadas e

³⁹ Segundo dados demográficos do *Blog Oficial do Orkut* no ano em que o *corpus* foi constituído, 51,10% dos orkuteiros eram brasileiros, estando à frente de seu próprio país criador, os Estados Unidos, encontrado em terceiro lugar com 17, 26%. Logo atrás do Brasil estaria a Índia com 20,00%. Quanto à faixa etária, os dados indicavam que a maioria dos usuários do Orkut teria entre 18 e 25 anos (53,77%), seguidos pelos de 26 a 30 (15, 31 %) e 31 a 35 (6, 81%). Disponível em: <http://www.orkut.com.br/main#membersall>. Acesso em: 05 jan. 2010. É importante ressaltar que essas informações indicam apenas tendências, ao passo que pode haver usuários com mais de um perfil ou que se declarem brasileiros unicamente por simpatia, por exemplo.

⁴⁰ Para maiores informações sobre o Orkut ver Silva (2008) e o *Blog do Orkut* disponível em: <http://blog.orkut.com/>.

somente aguardavam para serem recolhidas. Ocorre que a própria constituição do *corpus* por parte do pesquisador trata de uma construção, na qual ele, em meio ao cenário, gera seus “registros” (ERICKSON, 1986), optando por aquilo que julga mais interessante e pertinente ao desenvolvimento de seu trabalho. Nesta pesquisa, portanto, o procedimento será chamado de “geração de registros”, ao levar em conta que os dados só são produzidos quando as análises se findam.

Os “registros” (ERICKSON, 1986) foram “gerados” (MASON, 1997) em navegações na Internet, no Orkut, e abarcam o período de janeiro a dezembro de 2010. Por se tratar de estudo de cunho etnográfico, busquei compreender como se davam as práticas de leitura e escrita neste ambiente, tendo em vista sempre a pergunta orientadora: “O que está acontecendo aqui?” e, ainda, postura capital para um trabalho desse tipo: “O que isso significa para os atores envolvidos?”

De acordo com Lüdke & André (1986), “geralmente o pesquisador desenvolve a sua investigação passando por três etapas: exploração, decisão e descoberta” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 15). Dessa maneira, em um primeiro momento, parti para a exploração do Orkut.

Ao observá-lo, conhecendo suas comunidades virtuais e lendo seus fóruns, percebi que, muitas delas, comportavam práticas de escrita e até voltavam-se à reflexão em torno dessas atividades, apresentando a produção textual como tema. A seguir podem ser conhecidas algumas das mais representativas nesse quesito pelo elevado número de membros e frequente atividades participação desses em seus fóruns:

Nome das comunidades do Orkut	Número de pessoas associadas⁴¹
1. Adoro escrever	15.150
2. Livros, Textos e Redação	6.342
3. Eu adoro aula de português	5.101
4. Redigir redação	4.436
5. Eu amo redação	3.391
6. Eu odeio redação	2.386
7. Aprendendo redação	956
8. Pérolas de redação	734
9. Eu odeio fazer redação!	410

⁴¹ Até o dia 05 dez. 2009.

10. Redação?? Adoro!!!	377
11. Professores de redação	394
12. Redação no vestibular Brasil	241
13. Eu amo fazer redação	121
14. Eu odeio fazer reescrita	87
15. Redação	72
16. Quem mexeu no meu texto?	71
17. Odeio a corretora de redação	64

Quadro 3 – Comunidades virtuais na rede Orkut relacionadas à produção de textos

Diante disso, dediquei-me ao acompanhamento dessas comunidades, porém, em meio ao seu elevado número e intensa atividade em seus fóruns, foi preciso optar pela presença efetiva em apenas algumas, delimitando meu campo e passando pela etapa denominada por Lüdke & André (1986) como decisão.

Para tanto, permaneci algum tempo examinando o funcionamento de suas atividades: lendo e até participando de algumas discussões. A partir disso, chamaram-me atenção as comunidades 2, 4, 5 e 7 pela frequência de fóruns em que as pessoas produziam redações, corrigiam os textos umas das outras e refletiam sobre o ato de escrever. Assim sendo, a opção foi selecionar essas comunidades, em especial, para investigação durante o trabalho de mestrado.

Nas páginas de apresentação das comunidades foi possível conhecer os objetivos aos quais elas se propunham. Observe:



Livros, Textos e Redação

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Livros, Textos e Redação

descrição: Esta comunidade é para aqueles que gostam de escrever ou querem aprender a escrever como os grandes autores. Seja um simples conto, um livro, uma novela, um roteiro para TV ou cinema, uma peça teatral ou apenas uma boa redação no vestibular. Aqui estaremos discutindo tópicos como:

- Como escrever inícios;
- Como escrever finais;
- Como manter o leitor interessado;
- Como construir personagens;
- Como escrever diálogos;
- Como estabelecer o "Ponto de Vista";
- Como revisar seu texto...

e muito mais.

Livros, Textos e Redação
(6.342 membros)

- deixar comunidade
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros

Figura 3 – Página de apresentação da comunidade virtual do Orkut, “Livros, Textos e Redação”. Acesso em 3 jan. 2010



Redigir Redação

Início > Comunidades > Escolas e Cursos > Redigir Redação

descrição: **Acesse:**
<http://redigirredacao.blogspot.com/> → Blog

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: Escolas e Cursos

dono: ≈ Ðα.νί.λο ツ

moderadores: Moderador, Nandemonai

tipo: pública

privacidade do conteúdo: aberta para não-membros

local: Jequié, Bahia, 452073, Brasil

criado em: 19 de outubro de 2006

membros: 4.436

Redigir Redação
(4.436 membros)

- participar
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- membros

Figura 4 – Página de apresentação da comunidade virtual do Orkut, “Redigir Redação”. Acesso em 3 jan. 2010



Eu Amo Redação

Início > Comunidades > Escolas e Cursos > Eu Amo Redação

descrição: Este é um local para todos aqueles que amam escrever e querem deixar suas marcas para o futuro.

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: Escolas e Cursos

dono: Zezé Grisaro

moderadores: DAVILSON

tipo: pública

privacidade do conteúdo: aberta para não-membros

local: Brasil

criado em: 17 de outubro de 2004

membros: 3.391

Eu Amo Redação
(3.391 membros)

- participar
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros

Figura 5 – Página de apresentação da comunidade virtual do Orkut, “Eu amo Redação”. Acesso em 3 jan. 2010



Aprendendo Redação

Início > Comunidades > Alunos e Escolas > Aprendendo Redação

descrição: Aqui o tema é: REDAÇÃO.

Nas escolas, nas universidades, nos vestibulares e nos concursos, a Redação é muito importante. Escrever, expressar-se e criar textos são tarefas fundamentais. Portanto, vamos discutir sobre redação, analisar textos, pensar em caminhos, compartilhar conhecimentos e crescer juntos nesta comunidade!

Aprender várias línguas é questão de um ou dois anos; ser eloquente na própria requer metade da vida. (Voltaire)

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: Alunos e Escolas

Aprendendo Redação
(956 membros)

- participar
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- membros

Figura 6 – Página de apresentação da comunidade virtual do Orkut, “Aprendendo Redação”. Acesso em 3 jan. 2010

Essas comunidades escolhidas para composição do *corpus* destinavam-se, de maneira geral, a sujeitos interessados em discutir textos, praticar a escrita, compartilhar produções. Criadas entre abril de 2004 e outubro de 2006, por meio das Figuras 3, 4, 5 e 6 pode-se visualizar o número de membros de cada uma delas quando selecionadas, isto é, “Livros, Textos e Redação” apresentava 6.342, “Redigir Redação” 4.436, “Eu amo redação” 3.391 e “Aprendendo redação” 956.

Como a geração de registros contemplou todo o ano de 2010, pude verificar ao término desse que o número de associados havia passado para 6.943, 4.074, 3.630 e 1.191, respectivamente, indicando um crescimento na quantidade de associados, exceto da comunidade “Redigir redação” que perdeu alguns membros. Contudo, ao retornar, posteriormente, a esses ambientes, descobri que os números cresceram em todas as comunidades no final de 2011 (encontrando 9.417, 4.328, 3.960 e 1.378 membros em cada) e tiveram certo declínio no primeiro mês de 2012, a saber, 8.633, 4.085, 3.550 e 1.277. A variação nos dados confirma o caráter efêmero das redes sociais da Internet, como já discutido no primeiro capítulo.

Dando continuidade à explicitação da maneira como constitui o *corpus*, finalmente, após gerados os registros, atingi o momento da descoberta (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 15). Ao permanecer certo período em campo, observando as comunidades virtuais do Orkut, notei que as intenções apresentadas em suas descrições, como, por exemplo, “Esta comunidade é para aqueles que gostam de escrever ou querem aprender a escrever como os grandes autores”⁴² ou “vamos discutir sobre redação, analisar textos, pensar em caminhos, compartilhar conhecimentos e crescer juntos nesta comunidade!”,⁴³ procuravam ser cumpridas na prática de suas atividades, destacando-se pela prática da produção de redações.

Situação reveladora, na medida em que a escrita de textos, conhecida como redação, está diretamente relacionada a práticas escolares. Poderia afirmar fundamentada

⁴² Excerto da página inicial da comunidade virtual do Orkut “Livros, textos e redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=8148414>. Acesso em: 20 set. 2010.

⁴³ Excerto da página inicial da comunidade virtual do Orkut “Aprendendo redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=48249>. Acesso em: 20 set. 2010.

no conhecimento do conteúdo dos fóruns das comunidades virtuais analisadas em que orkuteiros explicitam suas motivações para escrever – entre as quais estão treinamento para provas de vestibulares e trabalhos escolares – que o procedimento de compartilhar redações pode ser tão frequente nas comunidades em função do valor dessas em exames como vestibulares e concursos, de modo geral, o que será melhor abordado no próximo capítulo. Dessa forma, a maioria das postagens observadas nos fóruns das comunidades eram de textos (as redações) e suas respectivas correções, existindo grande quantidade de material para análise e reflexão, a saber: o total de enunciados recolhidos nas quatro comunidades foi de 621, porém, houve eliminação de 122 deles, estabelecendo-se número final de 499 enunciados selecionados para o *corpus* da pesquisa. Os gráficos na figura a seguir indicam as quantidades encontradas, excluídas e, finalmente, elegidas em cada uma das respectivas comunidades:

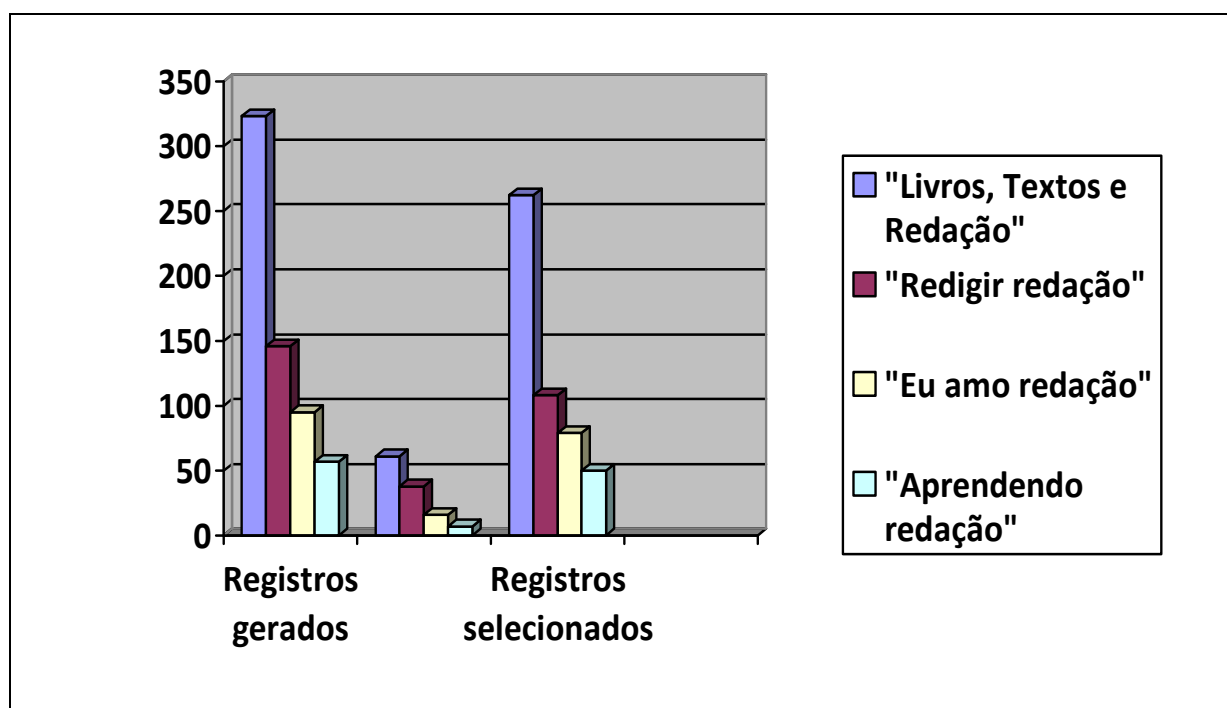


Figura 7 – Gráficos com os números de enunciados gerados, excluídos e selecionados nas quatro comunidades virtuais do Orkut analisadas na pesquisa

Na figura 7, vê-se que a quantidade⁴⁴ de registros gerados nas comunidades diferencia-se da quantia⁴⁵ selecionada para estudo. Destaco que os enunciados excluídos – gráfico do meio – foram aqueles que, sendo produções textuais oferecidas à correção, não suscitaram nenhum tipo de resposta explícita, dado que me interessava analisar o processo de escrita e não os textos isoladamente. Ao observar o último gráfico, percebe-se que o ambiente onde mais foram gerados registros tratou da comunidade “Livros, Textos e Redação”, seguida na ordem decrescente por “Redigir Redação”, “Eu amo redação” e “Aprendendo redação”.

Por fim, é importante ratificar que o *corpus* constituído para a pesquisa foi armazenado em arquivo *Word* (extensão.doc) – possibilitando resgate de fóruns ou parte deles, eventualmente, retirados da rede – e os enunciados divididos de acordo com os doze meses do ano em que os fóruns ocorreram, tendo em vista a análise do material.

2.4. Os sujeitos da pesquisa

Cabem aqui algumas considerações acerca dos produtores dos enunciados que foram selecionados para análise nas quatro comunidades abordadas no Orkut. No presente trabalho, cada um deles será referido, por sua vez, como sujeito, ou seja, caracterizado como indivíduo que “não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 400), ou seja, seus enunciados dialogam com outros anteriores ao mesmo tempo em que projetam e suscitam posteriores.

No Orkut esses sujeitos enunciam nos fóruns a partir de enunciados já existentes, seja respondendo à solicitação de uma tarefa, ao comentário de um amigo, ao questionamento de alguma questão e assim por diante. A presença dessas relações

⁴⁴ “Livros, Textos e Redação” = 323, “Redigir redação” = 146, “Eu amo redação” = 95 e “Aprendendo redação” = 57.

⁴⁵ “Livros, Textos e Redação” = 262, “Redigir redação” = 108, “Eu amo redação” = 79 e “Aprendendo redação” = 50.

dialógicas nos fóruns será abordada mais profundamente no próximo capítulo. Por hora, detenho-me, na descrição do perfil de alguns desses sujeitos associados às comunidades virtuais que compõem o *corpus*.

As quatro comunidades analisadas possuem milhares de membros, como já distinguido, e alguns deles integram, simultaneamente, mais de uma delas, sendo possível afirmar que compõem um grupo bastante heterogêneo, no qual há desde escritores profissionais e professores a estudantes de Ensino Médio, vestibulandos, universitários e profissionais de várias outras áreas.

Devido à impossibilidade de analisar o perfil de cada um dos membros das comunidades pela quantidade, centralizarei as descrições aos perfis dos criadores⁴⁶ e participantes mais ativos nos fóruns cujos dados podem ser conhecidos e cotejados no quadro:⁴⁷

Iniciais dos nomes	Comunidade(s) a que se filia	Perfil
<i>AL</i>	“Livros, textos e redação”, “Redigir Redação”, “Eu amo redação” e “Aprendendo redação”	Professor de português aposentado e residente no Espírito Santo
<i>Na</i>	“Redigir redação” e “Livros, Textos e Redação”	Estudante de curso técnico, residente no estado da Bahia
<i>B</i>	“Livros, Textos e redação”	Estudante de filosofia, residente no Rio de Janeiro (RJ)
<i>D</i>	“Eu amo redação”	Sem informações
<i>Da*</i>	“Redigir redação”	Estudante de Biologia, residente na Bahia
<i>F</i>	“Livros, textos e redação”	Sem informações
<i>De</i>	“Livros, Textos e redação”	Estudante, residente em Muriaé (MG)
<i>FR</i>	“Livros, Textos e redação”	Professor de redação, sem informações sobre residência
<i>G</i>	“Livros, Textos e redação”	Estudante de Ensino Médio, residente em Recife

⁴⁶ As iniciais dos nomes dos criadores estão seguidas de (*) para diferenciação dos demais membros.

⁴⁷ A apresentação dos perfis está organizada pela ordem alfabética das iniciais dos nomes. O Quadro 4 foi feito com base em dados disponibilizados pelos participantes em entrevistas virtuais na época em que os registros foram gravados, ou seja, ao longo do ano de 2010 e também em período posterior à geração daqueles. Ocorre que alguns orkuteiros não responderam às solicitações de diálogo e, neste caso, tive de recorrer aos dados que disponibilizavam em suas páginas pessoais do Orkut. Como alguns não ofereciam elementos sequer nessas, há, portanto, perfis sem informações.

<i>J</i>	“Eu amo redação”	Estuda para concursos, sem informações sobre residência
<i>JC</i>	“Aprendendo redação” e “Livros textos e redação”	Vestibulando, sem informações sobre residência
<i>JR*</i>	“Livros, textos e redação”	Escritor profissional, residente em Petrópolis (RJ)
<i>L</i>	“Redigir Redação”	Estudante, sem informações sobre residência
<i>Lu</i>	“Livros, Textos e redação e “Redigir redação”	Músico e estudante universitário residente em Salvador (BA)
<i>Le</i>	“Livros, textos e redação”	Estudante de Termomecânica, residente em São Bernardo do Campo (SP)
<i>M</i>	“Redigir Redação”	Webdesigner e vestibulando, residente em Fortaleza (CE)
<i>MG</i>	“Livros, Textos e Redação”	Designer gráfico, residente em Feira de Santana (BA)
<i>P</i>	“Livros, Textos e redação”	Estudante de Direito, residente em Macaé (RJ)
<i>Prof A</i>	“Livros, Textos e redação”	Professor, sem informações sobre residência
<i>Prof AM*</i>	“Aprendendo redação”	Professor, residente no Rio de Janeiro
<i>T & R</i>	“Redigir Redação”	Biomédico, residente em Alfenas (MG)
<i>ZG*</i>	“Eu amo redação”	Professora, residente no ABC Paulista (SP)

Quadro 4 – Perfis de membros das comunidades virtuais analisadas do Orkut

Como pode ser observado nas informações⁴⁸ fornecidas sobre os participantes, as formações e os níveis de escolaridade dos sujeitos são diferentes. Não se deve tomá-los como representantes médios dos indivíduos de todas as comunidades que compõem o *corpus*, todavia, é possível depreender, com base nelas e em minhas observações em campo, que os ambientes analisados, de fato, apresentam uma diversidade

⁴⁸ Por se tratar de perfis na internet, pode ser que as informações apresentadas não correspondam a dados verídicos, existindo membros que constroem páginas com informações falsas, os chamados *fakes*. Um exemplo ilustrativo é o seguinte enunciado: “Não sei, nunca tive orkut, e por orgulho criei um fake, assim ninguém sabe quem sou. Sim é fútil e estúpido, mas não consigo escapar dessa idiotice. Dizer o que realmente se pensa é difícil. O anonimato traz uma falsa segurança que é muito agradável, ao menos para mim, já que minha vida deva ser um tanto vazia. Bem é isso, eu sou Tua Mãe, um fake irônico criado por um adolescente em auto-afirmação”. Enunciado de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5450826949665050628>. Acesso em: 21 mar. 2010. Vale ressaltar que não são todos os orkuteiros com perfis falsos que, como esse, assumem-no, porém, não é relevante, para essa pesquisa, entrar nessa discussão, pois estou interessada nos efeitos de sentido da linguagem.

de associados e que esses, em sua grande maioria, não se configuram como especialistas da área da linguagem, ainda que possam ser encontrados professores. Contrariamente, trata-se de *personas*⁴⁹ que têm interesses compartilhados em torno da atividade de escrever. Em entrevistas virtuais com os sujeitos por *e-mail*, bate-papo *on-line* e pelo Orkut, pude perceber a relevância que atribuem a essas comunidades para o ensino-aprendizado da escrita, por afirmações⁵⁰ que fizeram:

“A partir do momento que alguém digitaliza seu texto, ela já fica cara a cara com os seus erros, muitas vezes não percebidos pelo simples ato de escrever. O objetivo da minha correção, não é simplesmente apontar os erros, mas sensibilizar para o ato de escrever.” (14/07/2011)

“Sempre tive o hábito da leitura e conseqüentemente a prática da escrita. Encontrei nesses círculos virtuais uma maneira simples e despretenciosa de expor aquilo que faço. Ali, às vezes que visito, compartilhamos e discutimos acerca dos nossos textos e o que é melhor contruímos o conhecimento.” (15/07/2011)

“Identifico-me com muitos dos membros dessas comunidades, isso que é o mais importante. Não há aquele alguém que sabe mais, ou que usa do seu conhecimento para coagir ou intimidar outra pessoa. A reciprocidade que o espaço nos oferece, o que você chama de “troca de textos”, de alguma forma, nos permite o crescimento intelectual. Estamos ora acertando como reflexo do outro em nós mesmos, e, ora errando, com nossa própria falha.” (15/07/2011)

“(…) é bem legal a relação entres os membros, sempre respeitosos (nesse tipo de comunidade), ler outros textos também é muito bom, pois nos enriquece com a visão do outro.” (07/12/11)

Enfim, ao dar “voz” a esses sujeitos pude conhecer como o processo de escrever e corrigir os textos uns dos outros nas comunidades virtuais é significativo para eles que, como membros mais participativos dos fóruns, acreditam ajudarem uns aos

⁴⁹ É importante destacar aqui que para usar o termo “pessoas” como forma de tratamento aos membros do Orkut seriam necessárias informações além das apresentadas. Entretanto, declaro que não me refiro aos indivíduos particular e intimamente, mas a suas *personas*.

⁵⁰ As afirmações foram reproduzidas exatamente como escritas pelos sujeitos nas entrevistas virtuais. Tratam-se dos dizeres dos Orkuteiros *MG*, *GN*, *GN* e *LA*, respectivamente.

outros, constroem conhecimento conjuntamente e/ou melhorarem suas produções textuais, conscientizando-se sobre processos de escrita, entre outros fatores.

2.5. “Preparando o terreno” para análise

A partir do pressuposto de que *on-line* e *off-line* não são separados, nem apresentam limites claros entre si (LEANDER & MCKIM, 2003), uma preocupação foi contemplar a aceção também do ponto de vista metodológico. Por isso, é importante destacar que esta pesquisa valeu-se de procedimentos que se fizeram, tanto no meio digital, como presencial. Junção que, caso impossibilitada, diminuiria sua qualidade e até inviabilizaria este trabalho.

Assim, foram trianguladas entrevistas virtuais com observações em campo (traduzidas em horas de navegações pela Internet e acompanhamento das comunidades do Orkut), gravação dos registros por meio de programa de computador (*Word*), notas sobre os registros, levantamentos de propostas de vestibulares, observação de documentos de ensino impressos, exploração de bibliotecas virtuais das universidades brasileiras, entre outros procedimentos, a fim de estabelecer análise mais ampla, rica e com interpretações consistentes. Ademais, deve-se considerar que:

É importante ter em mente que a interpretação realizada é uma de muitas outras possíveis e que minha interpretação, assim como as visões dos professores sobre a escola, poderá ser diferente em momentos futuros. Em outras palavras, a interpretação da pesquisadora e a visão dos outros participantes são provisórias: elas podem mudar; podem ser contraditórias (CAVALCANTI, 2006, p. 243).

É a partir das considerações feitas por Cavalcanti (2006) que encerro este capítulo de metodologia, complementando que meu trabalho não pretende esgotar a investigação sobre o tema, uma vez que novas interpretações podem surgir e, inclusive, outras abordagens – até de minha própria parte – são passíveis de serem feitas, mas antes indicar como o *ciberespaço* e o Orkut, em especial, constituem uma profícua fonte de informações, comportando registros que podem revelar informações acerca de práticas de

leitura e escrita na contemporaneidade, as quais procurei utilizar para realizar descrições e reflexões que serão apresentadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS REGISTROS

3. O(S) TEXTO(S) E O(S) CONTEXTO(S)

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber (...). As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem colaborativa e cooperação em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas, quanto nas escolas (LÉVY, 1999, p. 172).

Com a proliferação das TICs e suas “novas possibilidades” vários posicionamentos surgiram dividindo teóricos e opinião pública entre aqueles que as viam positiva ou negativamente. Graças a estudos e discussões, hoje, algumas mudanças são notadas como a visão de que *on-line* e *off-line* estão imbricados, sendo que o uso da Internet ainda está em evolução, assim como as práticas humanas. Para Castells, “Se você não se importa com as redes, as redes se importarão com você de todo modo. Pois, enquanto quiser viver em sociedade, neste tempo e neste lugar, você terá de estar às voltas com a sociedade da rede. Porque vivemos na Galáxia da Internet” (CASTELLS, 2003, p. 230).

Por isso, é preciso estudar essa “galáxia” a fim de se formar sujeitos críticos e capazes de produzir e agir, o que é especialmente saliente em relação à educação, uma vez que as TICs colocam desafios aos processos de ensino-aprendizagem, particularmente, no ambiente escolar, já que diferentemente de como as disciplinas são até então separadas nas escolas, na realidade, as linguagens são coexistentes e hibridizadas (SANTAELLA, 2001).

Quando se reflete acerca do *ciberespaço* em relação à língua, destaca-se rapidamente a presença da escrita, ocorrendo uma “explosão” dessa (COPE & KALANTZIS, 2005). Isto porque, embora ocorra no meio digital um “processo de convergência”⁵¹ em que as semioses⁵² se encontram reunidas, hibridizadas e

⁵¹ O “processo de convergência” consiste em entender como as tecnologias hibridizadas no mesmo meio, produzem mudanças em relação ao sentido e às possibilidades de ação/protagonismo dos usuários (ERSTAD, 2008; LEMKE, 2002; SANTAELLA, 2001).

⁵² Semiose é estendida aqui também ao processo de significação e à produção de significados.

(re)significadas,⁵³ a maioria das situações de interação e comunicação neste âmbito ainda é realizada por intermédio da modalidade escrita (KNOBEL & LANKSHEAR, 2002; MARCUSCHI, 2005c). Reconhecendo, pois, a relevância da escrita, evidenciada nos meios digitais, faz-se necessária uma investigação a respeito dos gêneros que circulam na rede e a maneira como se relacionam com instituições já existentes, como a escola, tendo em vista preocupações com o ensino aprendizagem da língua materna (escrita), o que dá importância ao estudo de comunidades do Orkut como as apresentadas no capítulo anterior.

De acordo com Braga, “Discutir os modos de enunciação no meio digital coloca-nos frente a uma gama de gêneros textuais bastante ampla” (BRAGA, 2005, p. 145). Cabem aqui algumas considerações, portanto, a respeito dos gêneros – e inclusive daqueles que circulam nos meios analógicos e digitais – antes de iniciar a análise do *corpus* propriamente dita.

Para principiar a abordagem, baseio-me nos pressupostos bakhtinianos e no conhecido texto “Os gêneros do discurso”, no qual o autor afirma que os enunciados se manifestam por meio de gêneros cujo repertório é rico e heterogêneo. Estes, segundo Bakhtin, são “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003[1952-1953], p. 261), o que implica dinamicidade e reconhecimento de que permitem escolhas distintas, ou seja, estilos:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros do discurso, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, lingüístico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos (BAKHTIN, 2003[1952-1953], p.268).

Logo, há de se perceber que, para Bakhtin, os gêneros são situados sócio-historicamente, culturalmente e circulam em práticas específicas que dialogam com outros momentos históricos e enunciados anteriores. Ainda segundo o autor, “esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado” (BAKHTIN, 2003[1952-1953], p. 261). Diante disso, ainda que o teórico não tenha abordado os gêneros emergentes ou (re)configurados com o

⁵³ Para aprofundamento ver Lemke, 2002; Santaella, 2008.

advento das TICs, até por uma questão temporal, acredito ser possível trabalhar com os conceitos bakhtinanos para a abordagem deles.

Assim sendo, procurei neste trabalho analisar os gêneros que circulam nos fóruns das comunidades do Orkut apresentadas, seus processos de constituição e considerar as implicações que um novo suporte e múltiplas mídias trazem para a formação, o desenvolvimento e a circulação deles, em especial, dos gêneros já produzidos no *off-line*. Contudo, não adoto posição restritiva que considere *on-line* e *off-line* como mundos separados e incomunicáveis. Pelo contrário, acredito em sua interconexão e continuidade (LEANDER & MCKIM, 2003), sendo que, recorro, mais uma vez, a Bakhtin, quando o filósofo menciona que: “Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 107).

Feitas, então, as considerações acerca das relações entre *on-line* e *off-line*, parto, na próxima seção, para a análise do *corpus* gerado em navegações pelo Orkut: enunciados de orkuteiros nas quatro comunidades virtuais observadas.

Ao examiná-los, identifiquei (i) situações nas quais um mesmo sujeito disponibilizava vários textos, inclusive, em gêneros diversos e solicitava sua correção, sendo encontrados, no ano de 2010, dezessete autores produzindo com frequência. Cada um escreveu, pelo menos, três textos no período observado.

Além disso, havia (ii) fóruns em que um mesmo texto era corrigido por mais de um membro, com ponderações por vezes semelhantes e outras conflitantes: 245 textos suscitaram várias correções e, uma estratégia muito comum, nos dados, foi a re-facção desses enunciados, isto é, uma produção era reescrita por vários sujeitos – e até por seu próprio autor – em um processo de cooperação e colaboração no qual dezenas de produções textuais foram reescritas por outros orkuteiros e, em casos mais raros, por seus próprios autores.

Outro procedimento percebido pela análise do material foi (iii) a produção textual de sujeitos motivada por proposta iguais, apontando para processos de composição dos gêneros e, igualmente, singularidades dos sujeitos. Houve um tema solicitado pelo

Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do ano de 2010,⁵⁴ por exemplo, que apareceu em mais de um fórum e em todas as comunidades observadas, gerando a produção escrita de 30 sujeitos diversos.

Finalmente, foram localizados (iv) fóruns em que eram divulgados *sites* (68 registros), pedia-se ajuda para a produção de redação ou que se esclarecessem dúvidas sobre escrita de algum gênero em particular (66 registros), com indicações de fontes de pesquisa (12 registros), anúncio de eventos e cursos (18 registros) e discussões sobre práticas de escrita (32 registros), entre outros enunciados.

Devido à impossibilidade de trazer todos os registros para análise no presente trabalho, faço um recorte selecionando alguns para compor os exemplos desta dissertação, privilegiando as situações (i) e (ii) e os enunciados mais representativos de cada uma delas, embora houvesse vasta base de material. A situação (iv) também será apresentada na análise do processo de produção de um texto a partir de um pedido de ajuda (Seção 3.2, *Subseção 3.2.2 Acompanhando processos de escrita*).

Todos os enunciados que aparecerão, na sequência, foram eleitos por se tratarem dos gêneros mais explorados nos processos de escrita dos fóruns e também por estarem estreitamente relacionados à escola e aos vestibulares, revelando a existência de diversos processos de produção de textos.

Anteriormente à análise das situações nos enunciados selecionados das quatro comunidades do Orkut, é preciso fazer algumas considerações sobre as práticas de leitura e escrita mediadas pelas TICs no ambiente e fora do meio digital a fim de conhecê-las mais profundamente e responder as perguntas de pesquisa, o que será feito na próxima seção.

3.1. As práticas letradas nas comunidades virtuais: a produção textual em foco

Participo em média uma vez ao dia. O objetivo é conhecer pessoas com a mesma afinidade que eu, também porque adoro redação e quero colaborar com o meu conhecimento, além de aprender com outros membros. Treinar a escrita,

⁵⁴ No ano de 2010, o tema da prova de redação solicitado foi “O Trabalho na Construção da Dignidade Humana”. Disponível em <http://enem.inep.gov.br/index.html>. Acesso em 10 jan. 2011.

*argumentação (redação) escrevendo textos para os membros analisarem e debaterem.*⁵⁵

Minha discussão seria deficitária caso não contemplasse também a produção textual em situações escolares e no vestibular, uma vez que esses, geralmente, são apontados pelos membros como motivadores da escrita em enunciados como “Ajuda a fazer uma redação? Preciso fazer uma para um trabalho escolar.. minha professora deu alguns topicos!”⁵⁶ e “No momento que entrei na comunidade estava fazendo cursinho e achei que seria um meio de aperfeiçoar a redação”.⁵⁷

A produção textual nos espaços de letramento escolar encontra-se vinculada a atividades pautadas em modelo autônomo de letramento (STREET, 1984), ou seja, na escrita como produto suficiente e completo em si, o domínio de uma técnica que é englobada ao currículo. Logo nas séries iniciais, os alunos são levados a conhecer o alfabeto e a estarem envolvidos com práticas letradas, lidando com palavras, frases e textos.

O vestibular, ou seja, o exame de ingresso para os cursos de Ensino Superior do país tornou-se processo concorrido no Brasil, principalmente, nas universidades públicas onde o número de candidatos é sempre excedente à quantidade de vagas disponíveis. Devido a seu peso de avaliação, a produção escrita dos estudantes é parte importante da prova, constituindo item que se convencionou nomear de “redação” – composto, geralmente, por dissertações, narrações e cartas argumentativas (BUNZEN, 2006). Este fator, muitas vezes, direciona a produção escrita escolar, particularmente no Ensino Médio, sendo que a atividade converte-se, na realidade, em “treinamento” para a realização do

⁵⁵ Enunciado publicado no Orkut por membro na comunidade “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5496983365202292581>. Acesso em: 27 jul. 2010.

⁵⁶ Enunciado publicado no Orkut por membro na comunidade “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5452543012365884968>. Acesso em: 25 mar. 2010.

⁵⁷ Enunciado elaborado, em entrevista virtual, por um membro simultâneo de “Redigir redação” e “Livros, Textos e Redação” em: 07 dez. 2011.

exame segundo os gêneros solicitados, os quais, por sua vez, transformam-se no principal (e em alguns casos único) foco de produção textual dos alunos.

Essa influência e relevância dos vestibulares para o ensino da escrita é conhecida como “efeito retroativo” (SCARAMUCCI, 2004) em função de o exame gerar implicações no ensino de leitura e produção de textos e um curioso procedimento que pude verificar, observando as comunidades virtuais do Orkut, foi que o efeito passou a se estender a práticas realizadas também no meio digital. As quatro comunidades selecionadas para a pesquisa, por exemplo, apresentavam em seus fóruns, atividades de (re)produção de gêneros que já eram praticados em sala de aula, como resenhas, poesias, contos e, principalmente, os solicitados pelas provas vestibulares, a saber, os textos dissertativos.⁵⁸ Um exemplo disso ocorreu nos dias próximos ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)⁵⁹ daquele ano em que gerei os registros, no qual se intensificou a postagem de textos a título de treino como preparação para a prova e, mesmo nos dias posteriores em que orkuteiros disponibilizaram redações produzidas no exame, solicitando correções com vistas a conhecerem a possível pontuação que obteriam. Observe:

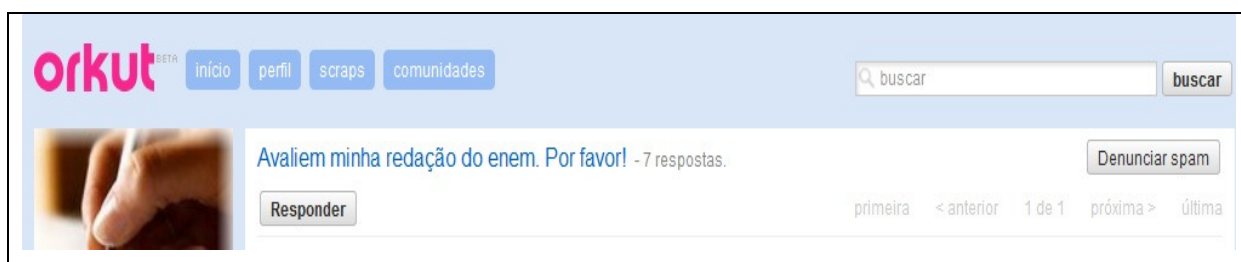


Figura 8 – Fórum de “Eu amo redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=579077&tid=5548028394391945709>. Acesso em: 08 dez. 2010

⁵⁸ Ao realizar pesquisa dos gêneros solicitados pelos exames e/ou vestibulares mais reconhecidos em nível nacional no ano de 2010, que correspondiam às provas para ingresso em 2011, os resultados encontrados foram: ENEM = dissertação, FUVEST (USP) = dissertação; VUNESP (UNESP) = dissertação; COMVEST (UNICAMP) = comentário, discurso de apresentação e artigo, ITA = dissertação, PUC-SP = dissertação, PUC-PR = sem especificação do gênero, PUC-RJ: dissertação, UNIFESP = dissertação; UNB = dissertação; UFSC = carta, conto ou crônica e dissertação; FGV = dissertação, Mackenzie = dissertação, UEM: carta e relato, UFBA = dissertação, UFRJ = dissertação, UERJ = texto argumentativo, UFMG = sem especificação do gênero, UFTM = dissertação; além da frequência com que textos dissertativos foram e continuam sendo pedidos em concursos como, por exemplo, o concorrido processo seletivo da Academia do Barro Branco.

⁵⁹ Ver nota 54.



Figura 9 – Fórum de “Redigir redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=22247907&tid=5537637743513842911>. Acesso em: 24 nov. 2010



Figura 10 – Fórum de “Aprendendo redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=48249&tid=5536895976281163712>. Acesso em: 25 nov. 2010

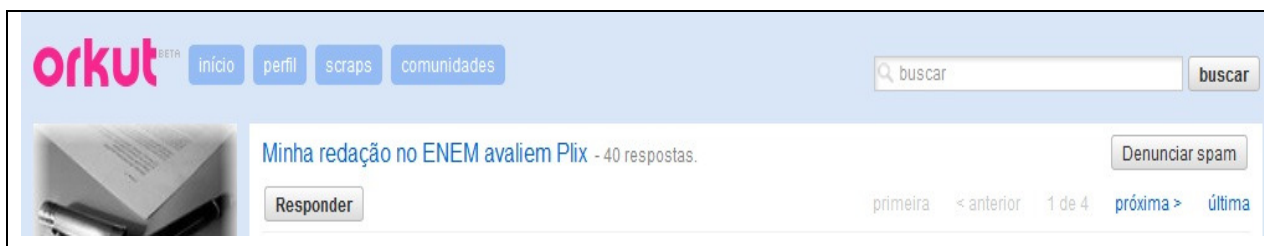


Figura 11 – Fórum de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5536819290131160160>. Acesso em: 10 nov. 2010

Esses são alguns dentre dezenas de fóruns levantados cujo tema era a redação do ENEM. As figuras 8, 9, 10 e 11, correspondentes, na sequência, às comunidades “Eu amo redação”, “Redigir redação”, “Aprendendo redação” e “Livros, Textos e Redação” suscitaram entre sete e quarenta respostas. O fato de existir essa espécie de verificação do desempenho em provas, como nos exemplos das figuras ou a existência de ensaios para exames vestibulares e pedidos de ajuda para trabalhos de produção textual que devem ser direcionados à escola, como encontrado em outros fóruns dessas comunidades, confirma

como os efeitos da utilização da tecnologia variam de acordo com o contexto e os usos que se faz nele, portanto, não é determinado intrinsecamente por ela em si (LUKE, 2008).

O Orkut, sendo uma rede social destinada, inicialmente, a fazer amigos e propiciar relações entre pessoas com interesses comuns,⁶⁰ transforma-se em ambiente para prática de escrita de textos, mostrando como “os sentidos das tecnologias se constroem conforme modos pelos quais se institucionalizam e se socializam” (GARCÍA-CANCLINE, 2008, p. 308).

Além disso, esses processos que ocorrem no digital contam com a vantagem de que, ao praticarem a escrita de textos nas comunidades, os orkuteiros têm possibilidades de agir criticamente sobre seus enunciados e sobre as produções de outrem. Segundo Dahlet (1994):

O intercâmbio entre iguais, relacionando as realizações individuais com o dinamismo de um projeto coletivo, identificado a possibilidades e restrições operatórias, não é assim só particularmente indicado para reduzir a desconfiança do aprendiz face ao princípio da auto-avaliação, mas também para levar-lhe a percorrer e a controlar as articulações determinantes do processo de redação, em sua integridade (DAHLET, 1994, p. 91).

⁶⁰ Desde sua criação até o ano de 2007, a página para acesso ao Orkut apresentava o seguinte texto de apresentação: “O orkut é uma comunidade on-line que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. Proporcionamos um ponto de encontro online com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer amigos confiáveis e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses”. De 2007 a 2009 passou a ser:

“What do you know?”

Conecte-se aos seus amigos e familiares usando recados e mensagens instantâneas.

Conheça novas pessoas através de amigos de seus amigos e comunidades.

Compartilhe seus vídeos, fotos e paixões em um só lugar”.

Já, de 2010 ao início de 2012, pode-se encontrar a seguinte mensagem ao acessar o endereço eletrônico www.orkut.com:

“Igual à vida real

Fale com todos os seus amigos ou apenas com grupos separados. Você controla quem vê o quê. Interaja com seu melhor amigo, seu chefe e até com sua avó com privacidade.

Comunique-se

Chat, scraps e comentários: converse com cada grupo de amigos como você quiser.

Divirta-se!

Compartilhe fotos, vídeos e novidades facilmente. Participe de comunidades para discutir assuntos de seu interesse”. Informações extraídas de www.orkut.com.

O interessante é que, na rede social, esse procedimento de “intercâmbio entre iguais” defendido pelo autor como benéfica estratégia como prática da escrita para aprendizes é feito de forma voluntária e bem recorrente. Não se trata aqui de tomar postura ingênua, uma vez que em todas as interações humanas há relações de poder – as comunidades do Orkut, por exemplo, possuem moderadores que têm a competência de excluir postagens consideradas impróprias –, tampouco de enaltecer o meio digital como mais igualitário por conter essas práticas. Sabe-se que as desigualdades nele mantêm-se também, a começar pelo dispar acesso à tecnologia e seu domínio. Como bem aponta Braga (2007): “É claro que seria simplista acreditar que todas as barreiras sociais caem por terra com as novas tecnologias, as quais certamente foram criadas para atender aos interesses e às necessidades de um grupo de elite” (BRAGA, 2007, p. 192).

Contudo, o que se destaca são os processos de escrita nas comunidades específicas que foram analisadas e, a partir da relação intrínseca entre escola, sociedade e práticas letradas encontradas, tornam-se saliente essas questões para os estudos linguísticos, posto que as possibilidades do meio e funcionalidades do(s) ambiente(s) terão efeitos diferentes para regimes normativos diversos:

Como se estabeleceu há tempos nos estudos sobre os efeitos da televisão, esses novos recursos tecnológicos *não são neutros*, nem tampouco onipotentes. Sua simples inovação formal implica mudanças culturais, mas *o significado final depende dos usos* que lhes atribuem os agentes (GARCÍA-CANCLINI, 2008, p. 307, grifos meus).

No Orkut, vêm-se sujeitos atribuindo usos para a ferramenta fórum *on-line* da rede social não previstos por seu idealizador, mas que ao serem feitos pelos associados, convertem-se em mudanças culturais: os orkuteiros elaboraram forma de apresentarem seus textos, receberem/fazerem correções deles e praticarem atividades de escrita em um processo de inclusão digital nos termos de Buzato (2007):

Chamarei, então, de inclusão digital, daqui por diante, um processo contínuo e conflituoso, marcado pela tensão entre homogeneização e proliferação da diferença, tradição e modernidade, necessidade e liberdade, através do qual as TIC penetram contextos socioculturais

(sempre heterogêneos), transformando-os, ao mesmo tempo em que são transformadas pelas maneiras como os sujeitos as praticam nesses contextos (BUZATO, 2007, p. 74).

Assim, compreende-se que as postagens nos fóruns das comunidades do Orkut relacionam-se com práticas *off-line*, como as escolares, modificando-as, enquanto, simultaneamente, o meio digital é alterado pelos usos feitos pelos membros da rede. Nesse caso, em particular, há vozes que “dialogam” continuamente nos enunciados: vozes de professores, alunos, autores, textos, obras literárias, enfim, enunciados produzidos em diversas esferas comunicativas e situações várias, integrando uma cadeia discursiva cujo fim ou início seria impossível precisar.

Para a presente análise, portanto, todas as interações nas comunidades virtuais (postagens nos fóruns) foram tratadas como “enunciados”, levando-se em conta que “Todo enunciado, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construído como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 98).

Se, por um lado, ao tratar os textos publicados nos fóruns como enunciados, reconheço, por conseguinte, seu caráter responsivo e dialógico, por outro lado, é essencial considerá-los também em situações de produção específicas. Ainda segundo Bakhtin:

Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*; ela é função da pessoa desse interlocutor (...) (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 112).

Logo, dois elementos são imprescindíveis para a análise dos enunciados que compõem o *corpus*: a situação social mais imediata, ou seja, o contexto de produção e a interlocução. Os textos (re)produzidos no Orkut são marcados pelo caráter assíncrono da comunicação: os interlocutores não necessariamente precisam estar conectados

concomitantemente à Internet, pois os enunciados ficam inscritos nos fóruns das comunidades, sendo possível localizá-los depois de disponibilizados. Notei, acompanhando a interação entre os sujeitos, porém, que as trocas de mensagens eram feitas em curtos períodos de tempo e, muitas vezes, sincronicamente.

Outra característica típica da rede social é o fato de seus dizeres serem públicos e passíveis de leitura e interação a qualquer membro do Orkut. Nesses processos interativos, geralmente, os sujeitos empregam o chamado “internetês”, isto é, formas alternativas – ao ideal existente da norma culta padrão – de grafar a modalidade escrita da língua nos meios digitais, caracterizadas pela redução, repetição, permuta ou acréscimo de letras em palavras, apagamento da grafia de acentos, abreviações, usos de registros gráfico-visuais, emprego de estrangeirismos, enfim, variações e representações convencionais para a escrita do português que não se tratam de interferência da oralidade, mas de possibilidades de uso da língua de acordo com propósitos comunicativos de seus usuários (KOMESU, 2007, 2010; KOMESU & TENANI, 2009, 2010). A seguir analiso um exemplo deste tipo:

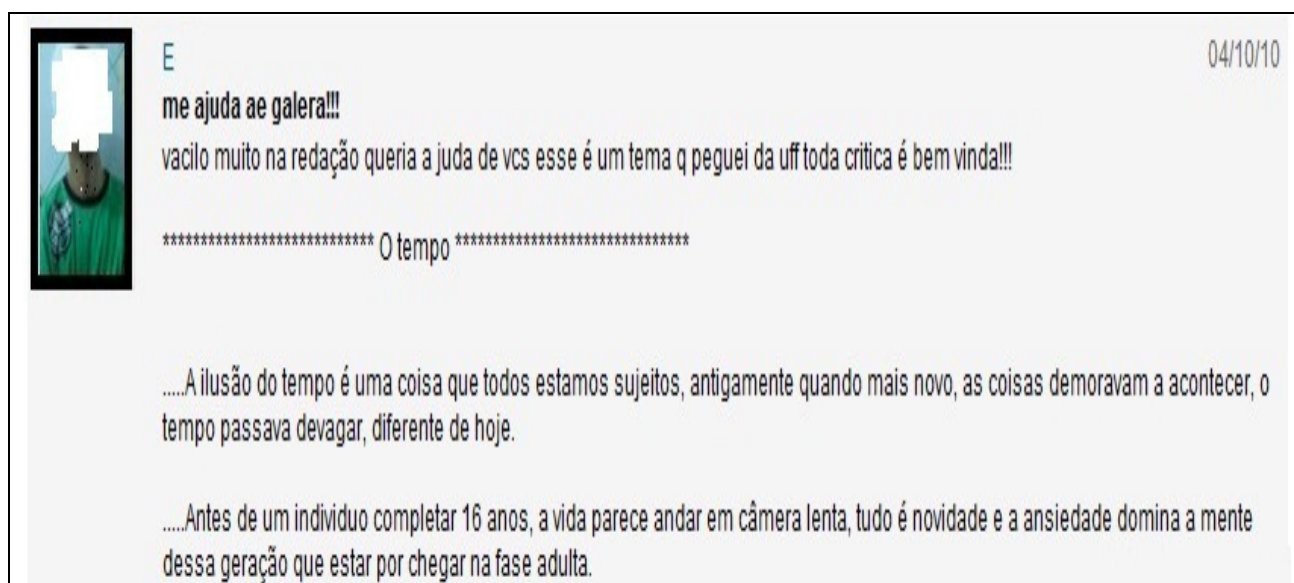


Figura 12 – Enunciado da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5524141422353251777>. Acesso em 09 out. 2010

No enunciado de *E*, que se refere a uma solicitação de ajuda – até o título – e aos dois primeiros períodos de uma produção textual sua, encontra-se adequação aos gêneros por parte do escrevente de acordo com seus propósitos comunicativos que pode ser percebida pelo uso do internetês nos momentos de interação e comunicação em que requer auxílio e pelo emprego da norma culta no texto que disponibiliza para ser avaliado, demonstrando como, embora os interlocutores sejam os mesmos, os gêneros são diferentes.

Assim, o sujeito expressa-se, nas três primeiras linhas do exemplo acima, utilizando registros como “ae” (= aí), “vcs” (= vocês) e “q” (= que). Mas, na escrita de seu texto para correção – apesar dos “deslizes” em relação aos preceitos da gramática normativa, como regência verbal (“é uma coisa que todos estamos sujeitos” e uso inapropriado do infinitivo (“dessa geração que estar por chegar”) – pretende escrever um enunciado isento de formas alternativas do internetês, como abreviaturas e registros gráfico-visuais.

Na leitura e no exame do *corpus*, encontrei vários exemplos como o da Figura 12, apontando para uma adequação da linguagem pelos orkuteiros de acordo com situações e propósitos comunicativos. Observe os enunciados⁶¹ dos sujeitos *L* e *T* no fórum da comunidade “Livros, Textos e Redação” em 30 de Março de 2010:

L:
(...)
TEMA: A internet no cotidiano
A internet transformou quilomentros em bytes, dias em segundos, pois quanto tempo levaria a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal se já existisse o MSN? A internet reduziu a distância entre continentes em mera diferença de endereço eletrônico. (...)

L:
Me ajude aí!
comente, avalie...!
dei-me uma LUZZZZZZzzzzz.....
OBRIGADOOOOOooooo...

⁶¹ As imagens reais dos enunciados não estão reproduzidas, pois o fórum foi excluído do Orkut, tendo sido possível resgatá-lo devido ao fato de estar gravado nos registros do *corpus* armazenados em arquivo *Word*.

T:

TEMA: A internet no cotidiano

A internet transformou quilômetros em bytes, dias em segundos, pois quanto tempo levaria a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal se já existisse o MSN? A internet reduziu a distância entre continentes em mera diferença de endereço eletrônico.

Eu deixaria dessa forma:

**A internet transformou quilômetros em bytes, dias em segundos. Quanto tempo levaria a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal se existisse o MSN naquela época?*

T:

Então cara essas perguntas são, mais ou menos, oq o leitor vai querer saber qdo começar a ler o seu texto e essa explicação tem q ser dada na introdução. Faça uma redação para que até o mais leigo, sobre o assunto, possa entender com facilidade oq vc quer passar.

*É a forma como eu procuro fazer, é a minha opinião.
Abraço.*

L:

*valeuuuu....o comentariooo!
ha os erros de prutugues foi por conta da rapidez que escrevi!
MAas obrigado pela dica!*

No primeiro excerto, o autor posta a introdução de uma redação cuja temática é “A internet no cotidiano” para, em seguida, solicitar interlocutor. Cotejando esses trechos com o exemplo anterior, depara-se com a mesma situação de adequação aos gêneros. O sujeito L também busca seguir a norma culta da língua portuguesa em sua produção textual para correção, todavia, utiliza outro gênero para se dirigir ao seu(s) interlocutor(es), uma vez que o propósito comunicativo foi modificado, indicando a adequação pelo emprego do internetês por meio do acréscimo de letras em palavras e jogos visuais constituídos pela alternância entre maiúsculas e minúsculas (“OBRIGADOOOOOooooo...”).

L é respondido por *T* que reescreve o primeiro período da redação, transformando-o em dois e fazendo alterações que julga pertinentes. Posteriormente, explicita seu posicionamento e aconselha o autor inicial. Percebe-se que, nessa explicação, *T* também prefere o internetês à norma padrão e a réplica de *L*, igualmente, é produzida daquela forma, o que pode ser constatado em termos como “oq”, “vc” e “valeuuuu”.

Com efeito, por meio desses enunciados, reflete-se sobre o plurilinguismo existente em uma mesma língua, revelando que essa não é estática, nem abstrata. Desmitifica-se, assim, a ideia romantizada de língua como tesouro nacional, patrimônio histórico-cultural que deve ser preservado e não “contaminado” e assume-se que “a língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal-social dos locutores*” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 127, grifos do autor).

É interessante notar que situações análogas ocorrem em eventos de letramento *off-line*, por exemplo, em salas de aula, onde alunos usam variedade(s) diferente(s) da norma padrão em oposição ao professor de língua portuguesa que emprega – ou busca utilizar – a variante culta, acontecendo a justaposição de variedades que não podem ser tratadas de forma redutora. Conforme Bortoni-Ricardo (2004), “qualquer comunidade, seja pequena como um distrito semi-rural pertencente a um município, ou grande, como uma capital, um estado ou um país, sempre apresentará variação linguística” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 47). Dentre essas comunidades, inclui-se, portanto as comunidades do Orkut analisadas na pesquisa.

Voltando ao exemplo de *L*, pude observar que 12 dias depois de publicar a introdução de sua produção textual sobre Internet na comunidade “Livros, Textos e Redação”, o sujeito escreveu o texto completo e disponibilizou-o em outro fórum da mesma comunidade que foi corrigido, desta vez, pelo sujeito *D*. Embora não tenha sido possível recuperar a correção, na sequência está reproduzida a imagem da redação de *L*, então, acabada:

orkut BETA início perfil scraps comunidades

buscar

Avaliem !!!!(NOTA e COMENTÁRIO) - 3 respostas. Denunciar spam

Responder primeira < anterior 1 de 1 próxima > última

L - 11/04/2010

Avaliem !!!!(NOTA e COMENTÁRIO)

Avaliem Redação!
Tema: A influência da internet no cotidiano

Sociedade Digital

A internet transformou quilômetros em bytes e dias em segundos, pois quanto tempo levaria para chegar a carta de Pero Vaz de Caminha à Portugal se já existisse o MSN naquela época? Será que seria possível acreditar na veracidade desse documento?

É um fato notório que a internet facilitou as relações interpessoais, pois na contemporaneidade pode-se vê ouvir e falar com pessoas em outros pais instantaneamente, trocar informações sobre fatos importantes em tempo real. Graças ao MSN, Orkut e ao twitter entre outros. Demonstrando, assim o alto nível de inteligência e brilhantismo da mente humana. No entanto essa invenção vem gerando grandes problemas á sociedade digital. Devido a facilidade de divulgar informações, nem sempre essas são verdadeiras. O wikipédia, site enciclopédia, é um grande exemplo dessa facilidade de postar. Levando o usuário a ter bastante cautela ao acreditar no conteúdo dos sites. Portanto se deseja falar com um amigo que há muito tempo não vê e esta longe recorra a essa super máquina de comunicação, porem se o que procura é uma boa e segura fonte de pesquisa é melhor ir à biblioteca mais próxima.

Livros, Textos e Redação
8.693 membros

comunidade

fórum

enquetes

membros

Ações

Deixar comunidade

Figura 13 – Texto completo de *L* em “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5458852211687208701>. Acesso em: 12 abr. 2010

Ao se comparar essa introdução do texto de *L* com sua primeira versão no exemplo anterior, pode-se observar que algumas modificações foram feitas, inclusive, a partir das sugestões de seu interlocutor inicial *T*, apontando a influência desse último na segunda versão da redação, como a transformação do trecho “quanto tempo levaria a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal se já existisse o MSN?”. Nota-se que *L* não copia simplesmente a proposta de *T* (“Quanto tempo levaria a carta de Pero Vaz de

Caminha ao Rei de Portugal se existisse o MSN naquela época?”), mas apropria-se dela e reescreve o enunciado: “quanto tempo levaria para chegar a carta de Pero Vaz de Caminha à Portugal se já existisse o MSN naquela época?”.

Esse evento aponta para a importância da interlocução na atividade de escrita e do processo dialógico existente na (re)elaboração do texto de *L*. Temas que serão melhor abordados nas próximas seções. Por enquanto, gostaria de centrar a reflexão na questão da interlocução.

Quando as pessoas escrevem no Orkut, elas dirigem-se a um interlocutor e, na maioria das vezes, devido ao fato de a comunicação ser assíncrona, não há o direcionamento a uma *persona* exclusiva, mas aos associados da(s) comunidade(s) de modo geral, permitindo, pois, que qualquer membro (e até qualquer visitante) possa ler e responder aos enunciados publicados. Ainda assim, acredito que aquele que escreve em fóruns de comunidades da rede faz uma ideia de quem possa ser seu interlocutor, pois, “em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 113).

No caso dos ambientes observados, estes interlocutores são, quase sempre, estudantes do Ensino Médio que irão realizar concursos, como os exames vestibulares; professores ou, simplesmente, interessados na atividade da escrita. A interlocução, além de esperada, é suplicada em solicitações presentes em enunciados como “Ajuda, *alguém* pode avaliar?”, “*Alguém* pode me ajudar com este tema!” ou “por favor, *alguém* pode corrigir minha redação?” Veja:

☐ AVALIA?	J	3	11 abr
☐ Avaliem por favor!	C	5	9 abr
☐ Interpretação de Frase	O	5	8 abr
☐ Que nota vcs dariam para essa redação?	K	3	8 abr
☐ Avaliem meu texto, por favor...	Sr.	15	7 abr
☐ ajuda ae tenho que fazer uma redação sobre isso	T	5	7 abr
☐ Ajudinha...	T	2	7 abr
☐ Avaliem, por favor!	n	4	7 abr
☐ Poesias	C	5	5 abr
☐ Mais um texto, avaliem :)	• J.	6	2 abr
☐ Texto dissertativo-argumentativo.	V	16	1 abr
☐ Avaliem (urgente, por favor)	'	5	31 mar
☐ Ajuda..	n	0	31 mar
☐ Sou " Nós "	P	5	31 mar
☐ Redação correção e dicas (urgente)	*J	4	30 mar
☐ Avaliem!	T	2	29 mar
☐ Avalie ? *-*	x K	3	27 mar
☐ nesse caso como faço?	V	2	27 mar

primeira | < anterior | próxima > | última

Figura 14 – Alguns tópicos de fóruns da comunidade do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=8148414>. Acesso em: 05 jan. 2010

Dessa forma, os associados a essas comunidades virtuais têm seus textos expostos a e corrigidos por diversas pessoas, podendo interagir com seus corretores e cotejar avaliações diferentes feitas por usuários distintos, confirmando, na prática, a afirmação de Marcuschi (2005a) de que “escrever é uma atividade que exige um movimento para o outro, definindo este outro como seu interlocutor” (MARCUSCHI, 2005a, p. 11), pois “escrever é oferecer algo para ler” (MARCUSCHI, 2005a, p. 13).

Assim, parece que os indivíduos que colocam suas redações no Orkut teriam não apenas um, mas vários interlocutores, ao contrário do que, muitas vezes, aconteceria na escola, como aponta Pécora (1983) ao afirmar a ausência de um interlocutor explícito para a redação escolar ou da posição de Britto (1997[1983]) que indica o professor como único interlocutor dos textos produzidos pelos alunos. Na rede, a enunciação aproxima-se da concepção dialógica da linguagem defendida por Bakhtin (2003[1952-1953]):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 271).

Estendendo a compreensão de enunciado para textos escritos,⁶² assinalo a característica responsiva desses que implicam réplica(s), ainda que em discursos posteriores ou não verbais, o que Bakhtin denomina “compreensão responsiva de efeito retardado” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 272), como o exemplo do texto de *L*, reproduzido na Figura 13 que, apesar de não ter devolvido sua redação para o corretor *T*, respondendo imediatamente a sua correção, apresentou marcas retardadas dessa em texto posterior.

Enfim, nos enunciados das comunidades do Orkut observadas circulam muitas vozes que são colocadas de maneira plurivocal pelos membros que escrevem, evidenciando o caráter dialógico da enunciação. Ademais, as práticas de escrita na rede ainda que muito semelhantes às atividades escolares tradicionais, parecem ser mais favoráveis ao ensino-aprendizagem, em função do maior número de pares que orkuteiros têm para estabelecerem suas atitudes responsivas, o que eleva também a probabilidade de respostas explícitas. Por outro lado, ao escrever no computador, o sujeito pode visualizar melhor sua ação, elaborando reflexões e percepções mais claras em uma meta-análise de sua atividade de escrita. Atitude, inclusive, consciente para alguns membros que fizeram afirmações como “Ter o contato com textos produzidos por outras pessoas faz o produtor (neste caso, eu) analisar com mais detalhes o seu próprio texto”.⁶³

Motivada pela compreensão desses processos de escrita, iniciei, então, a análise dos registros que será apresentada na próxima seção.

⁶² Compartilho com Rojo (no prelo) a equivalência entre texto e enunciado: “Cremos que Bakhtin (2003[1959-61/1976]) autoriza a fazer equivaler texto e enunciado, ao dizer, por exemplo, que há ‘dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção’ (p. 308). Mais que isso, o autor se aproxima bastante do conceito mais amplo de texto – estendido a várias linguagens – que estamos adotando aqui: ‘se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte)’(p. 307)” (ROJO, no prelo).

⁶³ Enunciado do sujeito *Prof. A* em entrevista virtual no dia 16 dez. 2011.

3.2. Analisando os registros gerados

3.2.1. Autor frequente, gêneros diferentes

*Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.*

*Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.*

*Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.⁶⁴*

Já deve ter ficado claro até aqui que a prática da escrita de textos, nas comunidades analisadas, dentro do período observado, dotava-se de objetivos bastante particulares: treinamento para provas e desenvolvimento de trabalhos escolares. Diante disso, não obstante o fato de as TICs propiciarem e/ou facilitarem produções com imagens, sons, filmes, entre outros, nesses ambientes específicos, os enunciados limitaram-se a (re)produzir gêneros cobrados naquelas situações de avaliação que, por conseguinte, não permitem imagens ou a inclusão de outras semioses, mas somente palavras.

Por isso, meu trabalho não contempla análise propriamente hipermodal desses textos, ainda que circulantes no meio digital, uma vez que não foi possível encontrar a reunião de outras mídias neles, até por limitações da ferramenta fórum no Orkut. Interessou-me verificar, então, o que processos de escrita tão similares à produção textual em escolas e provas de vestibular – já que não se mostravam inovadores quanto à construção composicional – indicavam sobre o exercício de escrever, o conteúdo temático e o estilo.

⁶⁴ ANDRADE, C. D. *A Palavra mágica*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Nesta seção, analiso produções textuais de um sujeito que, no ano de 2010, publicou várias delas em fóruns do Orkut. Trata-se de um orkuteiro que disponibilizou seus textos na comunidade “Redigir Redação” e será referido como *T*. Ao acompanhar sua página pessoal (perfil) no Orkut foi possível apreender algumas informações sobre ele: o rapaz dizia ser do estado da Bahia e, na época em que os registros foram gerados, era estudante e residia na cidade de Irecê, mudando-se para o estado da Paraíba, no ano de 2011, quando ingressou na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no curso de Ciências da Computação. Dados que revelam, portanto, ser o escrevente um vestibulando e que sua motivação para a escrita na comunidade visava à prática textual a fim de se capacitar para o exame, entre outras possíveis razões.

O sujeito *T*, além de participar do Orkut, é associado a outras redes sociais da Internet como o Facebook,⁶⁵ utiliza ferramentas de comunicação instantânea como o *MSN-Messenger*⁶⁶ e, inclusive, mantém um *blog*⁶⁷ onde disponibiliza informações sobre exames vestibulares e divulga os textos que produz. Além disso, a escolha por trazer, na análise, enunciados de *T* deveu-se fundamentalmente ao fato de que ele publicava assiduamente suas produções textuais na comunidade de que participava, escrevendo sobre temas diversos e em gêneros distintos.

Dando, então, continuidade ao exame dos enunciados do Orkut, apresento textos escritos por *T* sem especificação dos gêneros e disponibilizados na comunidade “Redigir Redação” em 24/07/2010 os dois primeiros e, em 26/07/2010, o último:

⁶⁵ Ver glossário.

⁶⁶ Ver glossário.

⁶⁷ Ver glossário.



T

24/07/2010

Compartilhar ou não o lucro obtido com a extração do petróleo da camada do pré-sal, como garantiria a emenda proposta pelo deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) tem gerado sérias discussões no cenário nacional, numa discussão entre dois lados de diferentes interesses.

De um lado, está o Rio de Janeiro, estado brasileiro detentor da maior parte de todos os lucros obtidos com o petróleo do pré-sal. O Rio argumenta o fato de a parte de maior concentração petrolífera estar nos limites marítimos do estado, e a necessidade de maior concentração de verba no estado para organização e desenvolvimento da cidade que irá sediar a Copa do Mundo em 2014, e as Olimpíadas em 2016, eventos de suma importância e responsabilidade para o Brasil, que espera crescer economicamente durante tal período.

Contrário as aspirações do Rio de Janeiro, está a proposta do deputado Ibsen, que busca dividir de forma menos desigual todo o lucro obtido entre os demais estados brasileiros. Defensor de tal tese, e assegurado pela lei de número 9.478, de 06 de Agosto de 1997, que garante à União todo o recurso mineral encontrado nos meios marítimos, o deputado afirma em seu projeto de Lei já aprovado na Câmara dos Deputados que a renda obtida deve ser distribuída com toda a nação, tendo em vista o desenvolvimento geral da nação, e não só garantir exclusividade à região sudeste, especificamente o Rio de Janeiro

Tendo em vista que o real benefício seria o desenvolvimento geral do país e que a lei assegura à união os recursos minerais do oceano, a melhor medida a se tomar seria dividir a renda obtida, mesmo que não igualmente, entre os estados. O Rio poderia assegurar maior parte da renda, e ter apoio da União para organização dos eventos esportivos que irá sediar, todavia, não ser detentor de uma parcela desproporcional.

Citar

Figura 15 – Dissertação publicada por T em “Redigir redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=22247907&tid=5340784363687071648&na=3&nnp=5&nid=22247907-5340784363687071648-5452846361619785736>. Acesso em: 29 set.2010



T

24/07/2010

Lei Impede Uso de Piercing e Tatuagens

Projeto que tramita em Brasília tem como meta proibir uso de piercings e tatuagens em menores de 18 anos.

O deputado estadual Neuton Lima (PFL- SP) colocou em tramitação o projeto de lei que viria proibir a utilização de piercings e/ou tatuagens em menores de 18 anos. Segundo o deputado, o projeto preza pela segurança do menor, que segundo ele não tem consciência dos riscos que poderiam vir causar a utilização de tais acessórios.

O foco principal do projeto do deputado esta nas reações alérgicas e transmissões de doenças que poderiam ser adquiridas no processo de implantação e confecção de piercings e tatuagens, respectivamente.

O projeto teve repercussão ambígua em âmbito nacional. Os que compõem o lado que apóia o deputado utilizam de seus mesmos argumentos, acrescentando a falta de profissionalismo e responsabilidade por parte dos profissionais incumbidos da colocação tanto de piercings como tatuagens e asseguram que tal medida virá como medida de solução e/ou prevenção de possíveis futuros problemas.

A repercussão contrária ao projeto fundamenta-se na própria dualidade dos deputados brasileiros. Ao afirmar que os adolescentes, menores de 18 anos, não têm consciência suficiente para colocar piercings e/ou tatuagens, entram em contradição pois os mesmos lutam pela diminuição da maioridade eleitoral para 16 anos. Daí questiona-se se um jovem que não tem consciência para adquirir um novo acessório ao seu corpo terá a mesma para decidir o futuro de seu país.

Ambos os lados tem fundamentos para questionar-se, todavia, projetos que visassem melhorias em âmbitos econômico/sociais seriam de melhor aproveitamento a nação brasileira. Cabe aos deputados e senadores decidir o destino do projeto de lei.

Citar

Figura 16 – Texto de Opinião publicado por T em “Redigir redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=22247907&tid=5340784363687071648&na=3&nnp=5&nid=22247907-5340784363687071648-5452846361619785736>. Acesso em: 29 set.2010



T

26/07/2010

Irecê – BA, 27 de maio de 2010

Ao Exmo. Sr. Fernando Haddad, Ministro da Educação,

Prezado Ministro, nós, alunos de instituições educacionais e futuros profissionais aptos ao mercado de trabalho, tendo em vista a importância da leitura para a formação de um cidadão na sociedade contemporânea, questionamo-nos a pequena quantidade de bibliotecas municipais nos centros brasileiros.

A falta de acesso a leitura, priva o acesso de certo grupo populacional a cultura literária do país e/ou de outros países. Como medida de solução, gostaríamos de salientar o apoio à preservação do “ônibus biblioteca” e solicitar a expansão deste centro de leitura ambulante, pelas demais regiões brasileiras, sendo que, poucas pessoas têm acesso à biblioteca municipal por diversos e alternados fatores.

A leitura é ferramenta de suma importância para expansão do conhecimento e nível educacional da população. Dados estatísticos comprovam a influência dela na formação do cidadão. Tomando-os como referência, torna-se necessário aumentar os locais de acesso a livros de boa qualidade à população, proporcionando-os momentos de leitura e consequente aquisição cultural. Agradecemos vossa atenção reforçando a necessidade de ampliação da campanha “Ônibus Biblioteca” e sua importância.

Atenciosamente,

TMS.

 Citar

Figura 17 – Carta publicada por T em “Redigir redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=22247907&tid=5340784363687071648&na=3&nnp=5&nid=22247907-5340784363687071648-5452846361619785736>. Acesso em: 29 set.2010

Primeiramente, é importante destacar que as redações foram reproduzidas exatamente como aparecem no Orkut e devido ao meio em que circulam, apresentam, portanto, alterações em relação à estrutura implicadas pela ferramenta. Assim, nos fóruns, não há demarcação de linhas, alinhamento de parágrafo ou recuo, o que pode gerar disposição para o texto diferente de uma folha de caderno, por exemplo. Nas produções textuais de T trazidas, nota-se, claramente, que não há espaço convencional de parágrafo, mas eles podem ser identificados pelas palavras iniciadas em letras maiúsculas após intervalos em branco. A configuração dessa maneira, como já abordado, não traduz inovações formais aos textos, mas adequações às ações permitidas pela ferramenta.

Em relação a seus conteúdos temáticos, os textos voltam-se a temas distintos: o primeiro discute o destino dos lucros gerados pelo petróleo extraído da camada do pré-sal, ao passo que o segundo aborda um projeto de lei que impediria o uso de *pierings* e

tatuagens e, o último, trata-se de uma carta destinada ao, então, Ministro da Educação Fernando Haddad, solicitando um benefício.

Contudo, nenhum deles foi publicado com indicação da proposta para a qual foi elaborado e, portanto, sem menção aos gêneros a que *T* se propôs a escrever. Na verdade, são poucos os sujeitos que percebem a relevância de se especificar as propostas para avaliar textos em contraposição à necessidade de verificar adequação ou não desses com base nos elementos solicitados nelas. No *corpus*, dentre os 245 enunciados selecionados em que eram socializados textos para avaliação, 86 não divulgavam a proposta, nem o tema de suas redações; 122 indicavam o tema, mas não a proposta; e, apenas 37 apontavam o tema e a proposta.

A não preocupação em apresentar as propostas (nem indicar os gêneros produzidos) revela forte concepção do texto como produto independente do contexto e acabado em si, a escrita como atividade autônoma (STREET, 1984; 1993), decorrente da inspiração e não de um propósito interativo específico, confirmada por enunciados de orkuteiros como “Primeiro é essencial que tenha lido muito, especialmente na infância. Sem esse conhecimento prévio o desenvolvimento de um escrito torna-se vazio e desconexo. A seguir, é preciso que coloque sua emoção naquilo que esteja fazendo”⁶⁸ ou “cara, redações você faz uma boa quando bate a inspiração...sabe? Quando você sente que é hora de colocar no papel aquilo está atormentando sua cabeça”.⁶⁹ Assim, expressão de emoções e inspiração se sobreporiam às instruções das propostas para as quais se escreve.

Se, por um lado, os autores não se preocuparam em fornecer as propostas para as quais produziam textos e/ou esclarecer temas, seus interlocutores tampouco os pediram. Em meio a todos os registros gerados somente um orkuteiro levantou a questão no enunciado: “Gostei da redação. Essa solicitação deve ter tido uma coletânea, certo? Sem ler a coletânea para entender exatamente o que se está pedindo fica muito complicado avaliar

⁶⁸ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5530891397338366169>. Acesso em: 22 out. 2010.

⁶⁹ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5428457312473056005>. Acesso em: 25 jan. 2010.

imparcialmente o texto”⁷⁰ e outro que combateu a visão de escrita como fruto da emoção e inspiração, a saber, “As provas de vestibular não esperam você tah inspirado. Eh uma questão de conhecimento e dedicação ao estudo dos assuntos que estão em alta e as regras de redação”.⁷¹

Como este trabalho baseia-se em pressupostos etnográficos e reconhece a importância do contexto de produção e dos propósitos comunicativos, embora o orkuteiro *T* também não tenha explicitado quais as propostas motivadoras dos textos que ora analiso, tampouco seus gêneros, busquei identificá-los através de *sites* de busca, como o *Google*, em arquivos da Internet por serem importantes para a compreensão dos processos de escrita.

O primeiro texto de *T*, provavelmente, foi suscitado pela repercussão que o assunto pré-sal teve na mídia brasileira da época e sua relevância para o cenário nacional, apesar de, até a data de sua publicação, não ter localizado nenhuma prova de vestibular que o solicitasse. O sujeito, talvez, tenha escrito uma redação com a temática visando à possibilidade de encontrá-la nos exames que faria ou em função de propostas feitas por professores de cursinhos pré-vestibulares.

O segundo, por sua vez, possivelmente, foi produzido a partir da prova ⁷² da Universidade Federal do Ceará (UFC) do ano de 2002 que solicitava um artigo de opinião sobre o projeto de lei que proibia o uso de *piercings* e tatuagens e o terceiro texto pode ter sido proveniente do exame⁷³ da UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia, 2010 – que teve como tema da redação “O papel da escola na sociedade, o que fazer para amenizar tantos conflitos?”, no qual o candidato teria de fazer uma carta ao Ministro da Educação, discutindo o assunto e apresentando possíveis saídas para a questão.

⁷⁰ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5528642191656657308>. Acesso em: 18 out. 2010.

⁷¹ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5428457312473056005>. Acesso em: 27 jan. 2010.

⁷² A proposta em questão era: “Escreva um artigo para ser publicado em um jornal, na seção “Opinião”, posicionado-se a respeito desse Projeto de Lei” (ver anexo 2).

⁷³ Ver anexo 3.

Quanto à construção composicional dos textos de *T*, ainda que o autor não tenha esclarecido quais os gêneros que escreveu, ao se tomar a hipótese de que foram motivados pelas propostas apresentadas, conclui-se que o segundo texto é um artigo de opinião e o terceiro uma carta. Como para o primeiro não se localizou tema de redação de nenhuma instituição ou exame, presume-se tratar-se de uma dissertação, devido à demanda em vários deles,⁷⁴ como ENEM e FUVEST.

Dentre os três textos publicados, o que mais se distingue em termos de estrutura é a suposta carta, por suas marcas formais como menção do local e data, saudação ao destinatário – que é, inclusive, especificado – e logo após ao conteúdo, despedida e assinatura. Além disso, *T*, ciente de que em uma prova de vestibular é inapropriado deixar o nome do autor, o que leva os candidatos que o fazem a serem desclassificados em função da regra de não poderem se identificar, coloca somente as iniciais de seu nome completo, assinando sua produção como *TMS*.

Se por uma via, a construção composicional do terceiro texto aponta para a produção de uma carta, por outra via, nas primeiras redações as diferenças não são tão claras. Em ambos há três parágrafos, certo “tom” formal e, ao observá-las, foi possível perceber que não indicavam dificuldades, por parte do autor, em seguir preceitos da gramática normativa. Contudo, no presumido artigo de opinião, *T* apresentou maiores “erros” em relação aos outros textos que disponibilizou na comunidade, como problemas de concordância verbal (“não tem consciência dos riscos que *poderiam* vir causar a utilização de tais acessórios) e até de ortografia (“incubidos”).

Minha hipótese é a de que os equívocos ocorreram devido ao fato de o autor pretender se expressar de forma mais erudita, utilizando construções na ordem indireta e vocabulário mais sofisticado. Além disso, *T* escreve praticamente uma dissertação, inclusive, não assinando o artigo (nem com iniciais), como era de se esperar, indicando pouco domínio do gênero artigo de opinião e, portanto, nota-se uma tentativa compreensível de aproximar sua escrita a algo mais familiar, no caso, do texto dissertativo.

Assim, embora dissertação e artigo de opinião sejam gêneros diferentes (a primeira, por exemplo, estritamente escolar, enquanto o segundo também circula em

⁷⁴ Ver nota 58.

veículos de comunicação de várias esferas sociais, como revistas, jornais, *sites*, entre outros), salvo pela presença de título e subtítulo no que teria de ser um artigo, os exemplos não mostram diferenças entre os gêneros, possivelmente pela falta de domínio do escrevente.

Para continuar a analisar essas produções, já feitas considerações acerca de suas construções composicionais e conteúdos temáticos, retorno às concepções bakhtinianas e reflito sobre estilo (BAKHTIN, 2003[1952-1953]). O teórico distingue, de uma parte, a individualidade de cada enunciado e, de outra, a ampla variedade dos gêneros do discurso pelos quais os enunciados circulam, chegando à importante consideração de que, embora o enunciado seja individual, os gêneros influenciam a individualidade, permitindo manifestações distintamente, ou seja, há gêneros em que o estilo individual ocorre mais livremente e outros que são mais coercivos.

A indagação emergente, então, foi: quais seriam os limites entre o estilo individual e o estilo de gênero nesses textos? Haveria marcas de estilo e autoria nesses gêneros cuja forma composicional seria mais rígida? Qual a relação entre as composições e as propostas e instituições de ensino do país?

O próprio Bakhtin já dava indícios para responder a esses questionamentos ao considerar os gêneros do discurso como tipos não imutáveis (BAKHTIN, 2003[1952-1953]), ou seja, não são fixos nem definitivos, pois ainda que tenham uma identidade “não são classificáveis como formas puras, nem podem ser catalogados de maneira rígida” (MARCUSHI, 2003, p. 19), uma vez que, por estarem relacionados ao social estão, por conseguinte, sujeitos a modificações. Acreditando na possibilidade de encontrar marcas de estilo individual nas “brechas” deixadas pela dinamicidade dos gêneros, detive-me na análise das produções textuais do sujeito *T*.

Na produção de sua provável dissertação, *T* mostra melhor desempenho quanto à estruturação e ao desenvolvimento do conteúdo em relação ao suposto artigo. Ao escrever sobre o pré-sal, o orkuteiro menciona o projeto de lei do deputado Ibsen, dialoga com o poder legislativo, suas leis e trâmites e com a mídia que produziu notas, reportagens e artigos, entre outros. Ademais, quando declara o posicionamento do estado do Rio de Janeiro, traz para seu texto as “vozes” do governador desse estado, de políticos e de pessoas

de outros territórios brasileiros. No enunciado em questão, podem-se depreender também as “vozes” daqueles que acreditam que jogos esportivos em nível mundial proporcionariam um desenvolvimento sócio-econômico ao Brasil.

Adicionalmente, observa-se, nesse texto, uma historicidade, uma vez que discute situações reais, relevantes e atuais. É perceptível como *T* procura sempre fazer uma articulação dos temas que discute com o contexto histórico. Assim o faz ao contextualizar seus leitores sobre o debate existente em torno do assunto, levando-os a conhecer seu posicionamento, a saber, uma divisão dos lucros entre os estados.

Em síntese, na redação em questão, o autor realizou um processo de se posicionar no texto, seja “dando voz” a outros (voz do deputado, de pessoas a favor da lei, de cidadãos contra a lei, do governador do Rio de Janeiro), como se distanciando da própria escrita pelo uso de alguns verbos em modos e tempos que deixam de comprometer o enunciador. Por exemplo, no trecho “Tendo em vista que o real benefício seria o desenvolvimento geral do país e que a lei assegura à união os recursos minerais do oceano, a melhor medida a se tomar seria dividir a renda obtida, mesmo que não igualmente, entre os estados”, não emprega primeira pessoa (nem do singular, nem do plural), utilizando índice de indeterminação do sujeito para o verbo “tomar” ou ainda o emprego de infinitivo impessoal em “*Compartilhar* ou não”. Elementos que visam à atribuição de imparcialidade ao texto e se justificam, em última instância, pelo estilo imposto pelo gênero.

Em resumo, ao deter-me sobre os enunciados do sujeito *T*, procurando analisar em que medida se manifestava o estilo individual ou prevalecia o estilo do gênero, depreendi que o sujeito, na dissertação, trabalhou elementos estilísticos para a obtenção de efeitos além da gramática (POSSENTI, 2001, p. 272). Foi possível constatar que o sujeito fez enumerações, apresentando argumentos de ambos os lados de um debate, parecendo dizer “toda a verdade” sobre o assunto tratado e adquirindo a confiança de seus leitores. De modo geral, a maneira como construiu o texto projetou a imagem de cidadão preocupado com o bem comum de sua sociedade – a população brasileira – e com o desenvolvimento de seu país, como se depreende do trecho “Tendo em vista que o real benefício seria o desenvolvimento geral do país”.

Ao mesmo tempo em que constrói essa imagem e comunga ideias do senso comum brasileiro, o uso correto da colocação pronominal, por exemplo, diferencia-o e coloca-o como alguém que possui alto nível de instrução, imprimindo mais veracidade ao discurso, aceitação de sua tese e individuando-o. Mais uma vez, marca-se a relação com o estilo do gênero dissertativo e são reveladas marcas de autoria, considerando que seus verdadeiros sinais “são da ordem do discurso, não do texto ou da gramática” (POSSENTI, 2002, p. 17).

Já, no artigo de opinião, *T* optou por um maior distanciamento de sua produção, buscando empregar modos verbais e construções que permitissem a obtenção de efeito de impessoalidade, sendo que, ao falar dos jovens, não se incluiu. Além disso, utilizou tom bastante formal e optou por palavras incomuns no cotidiano, como “tramitação”, “dualidade” e “todavia”. Escolhas, possivelmente, realizadas pela informação da proposta de que o texto seria destinado a um jornal, o que implica (teoricamente) certa imparcialidade e suscita a função referencial da linguagem tão enfatizada na escola.

Finalmente, em relação à carta, o verificado foi o oposto: o texto, talvez, seja o mais adequado à norma culta dentre todos os publicados pelo autor no período analisado, o que acredito ter ocorrido, possivelmente, pelo maior domínio do gênero por parte de *T* e também pela provável familiaridade com o tema. Observei que pelo fato de a proposta requerer objetivo específico, ou seja, a solicitação de uma medida a um parlamentar, em função do gênero, foi importante o enunciador se posicionar.

Assim, *T*, diferentemente do observado na dissertação e no artigo de opinião, utiliza a primeira pessoa do plural incluindo-se entre os alunos que serão beneficiados com o ônibus-biblioteca e identificando-se, portanto, com estudantes brasileiros de uma classe média e baixa que não têm condições para adquirir uma biblioteca privada, por exemplo. O efeito seria totalmente outro, caso fosse utilizada a primeira pessoa do singular, visto que o autor faz um pedido para beneficiar um grupo social e, para tanto, opta por se incluir neste, mostrando luta pela causa. Além disso, por sua produção ser direcionada a um ministro, verifiquei o uso de um “tom” mais formal proporcionado por certas escolhas lexicais (“priva”, “salientar”) e o uso de ênclises (“questionamo-nos”).

De modo geral, ao analisar os textos de *T* em gêneros distintos, pude verificar singularidades que caracterizam estilo próprio do autor revelado, sobremaneira, por suas escolhas (POSSENTI, 2001; FIAD, 1997). Entre elas, estão a frequência com que o autor mostra sempre mais um lado da questão que trabalha (provavelmente por uma orientação proveniente de seus professores), a opção por um estilo mais claro e objetivo, não utilizando metáforas e distanciando-se de um “tom literário”; ao mesmo tempo em que busca adequar-se ao estilo do gênero, por exemplo, atribuindo tom mais ou menos formal aos textos.

A despeito da maior ou menor adequação à gramática tradicional, mesmo em gêneros distintos, o sujeito *T* se colocava como um autor pelo dialogismo com outros textos e enunciados (projeto de lei e notícias da mídia no segundo texto e uma campanha na última redação) e a construção da imagem dos interlocutores, principalmente, a do ministro, na carta, entre outras. É possível perceber ainda nos textos as vozes do deputado, das pessoas que são a favor da lei e daquelas que são contra a lei; dos alunos brasileiros, de quem acredita no poder transformador da leitura, respectivamente.

Ressalvo, entretanto, que “a ‘individualidade’ do estilo deve ter aspas, pois o *eu* só se constitui pelo diálogo com o *outro*, também em se tratando de estilo (DISCINI, 2004, p. 65, grifos do autor), ou seja, o individual está intrinsecamente enlaçado ao social, seja trazendo sempre a palavra do “outro”, seja por estar indissociável da história e da situação social, tanto imediata, como mais ampla, visto que “*a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação*” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 113, grifos do autor).

Dessa forma, ao se partir da relação sócio-histórica entre sujeito e linguagem, vê-se que os textos marcados pela produção para exames, como os analisados, mostram como:

A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e

duráveis a que está submetido o locutor (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 114).

Tomando o locutor como o escrevente, e pensando na produção de textos em comunidade(s) virtual(is) para praticar escrita com finalidade de treinar para provas, ao ler os enunciados do *corpus* e de *T*, em particular, percebi como esses sujeitos têm de se preocuparem com o politicamente correto, com pressões das instituições, pensarem no perfil das universidades que almejam, isto é, que tipo de alunos elas desejariam, elaborarem propostas que sejam éticas e humanitárias em suas produções e até demonstrarem certo “tom” de esquerda, indicando como são seres críticos e que podem transformar a sociedade em que vivem. Todavia, por saberem que estão sendo avaliados, esses sujeitos também têm objetivos práticos que, quase sempre, levam-nos a se aproximarem de modelos de textos mais tradicionais e já canonizados movidos pelo “medo” de arriscar e errar.

Isto aponta para a complexidade da produção de textos em provas e, por conseguinte, de redações como as de *T*, que são socializadas nas comunidades do Orkut. Nessa tensão, entre trazer conteúdo temático inovador e responder aos critérios de avaliação de textos em exames, a individualidade torna-se elemento, muitas vezes, sufocado pelos corretores das comunidades analisadas e pela escola, de modo geral, revelando certa homogeneização nos textos produzidos pelos alunos e orkuteiros, a promoção de um “estilo escolar” (FIAD, 1997, p. 157) que visa à valorização de regras ortográficas e normas gramaticais, ainda que não possamos generalizar. De acordo com Bakhtin (2003 [1952-1953]),

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, o qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição, quanto, particularmente, o estilo do enunciado. Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 301).

Nessa perspectiva, os textos de *T*, nesta seção examinados, ainda que permitam a manifestação de estilo individual, por terem sido produzidos com objetivos de

treinamento para vestibulares, não o apresentam fortemente. Inclusive, para este destinatário (o vestibular) não se espera que apareça estilo individual nos enunciados.

Tudo isso indica que, de fato, há algumas características que são determinadas pelo gênero, formando o que chamamos de estilo de gênero. Porém, todos os enunciados podem refletir também a individualidade dos sujeitos, ainda que os gêneros propiciem a manifestação deste estilo individual de maneira distinta (BAKHTIN, 2003[1952-1953]). Conclui-se, assim, com minhas análises dos textos de *T* em relação à construção composicional, ao conteúdo temático e ao estilo, haver submissão às exigências e especificidades do gênero e de instituições sociais, como a escola, sendo que essas podem, como demonstrado, entrar em embate com marcas individuais dos sujeitos e sobreporem-se a elas, corroborando o fato de que a análise do estilo é indissociável ao gênero (FIAD, 1997).

3.2.2. Acompanhando processos de escrita

*Estamoa aí pra nos ajudar mocinha... que bom seria se mais pessoas participassem ativamente. faço minha parte contribuindo com o pouco que sei... somando os poucos de cada um ja da muito conhecimento hem!*⁷⁵

A leitura dos enunciados do *corpus* apontou-me também para certa frequência de sujeitos em solicitarem não somente pedidos de avaliação de textos já elaborados, como os analisados na seção anterior, mas auxílio na própria composição das redações. No ano de 2010, entre os enunciados selecionados, descobri 59 fóruns em que orkuteiros compartilhavam suas tarefas (produzir textos para a escola, treinamento em concursos, escrever visando vagas de trabalho, entre outros casos) e almejavam encontrar ajuda de seus pares nas comunidades para as executarem.

Como exemplo dessa prática habitual no Orkut, analiso, agora, um fórum da comunidade “Eu amo redação”, intitulado “Alguém que possa me ajudar?” no qual um sujeito reclama assistência para produzir um texto que pode levá-lo a conquistar emprego:

⁷⁵ Enunciado extraído de “Redigir Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=22247907&tid=5498224120831053013>. Acesso em: 26 jul. 2010.



[início](#)
[perfil](#)
[scraps](#)
[comunidades](#)



Eu Amo Redação

3.590 membros

comunidade

fórum

enquetes

membros

Ações

- Deixar comunidade
- Seguir comunidade
- Criar tópico
- Criar enquete
- Denunciar abuso

Alguém que possa me ajudar? - 12 respostas.

[primeira](#)
[< anterior](#)
[1 de 2](#)
[próxima >](#)
[última](#)



R

31/03/2010

Alguém que possa me ajudar?

Boa Noite!

Gostaria de saber se alguém poderia me orientar como posso elaborar uma redação, comm o Tema: Ética no 3º Milênio.

Achei esse tema mt confuso e preciso de ajuda.

Vale uma vaga de trabalh.

Aguardo. Obrigada.;

[Citar](#)



Prof. A

01/04/2010

Leia mais sobre o assunto.

Antes de escrever sobre algo, é necessário conhecê-lo.....

[Citar](#)



R

01/04/2010

Prof. A

Tudo bem.

Já estou pesquisando sobre esse assunto.

Pode me tirar algumas dúvidas?

No que entendo, ética se refere ao caráter, valores que são importantes para que todo o ser humano possa viver bem, cumprindo seus deveres profissionalmente, na sociedade, enfim na sua vida em geral.

Se referindo ao tema, pelo que já pesquisei, seria um texto elaborado a partir da inversão dos valores que vemos hoje na sociedade?

A corrida desenfreada de todos em busca de muito trabalho na esperança de grandes conquistas financeiras?

A evolução da tecnologia, onde todos deixaram de ter contato direto para ter um contato virtual?

No lado profissional, como seria essa ética?

Prof. se puder continuar me ajudando, me responda se estou no caminho certo ou ainda não entendi o tema. Pode ter certeza que estou pesquisando e estudando o que tenho achado.

Aguardo um novo contato.

Obrigada.

[Citar](#)

96



R

01/04/2010

Só mais uma dúvida? Por favor?

Pelo que entendo, nós já estamos no 3º Milênio.

Estou certa?

Obrigada.

 Citar



Prof. A

01/04/2010

Ética é exatamente isto: comportamento, valores morais etc.

É interessante, se possível, fazer uma relação da ética desde a infância, na criação dentro de casa, nas escolas, no âmbito político, no dia a dia e, é óbvio, no trabalho.

Que tipo de texto eles estão pedindo: narração ou dissertação?

Ah, estamos no 3º milênio, sim.

Sucesso para você.....

 Citar



Prof. A

01/04/2010

Só mais uma observação:

A ética no trabalho, além de outras coisas, está relacionada com a postura do funcionário, na integridade moral, no companheirismo, em não falar mal de nenhum colega ou chefe, em não trazer os problemas de casa para o trabalho, em tomar suas decisões sempre centrado na razão (nunca na emoção), de valorizar o trabalho em equipe, de fazer prevalecer o respeito e o bom senso.

Outra coisa:

"A evolução da tecnologia, onde todos deixaram de ter contato direto para ter um contato virtual?"

Creio que isso não esteja ligado diretamente no assunto.

A mudança de hábitos traz à tona outras formas de viver em sociedade, mas não que isso esteja relacionado especificamente com a ética.

É apenas um palpite.....

 Citar



R

02/04/2010

Sua orientação é muito importante! Obrigada.

Muito obrigada Prof. pela sua orientação e principalmente por sua atenção.

Eles não especificam se é narração ou dissertação, apenas pedem uma redação, no máximo 20 linhas com o tema: Ética no 3º Milênio.

Se não for abusar de sua atenção, tentarei elaborar o texto e se colocar aqui o Sr. pode ler e dar sua opinião e até mesmo corrigir?

Aguardo novo contato e mais uma vez obrigada!

 Citar



Prof. A

03/04/2010

Sim, com certeza.....

 Citar



R

03/04/2010

Bom dia professor !

Consegui elaborar o texto a seguir . Aguardo a sua opinião e sua correção. Obrigada e feliz páscoa.

Ética na sociedade.

É de conhecimento geral que princípios éticos foram perdidos com a chegada do 3º milênio e precisam de um resgate com urgência proporcionando a sociedade um futuro melhor.

Sabe-se que ética, é um conjunto de valores morais e princípios que orientam a conduta humana e geralmente são cultivados desde a infância para que o indivíduo tenha um bom equilíbrio, formando seu caráter que o conduzirá a realizar com dignidade e segurança suas conquistas.

Por outro lado podemos observar uma inversão total desses valores, em família, pais já não se preocupam tanto em ensinar aos filhos a maneira correta de agir. Entre amigos, os jovens não expõem seus pensamentos com receio de serem ridicularizados e alguns profissionais se sentem ameaçados ao continuarem agindo com transparência e seriedade no seu trabalho.

Portanto entendemos que ética, não é algo imposto à conduta humana, mas princípios que foram adquiridos e devem acompanhar as relações cotidianas de toda a sociedade, trazendo idéias do bem e do mal, do certo e do errado, o permitido e o proibido, definindo a realidade.



R

05/04/2010

Quanto ao Título?

Fiquei em dúvida em relação ao título.

Pensei também:

Ética na Sociedade é preciso um resgate.

Citar



Prof. A

05/04/2010

Vamos por partes:

- 1) Evite generalizações (1º parágrafo);
- 2) Na introdução, tente demonstrar sobre o que irá escrever, sem argumentar;
- 3) Que tal revisar os usos da crase e pontuação?;
- 4) Dê preferência para períodos curtos ou médios (rever o 2º parágrafo);
- 5) Evite iniciar uma conclusão com "portanto", "logo", "conclui-se" etc;
- 6) Tente ser o mais impessoal possível nas suas palavras.

Vejamos essas considerações dentro do texto:

- 1) "precisam de um resgate com urgência proporcionando [à] sociedade um futuro melhor."
- 2) "Sabe-se que [ética é] um conjunto de valores morais e princípios que orientam a conduta humana"
- 3) "uma inversão total desses [valores. Em] família, pais já não se preocupam tanto em ensinar aos filhos a maneira correta de agir."
- 4) "[Entende-se] que [ética não] é algo imposto à conduta humana, mas princípios que foram adquiridos e devem acompanhar as relações cotidianas de toda a sociedade"

Parabéns pelo seu esforço!

Só praticando a leitura e a escrita é que se consegue produzir bons textos.....

Citar



Prof. A

05/04/2010

Como sempre eu esqueço de alguma coisa, rsrsrs

O título está bom, porém você deve deixar bem claro no texto que possivelmente houve uma mudança no comportamento e nas ideias das pessoas, quando se leva em consideração o conceito de ética ao passar dos anos.....

Citar

Figura 18 – Fórum da comunidade virtual do Orkut “Eu amo redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=579077&tid=5454858669290157013>. Acesso em: 5 abr. 2010

No fórum, pode-se acompanhar o processo de produção do texto de *R* a partir do tema “Ética no 3º milênio” cuja motivação foi a tentativa de obter um cargo profissional, tendo em vista que a redação era critério de seleção. O contato entre esse sujeito e seu interlocutor – *Prof. A* – dá-se em um período de cinco dias em que trocam mensagens no Orkut. O fato de *R* trazer uma situação de sua vida *off-line* para o *on-line*, além de reforçar a não separação entre ambos, denota a importância do “outro” para a prática da escrita e seu aprendizado.

O valor do papel do “outro” dá-se desde a aquisição da linguagem, contemplando também o desenvolvimento da modalidade escrita em que sujeito e interlocutor são confrontados e formados mutuamente em um “*movimento de constituição recíproca*” (MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 48, grifo do autor). Mayrink-Sabinson (1997) discute a presença fundamental do interlocutor/leitor adulto nos processos de aquisição da linguagem em suas representações escritas para as crianças, demonstrando como esse “outro” deixa marcas nos textos, seja por apresentar “*modelos de escrita*” (MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 129, grifo do autor), seja por “interferência direta” (MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 132) no texto do aprendiz por meio de comentários, perguntas, sugestões. Suas considerações sobre a importância do interlocutor para a produção escrita de crianças podem ser traspostas para a produção de textos de sujeitos em séries mais avançadas e que se preparam, por exemplo, para prestar exames vestibulares. Segundo a autora, “o SUJEITO/OUTRO está em constante movimento, seja ele um aprendiz de escrita em busca de autonomia ou letrado já de muito tempo” (MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 150).

Dessa forma, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de Língua Portuguesa (PCNEM), em sua edição publicada em 2000, enfatiza-se que “Os papéis dos interlocutores, a avaliação que se faz do ‘outro’ e a expressão dessa avaliação em contextos comunicativos devem ser pauta dos estudos da língua” (BRASIL, 2000, p. 19), justificando os pressupostos de Fiad (1997) ao indicar que “Ao aprender que aprender a escrever significa escolher entre possibilidades, tomar diferentes decisões, os autores vão se formando e se constituindo” (FIAD, 1997, p. 77), o que ratifica o caráter de ensino-

aprendizagem nos fóruns do Orkut observados, como o que analiso, à medida que permitem e facilitam esse relacionamento entre o sujeito e o “outro”.

Além disso, podem ser verificados, no fórum em questão, os três momentos detectados (ou, pelo menos, desejados) em atividades de produção escrita, a saber, “planificação”, “textualização” e “revisão” (DAHLET, 1994, p. 81). Assim, a planificação compreenderia atividades de busca de conhecimentos, seleção de ideias, organização, projeção do texto levando em conta o objetivo, público etc, enfim, constitui momento de mobilizar, planejar aquilo que será desenvolvido no texto.

No início de sua enunciação, *R* afirma estar pesquisando o tema sobre o qual deve escrever, procurando indicar que não espera receber informações prontas de seu interlocutor; explicita as definições para o termo “ética” que encontrou, discutindo sobre pontos do tema que ainda não ficaram claros para si; ressalta o objetivo do texto que precisa produzir, levantando alguns tópicos a serem abordados e apresenta dificuldades que, todavia, encontra.

Ainda no nível da planificação, *R* recebe comentários do *Prof. A* que a encorajam à continuidade da atividade de escrita, respondendo às suas dúvidas, fazendo uma sugestão e levantando questão acerca da estrutura do texto que deve ser produzido: afinal, em que gênero este deve ser desenvolvido (narrativo ou dissertativo)?, estabelecendo, assim, “interferência direta” (MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 132).

Com efeito, após apropriar-se das informações e conhecimentos trocados, o sujeito *R* parte para o nível da textualização, escrevendo a redação. Nessa, percebe-se que houve incorporação de algumas sugestões do *Prof. A*, como no segundo parágrafo do texto: “Sabe-se que ética (...) e geralmente são cultivados *desde à infância* para que o indivíduo tenha um bom equilíbrio, formando seu caráter que o conduzirá a realizar com dignidade e segurança suas conquistas” (grifos meus).

Partindo da noção de que “a autoria é um efeito simultâneo de um jogo estilístico e de uma posição enunciativa” (POSSENTI, 2002, p. 105) e levando em conta que o texto produzido por *R* não integra obra literária, nem foi composto por grande nome da literatura, interessou-me observar mais *o que* o sujeito produziu, conjunta e indissociavelmente com o *como*, isto é, as escolhas que efetuou em sua composição e seu

processo de produção. Logo, o objetivo não foi avaliar a produção textual nos moldes escolares e com base no (des)cumprimento da norma padrão, tampouco apontar suas incorreções gramaticais.

Buscando compreender a escrita dessa maneira, reconheço que a construção de um texto está intimamente ligada ao caráter dialógico da linguagem, ou seja, o que Bakhtin denomina como “réplica responsiva ativa”, na medida em que a linguagem “é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 113).

Bakhtin pressupõe ainda que, por um lado, os significados de uma obra devem ser entendidos segundo o contexto de elaboração, a situação de produção e os objetivos do autor. Por outro lado, do momento em que esta é lida, de seus leitores e situações de leitura (BAKHTIN, 2003 [1952-1953]). Logo, outros interesses emergem na investigação do processo de escrita, como *quem* escreve, *por que* o faz, *onde* e em que *época*? Ao ter isso em vista, procurei realizar a análise do *corpus*, o que também converge com os pressupostos etnográficos em que baseio o trabalho.

Desse modo, investigando, por exemplo, o fórum estabelecido por *R* e *Prof. A*, compreende-se tratar de conversa entre um sujeito com Ensino Médio completo que desejava emprego e residia em São Gonçalo (RJ) e um estudante de Letras que já lecionava e vivia em Ananindeua, próximo a Belém (PA). *R* decidiu pedir ajuda na comunidade “Eu amo redação”, pois precisava elaborar uma redação exigida no processo seletivo da vaga que disputava e *Prof. A*, sendo membro dessa comunidade, resolveu auxiliá-la no desenvolvimento do texto. Toda a interação no fórum ocorreu em menos de uma semana e *R* não retornou à comunidade para contar como se saíra na seleção ou dar continuidade ao contato com *Prof. A*. Logo, o último nível da atividade de produção escrita, isto é, a revisão a que se tem acesso é somente a realizada pelo *Prof. A*.

Uma tendência verificada nos fóruns das quatro comunidades, de maneira geral, foi essa ausência do autor inicial no processo de revisão, confirmando o objetivo prático de participação nelas: os orkuteiros têm finalidades específicas de treinar a escrita de textos e, geralmente, quando recebem correções e sugestões para suas redações não retornam para partilhar a versão final que produziram a partir delas ou para manter relações com outros

membros. Pelo menos, não houve ocorrências nos enunciados observados no ano de 2010 e apontam para uma característica constante nos ambientes analisados.

A despeito de não se deparar, facilmente, com esse nível da revisão, nos fóruns observados, nessas comunidades é possível encontrar diálogos que não acontecem comumente em salas de aula, devido à escassez de tempo dos professores, pelo medo de exposição dos erros por parte dos alunos ou distanciamento entre aprendizes e docentes, mas que são importantes processos para a construção do conhecimento. No exemplo a seguir, o sujeito *TB* publica, na comunidade “Livros, Textos e Redação”, uma dissertação que fizera e cujo tema era “novas tecnologias fazem com que sejamos vigiados”, solicitando avaliação e atribuição de nota para ela. No mesmo dia, recebe comentários de *G*, desencadeando a seguinte conversa:



T B

10/01/2010

Obrigado por ter avaliado. Mas podes me tirar algumas dúvidas? Se não for pedir muito.

2. Não construa frases com apenas 1 período, no mínimo 3.
-Dê algum exemplo disso, por favor.

3. O uso de palavras "formais" acarretam em um vasto conhecimento do vocabulário.
-Eu não entendi essa colocação, eu usei essas tais palavras "formais" ou não?

4. Apenas tome cuidado na enumeração de fatos, a quem está avaliando é entendido que o autor usou de tais fatos apenas para atingirem o número de linhas necessário.
Dê exemplo disso também por favor.

Obrigado!

 Citar



G

10/01/2010

2. Não construa frases com apenas 1 período, no mínimo 3.

Frases que contenham mais de um verbo! Como por exemplo:

Fui a feira. Comprei abacaxi. Tomei um café. Voltei para casa Veja que são várias frases, ou seja, vários períodos, podemos construir uma única frase com todos esses períodos. *Fui a feira, lá comprei abacaxi, tomei um café e pude voltar pra casa*, essa única frase, agora, com 4 períodos contribui para uma redação mais rica em termos de linguagem.

3. O uso de palavras "formais" acarretam em um vasto conhecimento do vocabulário.

-Eu não entendi essa colocação, eu usei essas tais palavras "formais" ou não?

Sim, você usou palavras "formais" como essas que não é comum no dia-a-dia. Como por exemplo: "A vida é passageira e ilusória", podemos substituir esses predicados por palavras com maior requinte, contidas no dicionário, não muito usadas no cotidiano, mas que expressam uma única coisa. Ex: A vida é efêmera e quimérica

4. Apenas tome cuidado na enumeração de fatos, a quem está avaliando é entendido que o autor usou de tais fatos apenas para atingirem o número de linhas necessário.

Dê exemplo disso também por favor

Como por exemplo: A vida só é válida quando vivemos em prol do amor, da felicidade, da fraternidade, do coleguismo, buscando vencer nossos limites, e ajudando o próximo.

Além de ser piegas usar essas palavras típicas de um poema, do ponto de vista de quem avalia e lê, aparenta ser frases de efeito para atingir o número de linhas por exemplo.

E se não me engano você usou no decorrer no texto para enumerar alguns fatos. Utilize apenas dois no máximo.

Citar



T B

10/01/2010

É verdade, essa foi a pior redação que eu fiz no ano e foi justamente a que eu fiz no dia do vestibular. =/

Quanto a observação numero 2, realmente também acho meio estranho fazer frases curtas. No entanto, meu professor(pode-se dizer que é o mais respeitado e conceituado da minha cidade, já elaborou e corrigiu provas de quase todas as universidades do meu estado) sempre diz que a frase curta dá uma beleza maior a dissertação. Pra corroborar com essa ideia ele sempre cita textos do Diogo Mainardi, que faz uso de tais frases.

Citar



G

10/01/2010

Não recomendo muito frases curtas com períodos simples, mas, se um professor tão graduado vem dizer isso, quem sou eu para não discordar.

Citar

Figura 19 – Fórum da comunidade do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5424663502962242236>. Acesso em: 10 jan. 2010

Pela leitura do exemplo, compreende-se que *TB* explicita dúvidas que emergiram da correção, pedindo, inclusive exemplos que ajudem a esclarecê-las. O, então, corretor *G* assim o faz, respondendo, pontualmente, as questões e fornecendo modelos possíveis. Percebem-se, por seus enunciados, algumas de suas concepções sobre escrever, como a suposta necessidade de vocabulário sofisticado (“palavras com maior requinte”) para demonstrar erudição e de se livrar dos chamados clichês (“além de ser piegas (...) aparenta ser frases de efeito para o número de linhas por exemplo”).

Depois de ter suas dúvidas respondidas, *TB* ainda procura justificar alguns trechos de seu texto e revela ter optado pelo uso de frases curtas, tendo em vista possível recomendação de um professor, segundo ele, bastante renomado. Dessa forma, ainda que possam ser cogitados equívocos ou imprecisões nos enunciados de ambos em relação à atividade de escrita – *TB*, por exemplo, usa, como justificativa para seus períodos simples, as recomendações do professor, mencionando que esse sempre cita textos de Diogo Malinardí, que colunista escreve em revistas gêneros bem distintos dos textos dissertativos que redige – “diálogos difíceis” (“*difficult dialogue*”) (COPE & KALANTIZIS, 2005, p. 239), como o reproduzido, são fundamentais para o aprendizado.

Os sujeitos partem de histórias de vida, formações e até escolarizações distintas, ou seja, experiências educacionais e situações que os colocam de maneira diferenciada frente à atividade de produção textual. Trocar informações, dialogar, explicar e explicitar procedimentos pode tornar o exercício de escrever menos obscuro e subjetivo, evidenciando como a escrita é um trabalho com as (várias) possibilidades linguísticas (FIAD, 1997; FIAD & BARROS, 2003), o que será acentuado na próxima subseção.

3.2.3. A reescrita como principal estratégia de correção

Certamente, um texto que pode parecer já terminado e definitivo, ainda merece ser reescrito. Isso, além de ensinar (...) novas possibilidades gramaticais e estilísticas, ensina que o exercício da escrita pode ser algo agradável e interminável (FIAD, 2009, p. 158).

Ao incorrer nos processos de escrita nos fóruns das quatro comunidades observadas, uma tendência encontrada nos enunciados foi práticas de modificações de

textos, re-facções deles, almejando versões finais, supostamente, melhores que aquelas, inicialmente, publicadas. De acordo com Fiad (2009), a reescrita é importante para o ensino da língua por referir-se aos “processos enunciativos mais gerais, possibilitando modificar as representações sobre escrita e, com alguma orientação, melhorar sensivelmente as produções escritas” (FIAD, 2009, p. 149). As práticas caracterizavam-se de duas formas nos registros do *corpus*: (a) textos reescritos por seus autores a partir de comentários que recebiam de outros orkuteiros e (b) versões reescritas por membros das comunidades do Orkut que não o autor primário. Exemplos de ambos serão analisados:

a) O próximo caso é composto pelo texto de uma orkuteira, doravante denominada sujeito *E* que, na época, afirmava ter 19 anos e estar escrevendo com vistas a praticar para o ENEM. Mais uma vez, confirma-se o entrelaçamento entre práticas *on-line* e *off-line*, pois a associada cria fóruns idênticos nas comunidades “Livros, Textos e Redação” e “Eu amo redação” motivada por melhorar sua escrita e obter boa pontuação na prova. Outra mostra dessa articulação está no trecho “então esta ai, a primeira [redação] que fiz, assistindo a umas aulas no youtube”. Ao invés de estudar por meio de livros e manuais didáticos, orientações de professores na escola ou materiais impressos de conteúdo específico, *E* utiliza a própria Internet, acompanhando aulas gravadas e disponibilizadas no *site* que permite o compartilhamento de vídeos em formato digital.

E também assume não estar habituada à prática da escrita de redações e resolve, assim, dividir seu texto com mais pessoas, a fim de melhorá-lo. É interessante destacar como enfatiza sua falta de habilidade em escrever, afirmando em letras maiúsculas: “sou TOTALMENTE leiga em redigir redações e textos”. Esse procedimento, aliás, é muito recorrente nos enunciados de autores que disponibilizam seus textos para correção, como se tratasse de forma de amenizar os eventuais erros que poderiam ser localizados pelos corretores. Pode-se ler seu texto na íntegra:



E3E 29/09/2010

Redação - avaliem

Olá pessoal tudo bem?

Primeiramente gostaria de me identificar, sou E3E e tenho 19 anos, sou TOTALMENTE leiga em redigir redações e textos, no entanto esse ano entrei no desafio de realizar a prova do ENEM, e estou dando uma estudada na melhor maneira de escrever uma redação, já que isso não é o meu forte..
aushaush

então esta ai, a primeira que fiz, assistindo a umas aulas no youtube..
o tema sugerido foi

"O casamento Gay"

(max 15linhas)

O casamento entre pessoas do mesmo sexo deve ser aceito pela sociedade, e portanto, ser legalizado. Quem tem o direito de julgar e/ou tolher as possibilidades da vida dos outros?

A homossexualidade já foi tema de grandes polêmicas mundiais, onde até mesmo já foi descrita como: "doença" e comportamento "impuro e sujo". Hoje se sabe que isso não funciona mais assim, e que gays são pessoas normais que lutam por seus direitos e tem seus deveres de cidadão. Porque não podem casar e ter uma vida matrimonial dentro da legalidade, como qualquer casal heterossexual?! Podem sim.

A grande verdade é que ainda existe um grande preconceito em cima de tudo isso, de grande parte da sociedade e seus governantes. O fato é que deve continuar a luta dos afetados, pela legalização do amor sem "filtros" de opção sexual, pois enquanto a sexualidade de alguém for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra.

- eu sei que ficou uma droga, gostaria que me ajudassem :(

Citar

Figura 20 – Primeira versão do texto de *E* na comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5522266166847977049> e disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=579077&tid=5522267438158296665>. Acesso em: 8 out. 2010

Diante da inexistência de espaçamento que demarque parágrafo pela própria ferramenta fórum *on-line* do Orkut, *E* diferencia sua dissertação no enunciado pela modificação da cor da fonte. Sua produção é composta de três parágrafos, a típica estrutura – introdução, desenvolvimento e conclusão – dos moldes escolares. Novamente, ressalto que minha intenção não é análise avaliativa das redações dos orkuteiros, ainda que fosse plausível e possa ser realizado em outro(s) trabalho(s), mas centrar-me na forma como se dão processos de escrita nos fóruns.

Nesse caso, em particular, o sujeito *E* recebeu duas respostas na comunidade “Livros, Textos e Redação” e uma na comunidade “Eu amo redação”. Ponderações essas que a levaram a rever e reescrever seu texto, uma vez que a “reescrita é uma atividade metaenunciativa que constitui um retorno sobre o dizer” (FIAD & BARROS, 2003, p. 10),

redigindo, a partir dessa volta à sua produção, nova versão que foi publicada, contudo, somente na primeira comunidade:



ēi3E

06/10/2010

...até que a morte os separem!

O casamento significa, antes de tudo, sinal de amor, fraternidade e respeito mutuo incondicional entre duas pessoas. Quando há amor, deve existir abundância de sentimentos e principalmente liberdade. Quem possui o direito de julgar ou tolher as possibilidades da vida dos outros?

O casamento gay, ainda em muitos lugares não é aprovado pela sociedade, e isto inclui o Brasil. A pratica do amor entre pessoas do mesmo sexo lamentavelmente não é respeitada e aceita. Inúmeras vezes foi tema de grandes polêmicas mundiais e até já foi descrita como: "doença", comportamento "sujo e impuro". Porem, hoje sabemos que isso não funciona mais assim, e que gays são pessoas normais que lutam por seus direitos e deveres de cidadão.

Afinal, porque não podem se casar e viver em uma vida matrimonial dentro da legalidade, como qualquer casal heterossexual? Podem sim! O grande desafio é o preconceito que ainda existe por grande parte das sociedades e seus governantes, justificados na base de relação que não gera a vida. Apenas se esquecem que o amor é a partícula elementar que cria a vida, que casais gays podem adotar a criança que muitos jogam no lixo, dando a ela uma família, e assim gerar a vida! Será que não é hora de rever alguns conceitos?

Deve continuar a luta incansável pelos direitos dos homossexuais pela legalização do casamento gay, e principalmente, haja mais humildade entre as nações e os homens aprendam a conviver com as diferenças, pois só assim teremos paz. O amor é a essência de todos os sentimentos humanos, não pode ser "filtrado", é como uma flor que desabrocha onde e quando quer, no entanto, merece respeito.

 Citar

Figura 21 – Versão reescrita do texto de *E* na comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5522266166847977049>. Acesso em: 8 out. 2010

Na re-facção de seu texto, compartilhada sete dias após disponibilização da versão inicial, *E* atribui um título para a produção e expande-a, acrescentando mais um parágrafo na introdução, entre outras modificações que faz. Quando se compara essa nova versão com a primeira e ainda com os comentários e correções tecidos pelos orkuteiros que responderam a ela nos fóruns, percebe-se como a reescrita é um processo dialógico, no qual os enunciados respondem a anteriores e projetam posteriores, formando “um elo na

corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003[1952-1953], p. 272): a escrevente incorpora apontamentos feitos para seu texto e reescreve passagens em que procura responder a possíveis respostas porvindouras, adiantando-se já na posição de seus leitor(es) (ABAURRE, 1997).

A introdução, por exemplo, foi alvo de comentários de interlocutores nas duas comunidades, inclusive. Em “Eu amo redação”, um dos orkuteiros havia sugerido “crie mais um parágrafo e trabalhe melhor sua introdução”.⁷⁶ Já em “Livros, Textos e Redação”, *E* foi acusada de ter sido “objetiva demais na introdução”⁷⁷ e aconselhada a “fazer referência ao tema... E deixar os argumentos para os desenvolvimentos”⁷⁸, o que, de fato, aconteceu no texto terminal, corroborando o dialogismo existente entre eles.

Em relação à conclusão, os interlocutores reivindicaram a presença de saídas para a questão abordada (“senti falta de uma suposta solução ao problema”⁷⁹ e “A conclusão deve ter a possível solução ao problema, podendo ser a curto ou a longo prazo”⁸⁰), orientações que *E* procurou seguir, inserindo uma proposta de solução na versão reescrita e revelando como um trabalho assim pode indicar movimento do autor “no interior do espaço dialógico onde já se anuncia a alternância de papéis de escritor/leitor”

⁷⁶ Enunciado extraído de “Eu amo redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=579077&tid=5522267438158296665>. Acesso em 08 out. 2010.

⁷⁷ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5522266166847977049>. Acesso em 08 out. 2010.

⁷⁸ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5522266166847977049>. Acesso em 08 out. 2010.

⁷⁹ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5522266166847977049>. Acesso em 08 out. 2010.

⁸⁰ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5522266166847977049>. Acesso em 08 out. 2010.

(ABAURRE, 1997, p. 80), isto é, a colocação do sujeito que escreve no lugar de seu(s) interlocutor(es) num processo que mostra o “outro” no texto em (re)elaboração.

Dando prosseguimento à análise desses processos de reescrita, abordo, agora, a re-facção de um trecho especial de enunciado publicado também na comunidade “Livros, Textos e Redação”, dessa vez, por K, depois de esse ter tido seu texto chamado de incoerente (“texto incoerente... veja a introdução e depois a conclusão! Dizem coisas opostas!”⁸¹) por um interlocutor:



Figura 22 – Primeira versão do texto de K na comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5497193083871814887&na=4&npg=1&nid=8148414-5497193083871814887-5498542992092947687>. Acesso em: 27 jul. 2010

⁸¹ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5497193083871814887>. Acesso em: 27 jul. 2010.

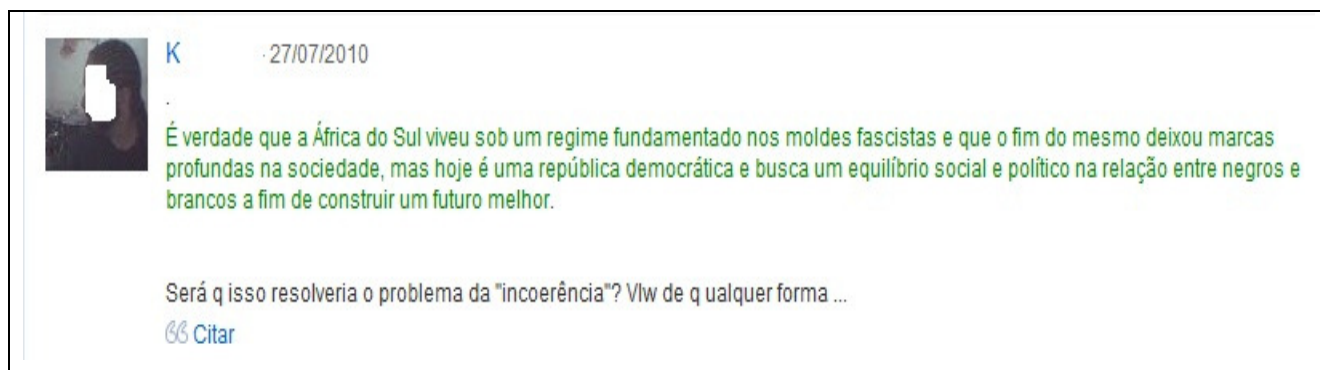


Figura 23 – Conclusão do texto de K reescrita e publicada pelo autor na comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5497193083871814887&na=4&nnp=1&nid=8148414-5497193083871814887-5498542992092947687>. Acesso em: 27 jul. 2010

Diante da acusação de texto incoerente, *K* reformulou sua conclusão, procurando saná-la. Para tanto, inverteu a ordem de algumas orações a fim de destacar que, apesar das “marcas profundas” deixadas pelo regime fascista, a África do Sul vinha superando dificuldades, o que pode ser notado pela passagem para um sistema democrático de governo e pela diminuição de divisões raciais (“busca um equilíbrio social e político entre negros e brancos a fim de construir um futuro melhor”).

De fato, as transformações textuais realizadas não eliminam por completo a incoerência apontada. Ao longo de todo o texto, o enunciador trata de aspectos negativos no país e as mudanças do quadro que cita, no final, não são satisfatoriamente trabalhadas. Além disso, sua tese não está claramente desenvolvida como se espera que seja feito no gênero dissertativo.

Contudo, o sujeito *K* demonstra ter refletido sobre seu texto, retomando-o e pensando em novas formas de escrevê-lo. Caracteriza-se, pois, prática proveitosa ao domínio da modalidade escrita, já que “a reescrita é uma prática que não se dissocia da escrita, que pode e deve ser incorporada ao ensino de escrita, que pode levar os alunos a se descobrirem nas possibilidades da língua e a gostarem de reescrever” (FIAD, 2009, p. 158).

Com efeito, na reescrita, *K* descobre e pode vir a descobrir ainda outras maneiras de construir o texto que podem, inclusive, ser mais claras e apropriadas aos objetivos pretendidos, corroborando a importância desse exercício. Outro caso interessante, encontrado no *corpus*, foi o de *N* cujo percurso é interessante descrever.

No dia 25 de março de 2010, *N* criou um fórum na comunidade “Livros, Textos e Redação” intitulado “Ajuda a fazer uma redação?” onde explicitou que seu objetivo era escrever para trabalho escolar baseado em tópicos fornecidos pela professora.⁸² No mesmo dia, a autora recebeu comentário da interlocutora *F* que ofereceu alguns conselhos: “é preciso muita atenção e sempre após redigir um texto, faça a revisão com calma, relendo, observando os vícios de linguagem”⁸³ e “Escreva sua redação com as informações que a professora te repassou. Tente ter foco nos tópicos e discorrer sobre os mesmos com coerência e coesão”.⁸⁴

Esses comentários não tocam em questões de conteúdo ou mais específicas, fazendo apontamentos bem gerais e que chegam a ser vagos: O que significaria ter atenção no texto? Trata-se de atenção a que ou a quem? O que pode ser considerado como vício de linguagem? O que seria adequado em termos de coesão e coerência? Apesar disso, *N* tenta produzir uma primeira versão para seu texto, afirmando ainda não ter conseguido criar um título, nem um final para ele:

⁸² Segundo *N*, são eles: “- Por que as pessoas cometem tanto ‘erro’ de escrita?/- Quem são as pessoas que cometem esse tipo de erro?/- A língua utilizada em placas (erradas) interfere na imagem do produto? - As pessoas que utilizam esse tipo de linguagem são prejudicadas de alguma forma em sua vida social e profissional? Por quê?” Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5452543012365884968>. Acesso em: 25 mar. 2010.

⁸³ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5452543012365884968>. Acesso em 25 mar.2010.

⁸⁴ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5452543012365884968>. Acesso em 25 mar.2010.

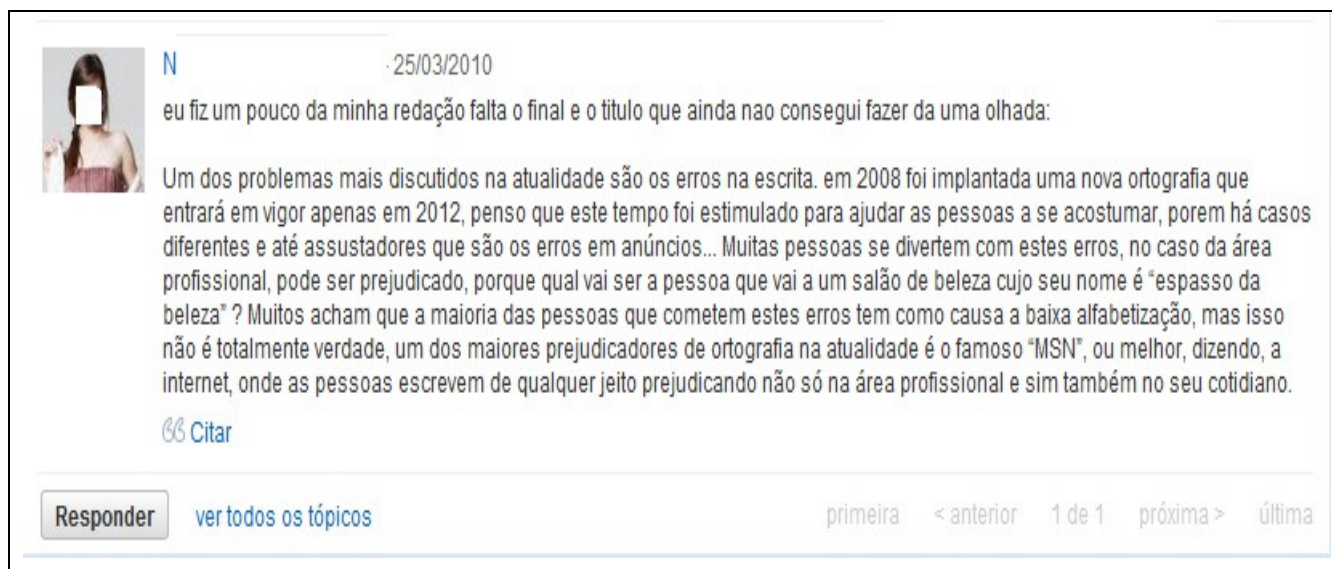


Figura 24 – Primeira versão do texto de *N* em “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5452543012365884968>. Acesso em: 25 mar. 2010

Observa-se, nessa primeira tentativa, que *N* faz construções incompatíveis com o gênero dissertativo, segundo visão escolarizada, ao trazer suas impressões pessoais (“penso que este tempo foi estimulado para ajudar as pessoas”) denotadas pelo uso de 1ª pessoa do singular ou de construções informais e repetições mais próximas da oralidade, como no trecho “porque qual vai ser a pessoa que vai a um salão de beleza cujo seu nome é ‘espasso da beleza’?”

Ademais, também há elementos que chamam a atenção em relação ao conteúdo da produção: *N* argumenta que o uso de ferramentas de comunicação via Internet, como o *MSN*, são prejudiciais a proficiência na língua escrita, pois, por meio delas, as pessoas escreveriam de “qualquer jeito”. Sem ser redundante, ao repetir considerações já feitas, no início deste capítulo, acerca da escrita da Internet – e do internetês – bem como do caráter dinâmico da língua, é curioso observar como o sujeito demoniza o meio digital para a prática da escrita, porém, vale-se de uma comunidade virtual do Orkut para colocar sua redação em circulação e pedir auxílio para melhorá-la.

Em outra via, o conteúdo temático da produção textual de *N* põe em relevo a existência de forte crença na norma padrão da língua como pressuposto para desenvolvimento cognitivo e pensamento abstrato, gerando muitas vezes mito conhecido

como “tese do letramento” (“*literacy tesis*”) (COLLINS & BLOT, 2003). Com base nela, acredita-se que o domínio da escrita seria condição necessária à ascensão social. Essa visão, ainda impregnada em nossa sociedade, é desfeita quando se reconhece que os letramentos são vários (além do escolar), cujos estudos etnográficos auxiliaram sobremaneira a demonstrar ao revelar contextos socioculturais diversos em que são realizadas práticas letradas (HEATH, 1983; STREET, 1984, 1993, 2003, 2009, 2010).

Feitas as considerações, prossigo com a análise do fórum. Sem obter nova resposta para sua produção, *N* abandona-o e, horas depois, abre outro na mesma comunidade. Dessa vez com o nome “Redação – corrige?”, terminando de escrever as partes faltantes, isto é, o final e fazendo pequenos ajustes na escrita:

N- 25/03/2010

Um dos problemas mais discutidos na atualidade são os erros na escrita. Em 2008 foi implantada uma nova ortografia que entrará em vigor apenas em 2012. Penso que este tempo foi estimulado para ajudar as pessoas a se acostumarem. Há casos diferentes e até assustadores que vale a pena ressaltar, são os erros em placas de propaganda ou informação, que chegam a ser motivo de piada. No caso da área profissional, além de engraçado torna-se prejudicial, pois, quem irá acreditar na eficiência do trabalho de uma cabelereira que possui um salão de beleza, cujo nome é “espasso da beleza”?

Muitos acham que quem comete estes erros tem como causa a baixa alfabetização, mas isso não é totalmente verdade, pois atualmente um dos maiores motivos que prejudicam a ortografia é o famoso “MSN”, ou melhor, a internet, onde as pessoas escrevem de qualquer maneira prejudicando não só na área profissional e sim todo seu cotidiano. Uma boa dica para diminuir, ou até evitar erros ortográficos, é a leitura, que além de corrigir sua ortografia torna seu vocabulário mais amplo.

 Citar

Figura 25 – Segunda versão do texto de *N* em “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5452625492917837352>. Acesso em: 25 mar. 2010

Quando se confronta os textos, vê-se que *N*, na nova versão, realizou várias modificações, a começar pela organização do texto que, inicialmente, era formado por parágrafo único e na versão reescrita foi desmembrado em dois. Logo no início de sua reescrita, *N* encurtou alguns períodos, antes compostos, indicando tentativa de imprimir maior organização ao texto. Além disso, a autora corrigiu concordância de passagens como “ajudar as pessoas a se acostumar” para “ajudar as pessoas a se acostumarem”, atentando-se

para o plural dos termos; apagou o conectivo “porém” que antecedia “há casos diferentes”, possivelmente, por, na retomada de seu enunciado, conscientizar-se de que não havia oposição entre as orações e introduziu a expressão “vale a pena ressaltar” antes de “são os erros em” para melhorar a coesão e reforçar seu posicionamento.

Outra transformação concerne ao trecho “são erros em placas de propagandas ou informação, que chegam a ser motivo de piada” antes escrito da seguinte maneira “são erros em anúncios... Muitas pessoas se divertem com estes erros”. Comparando-os, percebe-se que *N* eliminou os três pontos (...) que transmitiam certo tom de imprecisão não bem vista para textos do gênero dissertativo e resolveu permutar o vocábulo “anúncio”, expandindo os elementos em que se encontram desvios da norma padrão na escrita. Finalmente, ligou as orações por meio de pronome relativo e alterou “pessoas se divertem” por “ser motivo de piada” que, embora semelhantes, têm significados bastante distintos. Na nova forma, a autora enfatiza os objetos que apresentam erros e, por isso, são ridicularizados pelas pessoas, enquanto, no antigo texto, a ênfase recaía na atitude das pessoas.

Mais para frente, *N* faz novos acréscimos, adicionando a expressão “além de engraçado” antes de “No caso da área profissional”, revelando sua posição. Troca também “pode ser prejudicado” por “torna-se prejudicial”, que denota maior certeza, enquanto, na escrita inicial, o trecho indicava possibilidade. A orkuteira, procura desfazer ainda trechos marcados pela modalidade oral reescrevendo “porque qual vai ser a pessoa que vai a um salão de beleza cujo seu nome é ‘espaço da beleza’?” que passa a ser “pois, quem irá acreditar na eficiência do trabalho de uma cabeleireira que possui um salão de beleza, cujo nome é ‘espaço da beleza’?”.

No final, *N* substitui “a maioria das pessoas que cometem” por “quem comete”, possivelmente, tentando eliminar qualquer vagueza. Na nova versão, cambia também “um dos maiores prejudicadores de ortografia na atualidade é” por “pois, na atualmente um dos maiores motivos que prejudicam a ortografia é”, “qualquer maneira” por “qualquer jeito” e “também no seu cotidiano” por “todo seu cotidiano”, que apontam para reflexão da autora sobre seu texto, levando-a a refazer partes com vistas a melhorar a coesão e contextualizar seu(s) leitor(es), além de acrescentar uma conclusão, antes inexistente.

Essas transformações efetuadas na reescrita foram possíveis depois de *N* ter passado pelo processo de revisão (DAHLET, 1994) e constitui “compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 272) aos apontamentos da corretora *F*. Essa, mais uma vez, comentou, animando *T* a continuar escrevendo e prometendo correção mais minuciosa, promessa a qual não realizou, movendo *N* a criar novo fórum, agora, denominado “Redação. De nota ou corrige?” no dia seguinte. Nele, a orkuteira publicou a mesma redação já reproduzida em busca de interlocução que, finalmente, encontra advinda do sujeito *A*. Esse, por sua vez, para corrigir o texto de *N*, reescreve-o, apontando para outro tipo de reescrita (b) identificado no *corpus*.

b) Examinando os registros, descobri que não somente os autores revisavam seus textos após receberem comentários nos fóruns. Aliás, essa prática de reescrever o próprio texto não foi o procedimento que mais apareceu no *corpus*, quando comparado à recorrente atividade de reescrita efetuada por outro(s) orkuteiro(s). Localizei nas comunidades selecionadas atos habituais de re-facção conjunta dos textos, como o já mencionado feito pelo sujeito *A* e que será ora analisado:

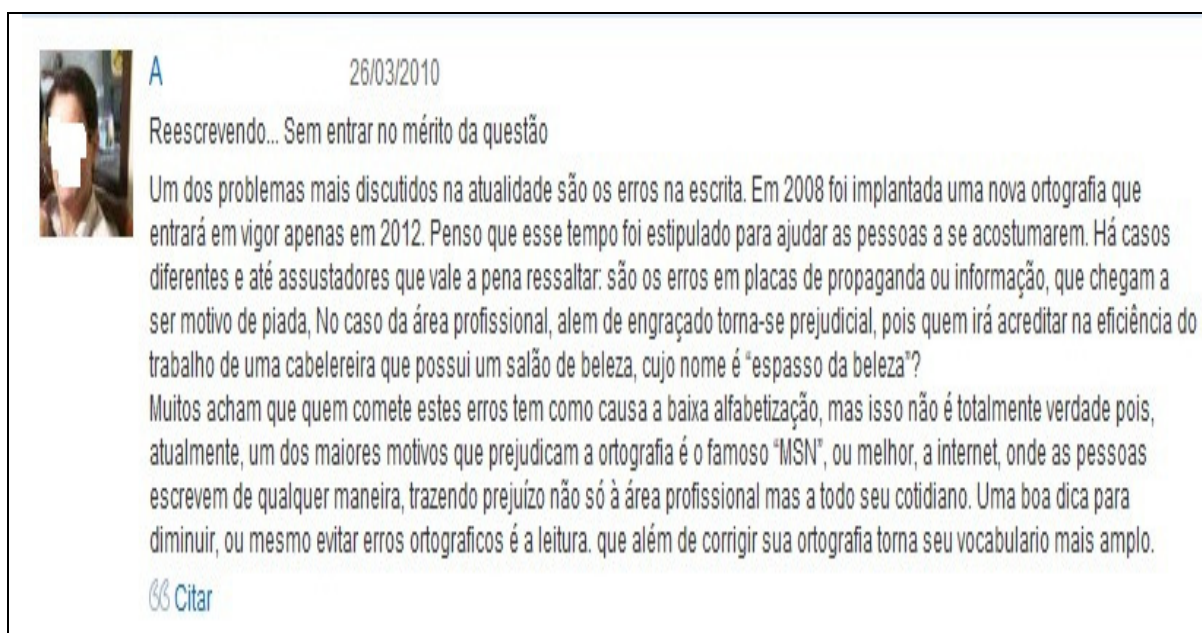


Figura 26 – Versão reescrita por *A* do texto de *N* em “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5452877680512556584>. Acesso em: 27 mar. 2010

A não se preocupa em efetuar qualquer nota sobre o texto de *N* ou assinalar partes de sua redação, em particular, limitando-se a reescrevê-la, como diz “sem entrar no mérito da questão”. Na reescrita, apenas faz modificações na pontuação, ao trocar vírgulas (,) por pontos finais (.) ou dois pontos (:), acrescentar vírgulas ou substituir poucos vocábulos e preposições: troca “até” por “mesmo”, “na” por “à” e “e sim” por “mas a”. Esse modelo de correção é muito frequente (e tradicional) em práticas de salas de aula em que, habitualmente, são marcadas pelos professores violações em relação à ortografia, pontuação e regência, ou seja, aspectos formais dos textos.

Além desse tipo de correção que usa a reescrita como principal estratégia, não havendo explicação do procedimento, encontrei no *corpus* situações em que os orkuteiros reescreviam textos de outros e esclareciam as alterações que faziam, como a que será analisada:

J20/11/2010

Avaliem a minha redação por favoooo' / não sou muito boa pra escrever textos, to beem tensa em relação ao meu texto' =S
ta aí:

Não espanta ser esse um dos assuntos mais comentados e discutidos atualmente, pois a formação do caráter humano é algo que importa a todos nós. É preocupante como em meio a uma sociedade tão moderna, ainda haja tantos casos de escravidão de pessoas, e pré-julgamentos em relação ao caráter do pobre.

Diante de tantos problemas seculares, a falta de respeito para com o próximo ainda existe, e é por esse motivo que tantas pessoas se submetem ao trabalho escravo, em busca de melhorias de vida. Melhorias essas que talvez nunca apareçam. É certo que não é a riqueza, a pobreza, nem muito menos a falta de oportunidades que torna uma pessoa digna ou não, mas sim uma educação fundamentada nos bons costumes. No entanto, o trabalho é muito importante para o ser humano, desde que hajam limites.

Portanto, cabe principalmente a nós, começarmos a enxergar o mundo de outra forma, e nos conscientizarmos que sem a educação e sem o respeito ao próximo, nossas vidas jamais mudarão. É preciso formas mais duras de se combater a escravidão contemporânea, para que o ser humano seja respeitado em todas as áreas da nossa sociedade

 Citar



AL

21/11/2010

1. IDÉIAS PRESENTES

- a) Assunto discutido.
- b) Trabalho e submissão
- c) Pobreza e riqueza.
- d) Educação e ocupação.

2. NOVO PLANO

- a) Pobreza e riqueza
- b) Trabalho e submissão
- c) Educação e ocupação

d) Capacitação e concorrência.

e) A conquista

Citar



AL

21/11/2010

3. NOVO TEXTO

TRABALHO E DIGNIDADE.

Não é a riqueza, a pobreza, nem muito menos a falta de oportunidades que torna uma pessoa digna ou não, mas sim uma educação fundamentada nos bons costumes. O trabalho **também** é muito importante para o ser humano, desde que haja... limites

É preocupante como, em meio a uma sociedade tão moderna, ainda haja tantos casos de escravidão de pessoas[...] e de **pr[e...]** julgamentos em relação ao caráter do pobre. Diante de tantos problemas seculares, a falta de respeito para com o próximo ainda existe, e é **...nessas condições** que tantas pessoas se submetem ao trabalho escravo, em busca de melhorias de vida.

.... Sem a educação e sem o respeito ao próximo, nossas vidas jamais mudarão. É preciso formas mais **...humanas** de se combater a escravidão contemporânea, para que o ser humano seja respeitado em todas as áreas da nossa sociedade



AL

21/11/2010

Neste entendimento, cabe um papel muito importante à formação profissional; o mercado de trabalho hoje exige trabalhadores qualificados e, é grande a concorrência na disputa pelas oportunidades disponíveis. Alguém que procura emprego deve estar preparado para ter um bom desempenho; imagine-se trabalhar num escritório sem saber informática.

Com uma preparação adequada, a pessoa tem condição de concorrer na disputa pelos postos existentes; certamente, ao final de muita luta o pretendente alcançará um posto que lhe garantirá a vitória na vida, a estabilidade.

Citar



AL

21/11/2010

3. EXPLICAÇÃO.

'De antemão, quero estimular você a abandonar o pessimismo e ter certeza que você alcançará nível invejável na redação de textos; seja paciente e dedicada, porque a aprendizagem da escrita é obra demorada, que, aliás, nunca termina, mas que é muito gratificante, na medida em que as pessoas percebem que suas páginas são claras, lógicas, de qualidade.

O seu texto apresenta grande dificuldade de entendimento quanto à mensagem que você quis transmitir; também pela falta de uma titulação. Depois de ler cuidadosamente suas frases, pareceu-me que a finalidade é aquela que está evidente na nomeação feita. Dentro dessa diretriz, selecionei partes do original que conduzem a este rumo e acrescentei dois parágrafos capazes de arrematar a dissertação.

Citar



AL

21/11/2010

Fiz o seguinte:

§ 1: Aproveitei como INTRODUÇÃO o trecho onde você fala no TRABALHO como instrumento para vencer a pobreza e conquistar a riqueza, mesmo estes não sendo os principais condicionantes de uma vida digna.

§ 2. Vem a sua referência a uma relação submissa nas atividades humanas; ela coloca o trabalhador numa posição desumana e aviltante.

§ 3. A educação, a formação profissional é o caminho natural para sair dessa situação constrangedora; um trabalhador competente e treinado encontra muitos ambientes com portas abertas para contratá-lo.

§ 4. Redigi o 4º § citando um caso concreto de habilitação desejável (informática) e preparando o clima para um fechamento vigoroso.

§ 5. Aqui coloquei palavras atinentes ao máximo almejado por todos os trabalhadores: a conquista da estabilidade.

Os senões de natureza formal, especialmente aqueles em que se nota a inadequação vocabular, foram reparados e estão assinalados em azul.

Beijo.

Citar

Figura 27 – Fórum da comunidade virtual do Orkut “Aprendendo redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=48249&tid=5536895976281163712>. Acesso em: 25 nov. 2010

Nesse caso, a orkuteira *J* socializa na comunidade virtual “Aprendendo redação” um texto que produzira, mas de cuja qualidade não estava segura e, no dia seguinte, é correspondida por *AL* que, diferentemente de *A*, antes e depois de reescrever a produção textual, busca pormenorizar suas ações para a autora. Assim, inicialmente, distingue a sequência de conteúdos abordados por *J* em sua redação, chamando-os de “idéias presentes”, e, simultaneamente, sugere algumas transformações que denomina “novo plano” para o desenvolvimento dela.

Na continuidade, *AL* reescreve a versão inicial, destacando em fonte de cor diferente as modificações realizadas e os parágrafos acrescentados para, em seguida, fazer uma observação geral acerca da escrita de *J* e explicações pontuais sobre cada parágrafo, em especial.

Na observação geral, *AL* demonstra partilhar a concepção de escrita como trabalho que exige prática, dedicação, demandando tempo e revisão e não decorrente de inspiração criadora, reflexo de emoções (FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1991), atividade continuamente transformada pelo sujeito que sobre ela age (FIAD & BARROS, 2003, p. 11); ao passo que nas ponderações específicas a cada parágrafo, evidencia preocupações com a adequação ao gênero, como, por exemplo, pela sugestão que faz a *J* em enriquecer seu texto com explicações que reforcem seus argumentos, o que explana em “redigi o 4º § citando um caso concreto de habilitação desejável (informática) e preparando o clima para um fechamento vigoroso”. Em síntese, não se trata somente de correções superficiais e gramaticais, mas relativas também à organização do texto, adequação do conteúdo aos propósitos comunicativos e ao gênero.

Por meio das reescritas aqui analisadas, pude conhecer que essas práticas feitas conjuntamente pelos membros são desenvolvidas, basicamente, de duas maneiras: a primeira versão é reescrita sem quaisquer explicações e comentários – como faz *A* – ou o texto inicial é reescrito com descrição e comentários sobre os procedimentos realizados por parte do(s) corretor(es) – como opera *AL*.

De acordo com Possenti (2005), a reescrita não “deve-se tratar de simples intervenção do professor, que corrige e devolve o texto, mas sim de uma atividade conjunta, que permita ao mesmo tempo o esclarecimento da natureza do erro e sua

eliminação progressiva” (POSSENTI, 2005, p. 37), o que ocorre, particularmente, no fórum em que atua *AL*, assim como em outros existentes nas comunidades analisadas semelhantes a ele.

A socialização de produções textuais e co-avaliação das mesmas é interessante forma de refletir sobre escrita e desenvolver habilidades para seu exercício. Segundo Cabral (1994), a partilha de textos, para exame em conjunto, diminui eventual separação entre sujeitos com vivências e percepções distintas:

a aproximação de realidades tão distantes pode justificar-se pela necessidade de sensibilizar os alunos para a complexidade do processo de escrita e para o caráter elaborado dos autores consagrados, desfazendo representações sacralizantes do escritor e do estilo, tantas vezes veiculadas pela escola e possível origem de inibições (CABRAL, 1994, p. 123).

Embora Cabral discuta a socialização de textos na escola, pode-se prolongar a relevância do procedimento para quaisquer situações de ensino-aprendizagem da escrita e, por conseguinte, para as comunidades do Orkut selecionadas, por mostrar possibilidades para a produção textual e popularizar prática já realizada pelos autores consagrados (FIAD, 2009) que escrevem e reescrevem várias versões de seus textos. Finalmente, focalizar a escrita torna-se relevante na medida em que:

A contemplação da forma escrita da língua faz com que o sujeito passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente, de uma maneira diferente da maneira pela qual manipula a própria fala. A escrita é, assim, um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação das singularidades dos sujeitos (ABAURRE, FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 23).

Escrever ou corrigir textos de outros, nas comunidades, pode levar os sujeitos a refletirem sobre língua e linguagem, suas possibilidades, propósitos, variedades, provocando tomada(s) de consciência, ou seja, autonomia sobre seus usos e funcionalidades, colocando a escrita ainda como “lugar” para manifestação de suas singularidades.

Essa visão, porém, ainda é distante de atividades envolvendo a escrita nas salas de aula (inclusive no Ensino Superior) em que a reescrita é vista como necessária somente “quando o texto original é um mau texto” (FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 57) em detrimento do (re)conhecimento de possibilidades de mudança permitidas na língua. A esse respeito, houve discussão muito interessante na continuidade do fórum em que a orkuteira *J* havia disponibilizado seu texto e esse sido reescrito pelo sujeito *AL*, já analisado anteriormente.

No dia seguinte à correção de *AL*, outro membro (*JC*) escreveu no mesmo fórum do Orkut, desencadeando grande debate sobre o uso da reescrita em relação a textos alheios, que envolveu ainda uma terceira pessoa (*ALS*). Apesar de essa última ter excluído sua conta no Orkut, transcreverei a discussão integral no fórum, pois possuo os registros⁸⁵ gravados em arquivo *Word*. Observe:

<i>AL</i> Perdoa-me o intrometimento, embora eu concorde contigo em certos pontos doq disse acima, acho erro gravíssimo, equívoco imensurável, essa mania que alguns tem de reescrever textos alheios. Sabe-se que na linguagem não existem dois sinônimos perfeitos, muito menos duas frases que possam transpassar mesmo sentido, intensidade, significado etc... Reescrever um texto de modo a auxiliar o aluno na justa-posição das locuções, ortografia e corcondâncias me parece certo, porém não conheço um indivíduo sequer, q tenha se sucedido com o auxílio da reescrita - a não ser que esta seja feita pela própria mão. O grande problema de todos nós já começa na própria língua portuguesa cheia de estruturas e normas, e vícios da fala, ademais a falta de hábito pela leitura, dessa ideia tira-se a máxima - como escrever se não se sabe ler? Escrever é mesmo difícil, e só se aprende lendo e escrevendo. Voltando ao ponto, além de ser improdutivo - para o aluno - reescrever um texto alheio só te vai roubar tempo. (22 de novembro de 2010)
O que q' você acha que eu devo fazer? [] (23 de novembro de 2010)
<i>AL</i> Questionei, mas eu mesmo não tenho a resposta, é a mesma dúvida para o ensina da

⁸⁵ Os registros foram copiados integralmente, sofrendo modificações na reprodução somente nos nomes dos membros que foram reduzidos as suas iniciais e suas cores distinguidas para cada um dos sujeitos a fim de facilitar a visualização do fórum em análise. Os enunciados em vermelho são de *JC*; os que se encontram em azul pertencem a *AL* e os dizeres em verde correspondem a enunciados de *ALS*.

matemática, das biológicas e tudo mais, as instituições de ensino como a própria mentalidade educacional brasileira sofre um mal das pernas, vive a decadência, o jeito mesmo é uma ampla discussão entre os educadores no país, mas mal tem-se incentivo dentro de sala imagina fora, trata-se antes de como aplicar a pedagogia que a pedagogia por ela mesma, sinto pela resposta longe de conclusão. :((23 de novembro de 2010)

Olá, colegas e alunos.

Sou nova na comunidade e essa é minha primeira postagem.

Estive lendo o conteúdo do fórum e acompanhando a ação de *Al*. Permitam-me breve comentário:

1) A sugestão de acréscimo de vocabulário, conjunções, preposições acontece sempre comigo. Não considero reescrita - dado o volume, admissível - mas uma opção de ação didática no momento da redação.

2) Fossem as sugestões, não essas, mas alterações "volumosas" do texto, aí, sim, estaríamos fora da esfera "interferir, sugerir, contribuir, fazer pensar...". Seria arriscado, pois o professor assumiria a autoria e inoperante. Porém não foi o que percebi na ação de *Al*, isolada, para uma aluna, especificamente: já fiz isso em bate-papo de corredor.

3) Porém: acho - se dispomos de tempo, o ouro do professor... que ao invés de isolar, determinar a sugestão - pois o aluno, se não é hábil, entende assim: o professor escreveu, é a ÚNICA opção; amplia-la. Ao invés de sugerir um único raciocínio, mostrarmos algumas possibilidades, ou, instigar o refletir, o aprender a aprender(ops, "muito" pcn's/rsss. Mas, é isso: não isolar, ampliar as sugestões e deixá-la pensar um pouco.

IMPORTANTE: a suposta solução para re-escrita ampliaria os problemas com o fator "tempo". Não há como propor a aluno refazer a redação sem justificar a proposta e apontar caminhos. Entre muitas outras ações, é para essas que ali estamos. e mas, se há possibilidade de professor de redação diminuir o volume de intervenções e laudas de sugestões, após um volume indescritível da leitura da produção de alunos - exceto pela possibilidade de revisão compartilhada, em grupo, entre alunos (e que pode causar desconfortos), retomando, se há possibilidade de otimizar tempo, pois faço milagres/rsss, informem-me, por favor.

Abr. *ALS*. (23 de novembro de 2010)

P.S.

Desculpem-me os problemas com o teclado, q fazem sumir algumas letras. *ALS* (23 de novembro de 2010)

ALS,

peço explicitar mais os 2 últimos parágrafos de seu penúltimo tópico.

Origado.

Beijo. (24 de novembro de 2010)

Esclarecimentos

Olá, AL:

2) Se as sugestões de alteração fossem em maior número, em trechos longos, significativos na formação da ideia da aluna, teríamos um problema de re-escrita. Não é o caso, conforme minha opinião.

3) Minha sugestão (pois vc pergunta por uma idéia melhor em postagem anterior) não é muito diferente do que você faz e implicaria em maior trabalho: ao invés de "fechar" em uma palavra indicada por mim, eu sublinharia o trecho e faria considerações sobre o que ele é e sobre o que pode ser: ex: No trecho da aluna: "o trabalho dignifica o homem..", você insere "também" - simples e eficiente, mas em situações do cotidiano em aula (não é o caso), eu faria a nota: " Tente refletir: apenas o trabalho dignifica? em dada circunstâncias ele até eprime, explora. O trabalho também dignifica, mas há outros aspectos na construção da dignidade,, essenciais na construção da dignidade e na formação desse cidadão. O não ser apto para o trabalho, por exemplo, é posterior o ato de trabalhar e precisa ser pensado pela sociedade. Reflita sobre isso e tente reformular o trecho sublnhado". (AL: apenas um exemplo aleatório, ok?)

PORÉM ... Aí, sim, teríamos (e sempre teremos!) mais trabalho (argumento do colega que levantou a discussão; o nome me foge a memória). Eu creio ser mais produtor na construção da competência argumentativa e discursiva do aluno. Entretanto, não elimino o seu recurso. Ele tem seu momento e eu o utilizo bastante e é muito útil (em alunos com melhor desempenho em redação, eu vou direto ao ponto. Às vezes, eles rejeitam minha sugestão, entendem a ideia e encontram melhores formas de expressão). Com alunos com mais dificuldade, costumo tentar propor reflexões.

Reforço; aqui na comunidade, na revisão da redação já entregue, numa análise posterior (ENEM), eu teria optado pelo recurso mais prático, como foi feito por você. Espero ter esclarecido. Abr. ALS (24 de novembro de 2010)

ALS

Acho q concordo contigo :P (24 de novembro de 2010)

Continuando:

Uma das poucas práticas para otimizar/reduzir o tempo de correção é a correção compartilhada: Em equipes, as leituras são feitas e elege-se a redação em que os colegas desejam fazer contribuições (reformulações, reordenações, correções...).

Podemos utilizar recursos de mídia, a depender do planejamento da atividade, ou simplesmente lê-las em sala.

É um recurso a ser utilizado com parcimônia, em comum acordo com os alunos e com a coordenação, de forma a garantir que ninguém se sinta exposto. Em tais atividades, proponho redações anônimas e que só devolvo se o aluno assim o desejar, na coordenação. Como disse, devem ser raras as vezes em se utiliza tal recurso (máximo 2 ou 3 vezes no semestre), quando promovo esses eventos, faço-o mais pela dinâmica que pela redução de trabalho. Uma alternativa muito boa, nesse mesmo esquema é colher redações em livro didático e apresentá-las aos alunos para que analisem e façam contribuições. *ALS*. (24 de novembro de 2010)

Ok

JC! desculpe. Na hora em q escrevi, o seu nome me fugiu a memória.

Então, *AL* e *JC*, espero ter contribuído. Retornarei em breve. *ALS* (24 de novembro de 2010)

ALS

è poraí mesmo, a construção se faz por todos
até logo (24 de novembro de 2010)

ALS,

acho que entendi e me parece ótima essa correção compartilhada; proponho-me a integrar grupo de trabalho nesse sentido; seria maneira bem prática de reduzir ou eliminar os senões da subjetividade numa avaliação de texto. Se você (ou outro corretor) quiser, pode analisar os meus trabalhos, caso os alunos assim o desejarem. Sei que este é o metodo de trabalho adotado pelas escolas mais abonadas. Obrigado pelas palavras relativas à re-escrita. Beijo. (24 de novembro de 2010)

AL

acho que vc apregoa com escassez os possíveis significados da palavra - subjetivo- acho q vc deveria ampliar esse leke heheh, veja bem q o seu significado basal nã é este lá pejorativo :) (24 de novembro de 2010)

AL

Ótima idéia. Para mim, será um prazer! (Só tenho o tempo restrito, mas, presumo, não é privilégio meu/rsss). Estive explorando a comunidade e achei ótima a sua atenção com os fóruns dos alunos. Parabéns e até breve. *ALS* (25 de novembro de 2010)

Os enunciados apresentados contêm pressupostos conflitantes sobre reescrever o texto de “outro”. *JC* denomina a atividade de “erro gravíssimo, equívoco imensurável” alegando não haver “sinônimos perfeitos” nem “duas frases que possam transpassar igual sentido, intensidade, significado etc”. O orkuteiro tem razão ao afirmar que não há como igualar o sentido de um enunciado cuja peculiaridade é ser “individual, único e singular” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 310), não isolado em si e nem repetível. A enunciação é estrutura “*puramente social*” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988 [1929], p. 127, grifo do autor) e “um enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 298, grifo do autor). Porém, afirmar que reescrever é “improdutivo” devido à impossibilidade de elaborar enunciados idênticos, é toldar as possibilidades de trabalho com a língua, pois, a prática, ao invés de prejudicar o ensino-aprendizagem, pode multiplicar suas potencialidades e conscientizar os aprendizes sobre essas.

Lendo o fórum, percebe-se existir confusões entre língua e linguagem, prática e ensino de escrita e sua escolarização, principalmente, da parte de *JC* que indagado por *AL* sobre como deveria proceder, então, dado a suposta improdutividade de sua atitude, não sabe como responder. De acordo com Corrêa (2006), nossa sociedade alimentaria “uma concepção escolar de língua, que identifica língua à escrita, e de uma concepção escolar de escrita, que identifica escrita apenas com o domínio do código alfabético” (CORRÊA, 2006, p. 206).

Assim, para aprofundar (ou acalorar) a discussão, surgiu no fórum a orkuteira *ALS*, afirmando ser aquela sua primeira intervenção na comunidade virtual. Ela salienta duas formas de reescrita (a e b) já identificadas como procedimentos distintos de retomar o texto de outrem. O que *ALS* chama de “opção de ação didática” e, mais a frente, de “recurso mais prático” seria o que distingui como (a) e que ela diz usar com alunos mais proficientes e para economizar tempo; enquanto o que nomeia como “instigar o refletir, o aprender”, “apontar caminhos” e “propor reflexões”, equivaleria ao que caracterizei como (b), empregado, segundo ela, em situações nas quais dispõe de mais tempo e também com alunos que apresentariam dificuldades na produção de textos.

Retomemos uma de suas sugestões para correção da redação feita anteriormente no mesmo fórum:

ao invés de "fechar" em uma palavra indicada por mim, eu sublinharia o trecho e faria considerações sobre o que ele é e sobre o que pode ser: ex: No trecho da aluna: "o trabalho dignifica o homem..", você insere "também" - simples e eficiente, mas em situações do cotidiano em aula (não é o caso), eu faria a nota: " Tente refletir: apenas o trabalho dignifica? em dada circunstâncias ele até eprime, explora. O trabalho também dignifica, mas há outros aspectos na construção da dignidade,, essenciais na construção da dignidade e na formação desse cidadão. O não ser apto para o trabalho, por exemplo, é posterior o ato de trabalhar e precisa ser pensado pela sociedade. Reflita sobre isso e tente reformular o trecho sublinhado". (AL: apenas um exemplo aleatório, ok?)

Pelas observações que faz, ALS demonstra proceder de forma a deixar suas marcas no texto do aprendiz, a já mencionada “interferência direta”, através de comentários e perguntas que o fariam refletir sobre o que escreveu, retomando sua produção e aprimorando-a (MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 132).

De outra parte, no final desse enunciado de ALS, a orkuteira diz utilizar na prática (com tempo limitado) dois procedimentos para interferir nas produções textuais de seus alunos, a saber, maiores explicações e indagações para os, supostamente, menos aptos a escrever e propostas mais objetivas aos que seriam mais habilidosos. O procedimento demonstra a existência de pressupostos partilhados nas práticas de letramentos. Assim, aprendizes já competentes no “letramento escolar”, em que as práticas de redigir textos para avaliações e vestibulares estão inseridas, conheceriam o que se denomina como “dimensões ocultas” (“*hidden features*”) (STREET, 2009) e, por isso, não precisariam de explicitações.

Voltando ao fórum, instantes depois, os comentários de ALS são correspondidos por JC, que parece mudar de ideia (“Acho q concordo contigo”), mediante a argumentação de sua interlocutora, a qual retorna e tece novas observações. Nesse momento, a orkuteira contextualiza práticas de escrita em sala de aula onde podem ser desenvolvidas correções compartilhadas, como também apontado por Cabral (1994), de textos de colegas ou de livros didáticos, ou seja, trata-se de algo similar ao que ocorre nas comunidades do Orkut analisadas.

O próprio JC que levantara a polêmica acaba por concordar que a socialização de textos pode propiciar construção de conhecimento, ao reconhecer que “è

por aí mesmo, a construção se faz por todos”. Da parte de *AL* não foi diferente e o orkuteiro mostrou-se aberto a atividades, como as sugeridas por *ALS* em que trabalhassem juntos os envolvidos naquele tópico, em particular, afirmando ainda que, assim, poderiam efetuar correção mais objetiva, “eliminar os senões da subjetividade numa avaliação de texto”. Declaração que é contestada, novamente, por *JC*. Ele replica *AL*, assumindo que a presença da subjetividade no texto escrito não necessariamente seria algo negativo.

Vale ressaltar que, embora *JC* não discuta mais profundamente subjetividade na correção, nem em que medida ela seria aceitável e/ou benéfica, percebe-se, por seu enunciado, que ele não pretende entrar em choque com *AL*, o que é indicado pelo uso do sinal gráfico-visual que expressa sorriso – :) – no final de seu comentário.

Desse modo, o fórum termina de forma amigável. *ALS* despede-se, dizendo voltar “em breve”, mas não o faz, saindo tempos depois do próprio Orkut. Nem os outros membros dão continuidade à discussão e, embora, continuem frequentando as comunidades a que são associados e o próprio ambiente “Aprendendo redação” participam somente de outros (novos) fóruns.

Analisar essa discussão, então, foi útil, pois revelou, além de estratégias de atividades de (re)escrita existentes, a (co)existência de diversas concepções sobre o ato de escrever dos atores sociais envolvidos, entre as quais, identifiquei, escrita como produto independente, decorrente da consideração do letramento como “autônomo” (STREET, 1984), quando *JC* não reconhece as potencialidades da língua escrita que depende do contexto sócio-histórico (1); a indivisibilidade entre leitura e escrita, no momento em que o mesmo considera que “só escreve bem que lê”, porém, não especifica o que considera leitura nesses termos, sendo, provavelmente, essa referente a textos literários e/ou canonizados (SILVA, 2008) (2); escrita como trabalho (FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1991), manifestando consciência dos produtores sobre suas possibilidades, de estar passível a escolhas, como apontam enunciados de *AL* e de *ALS* (3).

Por fim, essas concepções entrelaçam-se a ideias sobre atividades de escrita carregadas por sujeitos que circulam ou já circularam na sociedade: alunos, professores, teóricos, produtores de livros didáticos, profissionais das mais diversas áreas, autores consagrados, autores não tão conhecidos, obras literárias, jornais, usuários da Internet, entre

outros, tratando-se não de processo de interferência de “vozes” e gêneros, mas da revelação do dialogismo como (rica) propriedade da linguagem.

3.3. Outros caminhos...

Com base nas análises apresentadas na seção anterior, comprova-se que as quatro comunidades do Orkut que compuseram o *corpus* tiveram, no ano de 2010, fóruns voltados à prática da escrita como treinamento para produção de textos em avaliações escolares, vestibulares e concursos.

Entretanto, esse traço não impediu que outros tipos de fóruns pudessem ser estabelecidos, tampouco que não o foram durante o período analisado. Embora em menor quantidade, no próprio *corpus*, há 15 enunciados que se diferenciam da correção de redações ou pedidos de ajuda para suas composições com aqueles objetivos. Trata-se de poemas escritos por deleite, trechos de livros que pretendem publicar tanto na rede, como no meio impresso, contos e outros gêneros literários. O último exemplo que será trazido pode levar a reflexões a esse respeito. Trata-se de fórum criado na comunidade “Livros, Textos e Redação” com o nome “Soneto – Perder-se de Amor – Peço análise” onde há publicação de um poema, pelo sujeito AR, compartilhado para análise dos membros sem fins didáticos, profissionais ou visando o cumprimento de tarefas institucionais:



A R

30/07/2010

Soneto - Perder-se de Amor - Peça análise

No desejo a pele alva empalidece
noite sem rumo
vida sem prumo
alma agoniza, desejo apetece

Um sussurro na noite
inaudível a "olho nu"
No zumbido envolto em uivo,
a matilha alimenta o açoite

Assanha a sanha
desnuda o pomo da discórdia,
desfigura a alma sem barganha

O apocalíptico prurido
sacramenta teu destino
Perder-se de Amor, sem antes sentí-lo

😊 gostou? ▼ Citar

Figura 28 – Poema publicado no fórum “Soneto – Perder-se de Amor – Peça análise” da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5499785521848697849>. Acesso em: 8 ago. 2010

Pela leitura do texto, vê-se forte dialogismo com o estudo literário do currículo escolar de Ensino Médio em que são ensinadas as chamadas “escolas” ou “movimentos” literários,⁸⁶ posto que o autor construiu tipo clássico de poema – o soneto – e com marcas do que se convencionou como “mal-do-século” ou “*byronismo*” (decorrente do escritor Lord Byron) e, no Brasil, marcou a denominada “2ª geração romântica” pela valorização de elementos como peles pálidas e de cor branca (“No desejo a pele alva empalidece”), do sofrimento (“vida sem prumo”, “alma agoniza”), amor idealizado e não realizado (“perde-se amor, sem antes sentí-lo”) e de referências ao período noturno (“noite sem rumo”, “sussurro da noite”), entre outros, que poderiam ser mencionados.

⁸⁶ Sabe-se que há discussão em torno da qualidade de se seguir o estudo literário em “movimentos” que são redutores e construídos socialmente para fins didáticos. Contudo, trata-se de discussão que não cabe na pesquisa. Para maiores informações ver Abreu, 2006.

Mais uma vez, assinala-se, com base no poema de *AR*, o traço dialógico da linguagem que estabelece enunciados que respondem a, dialogam com anteriores (BAKHTIN, 2003 [1952-1943]) e projetam outros futuros. Na realidade, mais do que idealizar réplicas vindouras, o sujeito as pede explicitamente ao perceber que seis dias depois de sua publicação nenhum orkuteiro havia prontificado-se a interagir com ele:

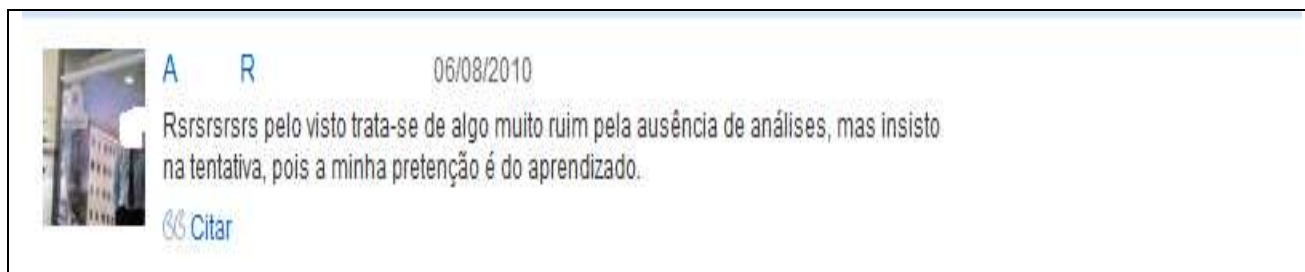


Figura 29 – Enunciado publicado por *AR* no fórum “Soneto – Perder-se de Amor – Peço análise” da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5499785521848697849>. Acesso em: 8 ago. 2010

Na insistência por interlocução, *AR* mostra que, independentemente do possível teor da correção, interessava-se em construir conhecimento, praticar, aprender, recebendo, no dia seguinte, não propriamente a esperada análise de sua produção, mas um comentário elogioso (“Acho que vc tem uma veia poética, gostei”⁸⁷) de *n* ao qual, rapidamente, responde, explicitando sua motivação para escrever:

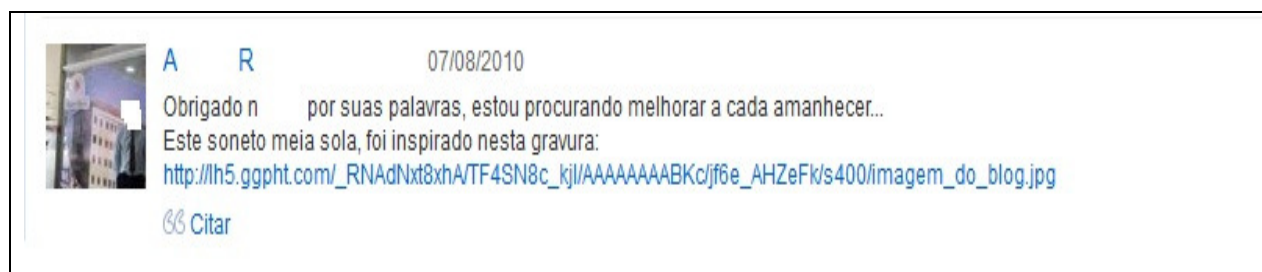


Figura 30 – Enunciado publicado por *AR* no fórum “Soneto – Perder-se de Amor – Peço análise” da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5499785521848697849>. Acesso em: 8 ago. 2010

⁸⁷ Enunciado extraído de “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5499785521848697849>. Acesso em: 8 ago. 2010.

AR indica, assim, um *link* que remete a endereço eletrônico fora dos limites do Orkut, e, ao clicar nele, o que se encontra é a seguinte imagem que teria o motivado à escrita do soneto:

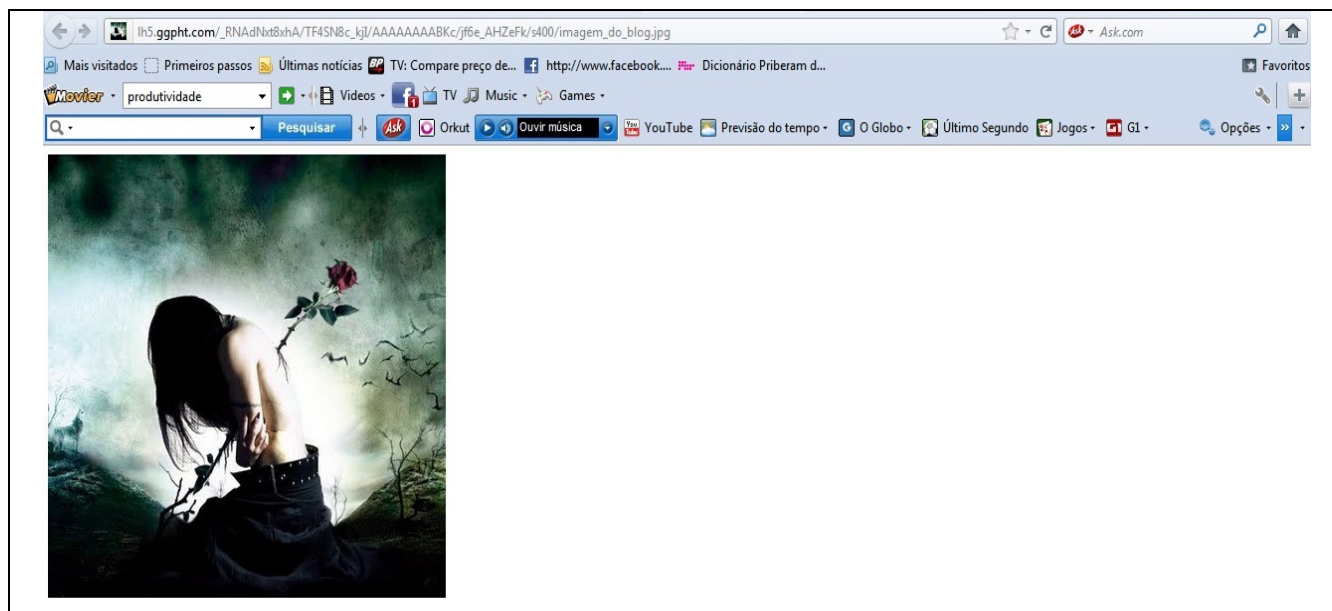


Figura 31 – Conteúdo encontrado ao se clicar no *link* oferecido por AR. Disponível em: http://lh5.ggpht.com/_RNAdNxt8xhA/TF4SN8c_kjI/AAAAAAAAABKc/jf6e_AHZeFk/s400/imagem_do_blo_g.jpg. Acesso em: 8 ago. 2010

Apesar de divulgar o endereço da imagem, o texto de AR não pode ser considerado como uma produção multissemiótica, ou seja, com a reunião de várias semioses, mas produção multimodal (ver Capítulo 1) em que várias modalidades estão relacionadas. Na realidade, não haveria meio ou gênero puramente “unimodal” como fomos acostumados a aceitar e acabamos por naturalizar (KRESS, 2010; DIONÍSIO, 2011). Nem mesmo as próprias produções de textos de alunos em ambientes escolares podem ser consideradas isentas de multimodalidade.

A linguagem é um fenômeno multimodal e, por conseguinte, todos os textos também o são (LEMKE, 2002; KRESS, 2005); o que ficou demonstrado pelas análises da seção anterior, em que textos eram (re)produzidos – não apresentando inovações na forma composicional – mas indicando a multiplicidade de vozes que dialogavam neles e nas suas

constituições. No exemplo da Figura 31 essa natureza multimodal dos textos parece ficar ainda mais explícita pela relação direta entre linguagem verbal e não verbal.

Assim, ao se comparar a imagem ao soneto, encontra-se semelhança semântica, uma vez que naquela há a presença de uma mulher encurvada, em ambiente noturno e misterioso onde, no fundo, vê-se um animal que pode ser um lobo ou um cachorro e associado aos versos “No zumbido envolto em uivo/a matilha alimenta o açoite”. Ademais, o rosto feminino não é mostrado, mas encoberto pelos cabelos escuros em contraste com sua pele branca (“pele alva empalidece”) e marcada (com cicatrizes e tatuagens). A rosa ao fundo transmite a ideia de estar transpassando o corpo frágil cujo busto encontra-se nu – o que permite jogo de sentido com as várias possibilidades de significação do termo “pomo” – da moça, como uma flecha de amor, sentimento esse que pode ter sido perdido, antes de concretizado: “perder-se de Amor, sem antes senti-lo”.

Pode haver explicações diferentes das apresentadas para a figura, bem como associações para essa e o poema de *AR* não mencionadas, todavia, não é intenção, neste trabalho, elaborar interpretações deles que poderão ser realizadas por outras pesquisas. O interesse é salientar aqui a forma como imagem e texto se articulam num diálogo em que várias “vozes” são colocadas em confronto, ou seja, numa relação polifônica.

A polifonia, sendo fundamental a qualquer enunciação, conjuga uma multiplicidade de “vozes” (BAKHTIN, 2003 [1952-1943]) e traz sempre a presença do “outro”, fato que ocorre no soneto de *AR*, nos enunciados analisados na seção anterior e já acontecia nos textos escritos em ambientes escolares ou nas provas vestibulares antes do Orkut. A diferença é que no meio digital, seu caráter polifônico fica mais explícito (por estarem na forma escrita) e, pelo cunho público das comunidades virtuais em que foram divulgados, possibilitando a inclusão de “vozes” que talvez não fossem facilmente integradas por não serem colocadas diretamente em diálogo.

Voltando ao fórum, esse se finaliza com outros elogios do interlocutor *n* (“Realmente, se encaixa perfeitamente...10 a 0!” e “VEja, não sou especialista, mas seu

poema é meio estilo Charles Baudelaire, não?”⁸⁸) que são, como o anterior, agradecidos com certo tom de humildade da parte de AR: “*n*, sua generosidade é estonteante...Quem sabe daqui a anos luz amigo!”.⁸⁹

É interessante, pois, cotejar os enunciados analisados na seção anterior com o fórum estabelecido entre AR e *n* e perceber como, ainda que ambos ofereçam textos à análise de seus pares, são dotados de objetivos e processos de escrita distintos. Aqueles com vistas a avaliações para objetivos práticos de treinamento da escrita para exames e este que, apesar de também requer análise,⁹⁰ visa à prática de textos de caráter literário, relacionado a uma imagem e por vontade própria, gosto e deleite. De acordo com as próprias palavras de seu autor:

Escrevo de teimoso que sou, escrevo por minha idade, escrevo por minha saudade. Mas principalmente! Escrevo por minha sanidade... Escrevo por não ter o que fazer, escrevo pelo cheiro do escrever. Às vezes escrevo só para mim, às vezes somente para você, e, às vezes, até arrisco umas linhas, para quem nem quer saber. Escrevo sem saber o que escrever, escrevo sem dizer o que sei, escrevo a voz do coração... Escrevo por não fazê-la calar, porque, o dia que o fizer... Ela calar-se-á.⁹¹

Nossa motivação [para escrever] é a necessidade!
Um calor, uma fome invade a gente quando o coração quer falar. E quando nos negamos a ouvi-lo, o peito queima, ficamos inquietos, nada

⁸⁸ Enunciados extraídos de “Livros, Textos e Redação”. Disponíveis em: Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5499785521848697849>. Acesso em: 8 ago. 2010.

⁸⁹ Enunciado publicado por AR no fórum “Soneto – Perder-se de Amor – Peço análise” da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação”. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5499785521848697849>. Acesso em: 8 ago. 2010

⁹⁰ Em entrevista virtual em 25 dez. 2011 com AR, ele esclareceu que entrou para a comunidade com a intenção de que seus textos fossem aprimorados “Queria que pessoas que entendem do assunto, me ensinassem a escrever melhor”, pois, segundo ele, não teve oportunidades de fazer um Curso Superior.

⁹¹ Disponível em: <http://www.blogger.com/profile/12219205881530687533>. Acesso em: 23 dez. 2011.

nos satisfaz, ele bate descompassado, faz questão de se mostrar contrariado.⁹²

AR não é escritor profissional, nem estudante. Trabalha como corretor de imóveis e, pelo trecho acima, percebe-se tratar-se de um amante da escrita (que partilha a concepção de escrita como expressão da emoção). Por isso, participa da comunidade “Livros, Textos e Redação” e de outras comunidades virtuais do Orkut sobre escrita, literatura e leitura, sendo criador do ambiente “Casa do escritor”,⁹³ no qual publicou também o soneto apresentado, revelando a existência de práticas de escrita nos fóruns *on-line* do Orkut que se prolongam, inclusive, a outros ambientes no meio digital, como *blogs* e que podem gerar o desenvolvimento de outras pesquisas com diversos gêneros e até em outras áreas, como estudos literários. Certamente, a análise do exemplo revela prática mais próxima ao que se pode considerar, a grosso modo, como letramento digital (ver Capítulo 1) do que os enunciados analisados na seção anterior.

Contudo, o que foi constatado pela observação e análise dos registros das comunidades selecionadas em 2010, foi a função dessas, em primeiro lugar, como ambientes de correção de redações ou elaboração de textos para a escola, o vestibular e concursos. As comunidades podem mudar seus objetivos principais, aumentando fóruns como os de AR acima apresentado, em consonância com a proliferação das TICs e suas possibilidades de produção de objetos artísticos e culturais (ROJO, no prelo), mas essa possibilidade só poderá ser confirmada com o passar do tempo e parece estar longe de acontecer.

Em concomitância à análise do *corpus* e desenvolvimento da pesquisa, continuei observando as comunidades ao longo de 2011 e início de 2012 para conhecimento do funcionamento e conteúdo de seus fóruns e ponderar em que medida continuariam ou não se prestando aos objetivos identificados no ano de 2010. Dessa forma,

⁹² Trecho escrito pelo autor em entrevista virtual no dia 25 dez. 2011.

⁹³ Comunidade virtual do Orkut. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=96776679>. Acesso em 23 dez. 2011. Há também um *blog* homônimo criado por AR onde são publicados seus textos e de outros autores. Disponível em: <http://casadoescritor1.blogspot.com/>. Acesso em 23 dez. 2011.

percebi que suas páginas de apresentação continuavam as mesmas (com imagens e descrições iguais) e os fóruns ainda caracterizados pela partilha de textos para correção coletiva ou solicitação de ajuda para a composição de redações com vistas a avaliações.

Observe:

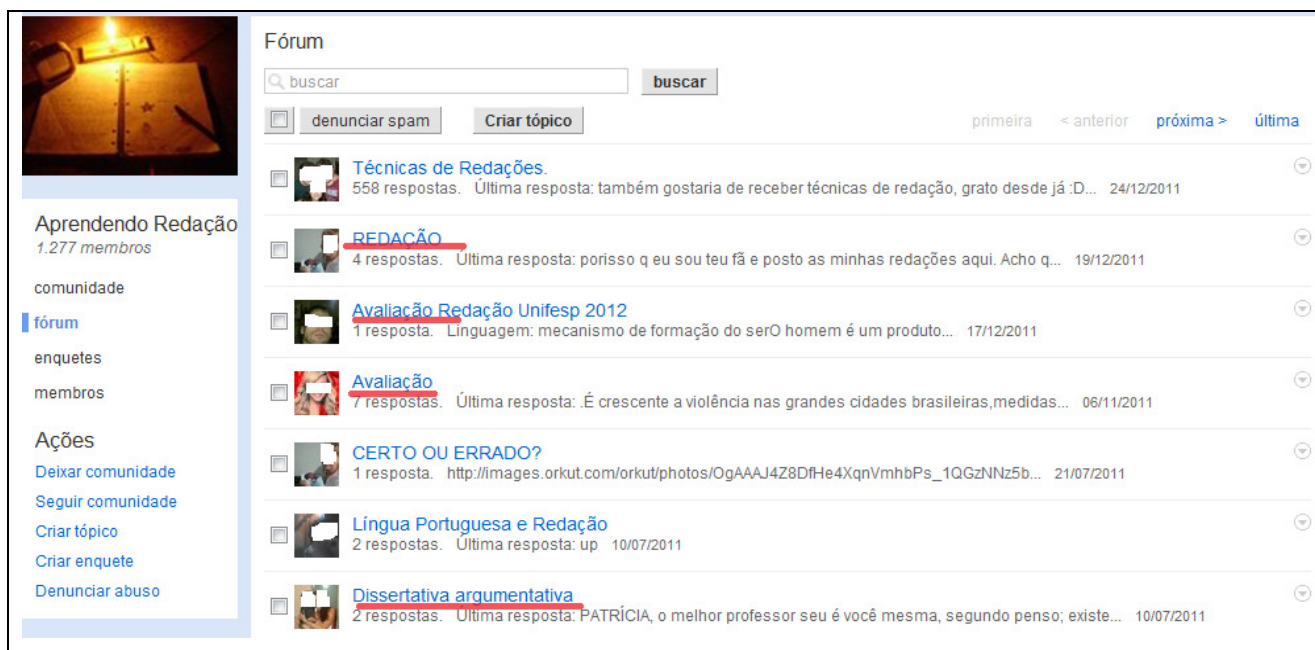


Figura 32 – Alguns tópicos da comunidade virtual do Orkut “Aprendendo redação” no final de 2011. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=48249>. Acesso em: 05 jan. 2012

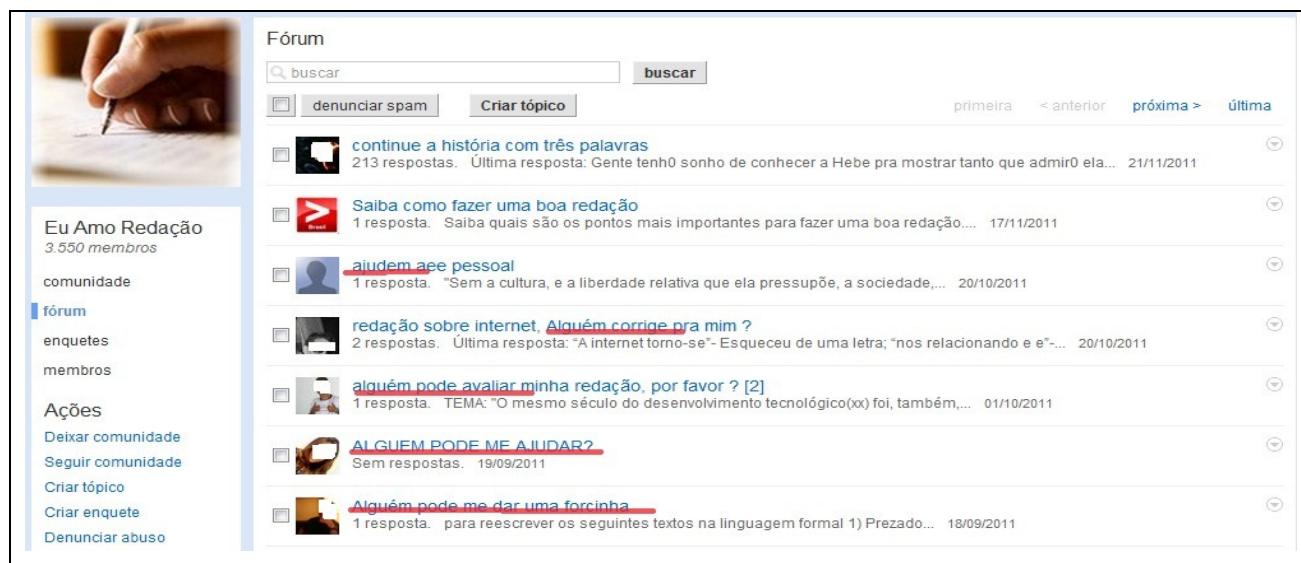


Figura 33 – Alguns tópicos da comunidade virtual do Orkut “Eu amo redação” no final de 2011. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=579077>. Acesso em: 05 jan. 2012

Redigir Redação
4.079 membros

comunidade
fórum
enquetes
membros

duvida sobre redação em concurso
5 respostas. Última resposta: é sempre importante colocar o título 29/12/2011

LIMPE SEU NOME, SEM BURROCRASIA SERASA E SPC
1 resposta. GALERA MEU NOME É TEREZA CRISTINA SOU DE ARACAJU SERGIPE. BOM MINHA... 24/12/2011

alguém pode correger ?
2 respostas. Última resposta: pô gente dá uma mãozinha ae 19/12/2011

Cursos Completos Grátis
1 resposta. Acesse: www.iApostilas.com e baixe centenas de cursos completos... 02/12/2011

Material para estudo Grátis
3 respostas. Última resposta: up 29/11/2011

VEJA COMO TRABALHAR EM UMA GRANDE EMPRESA!
1 resposta. EXCELENTE OPORTUNIDADE DE TRABALHO E NEGOCIO PROPRIO, PARA VOCE QUE... 27/11/2011

Como fazer uma boa redação no vestibular
1 resposta. Veja todos os pontos de como fazer uma boa redação no vestibular!... 17/11/2011

Figura 34 – Alguns tópicos da comunidade virtual do Orkut “Redigir redação” no final de 2011. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=22247907>. Acesso em 09 jan. 2012

Fórum

buscar

denunciar spam Criar tópico

primeira < anterior próxima > última

continue a história com três palavras
213 respostas. Última resposta: Gente tenhoo sonho de conhecer a Hebe pra mostrar tanto que admir0 ela... 21/11/2011

Saiba como fazer uma boa redação
1 resposta. Saiba quais são os pontos mais importantes para fazer uma boa redação.... 17/11/2011

ajudem aee pessoal
1 resposta. "Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade,... 20/10/2011

redação sobre internet, Alguém corrige pra mim ?
2 respostas. Última resposta: "A internet torno-se"- Esqueceu de uma letra; "nos relacionando e e"... 20/10/2011

alguém pode avaliar minha redação, por favor ? [2]
1 resposta. TEMA: "O mesmo século do desenvolvimento tecnológico(xx) foi, também,... 01/10/2011

AL GUEM PODE ME AJUDAR?
Sem respostas. 19/09/2011

Alguém pode me dar uma forcinha
1 resposta. para reescrever os seguintes textos na linguagem formal 1) Prezado... 18/09/2011

Figura 35 – Alguns tópicos da comunidade virtual do Orkut “Livros, Textos e Redação” no início de 2012. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=8148414>. Acesso em 09 jan. 2012

Pelas figuras de alguns fóruns do final de 2011 e início de 2012, revela-se que a prática de escrever textos nessas comunidades do Orkut com objetivo de treinamento para provas, concursos e trabalhos ainda se manteve, posteriormente à constituição do *corpus*, apontando para uma permanência do exercício nos ambientes, embora o Orkut tenha perdido seu *status* de principal rede social utilizada pelos brasileiros. Na Figura 35, por exemplo, os últimos fóruns disponibilizados e acima reproduzidos eram muito recentes a data de meu último acesso, isto é, nos dias anteriores e no próprio dia 09 de janeiro de 2012.

Pelo que já foi discutido até aqui, “Aprendendo redação”, “Eu amo redação”, “Livros, Textos e Redação” e “Redigir redação”, portanto, são exemplos de como *on-line* e *off-line* estão imbricados (LEANDER & MCKIM, 2003), sem limites demarcados. Sujeitos com necessidades em contextos escolares, vestibulares e que passaram/passarão por processos seletivos de alguma maneira, recorrem a elas na tentativa de obterem auxílio, ajudarem-se mutuamente e compartilharem interesses comuns.

Em outra via, encerro a apresentação da análise do *corpus* distinguindo como a produção textual das chamadas redações, antes restrita ao ambiente escolar, veste-se com “nova roupagem”, penetrando no meio digital que a modifica e é transformado, simultaneamente, por ela: nas comunidades do Orkut aqui analisadas, desenvolvem-se processos de escrita em colaboração nos quais os textos constituem-se pela troca de informações entre os pares, por conteúdos pesquisados na *web*, por adaptações na estrutura para amoldarem-se às configurações permitidas pela ferramenta fórum *on-line*, entre outros. Enfim, formam-se textos construídos, tanto na forma composicional, como no conteúdo temático e no estilo de maneira polifônica.

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta, continuarei a escrever
(Clarice Lispector).⁹⁴

Neste trabalho, dispus-me a investigar práticas de escrita em comunidades específicas da rede social Orkut que se propunham como ambientes para publicação, composição e avaliação de textos escritos. Foi possível assim, por meio de observações das práticas, identificar práticas de letramentos presentes no meio digital por meio das quais sujeitos escreviam textos de outros letramentos de forma digital e verificar o dialogismo existente entre essas práticas e as de ambientes *off-line*, especialmente, escolares.

Embasada na análise dos registros do *corpus*, acredito que, neste momento, seja pertinente deter-me nos objetivos específicos da pesquisa apresentados no Capítulo 2 para pensar se foram cumpridos ou não, ainda que as questões já tenham sido respondidas de forma diluída ao longo da dissertação, e realizar algumas sínteses e reflexões. Retomo, pois, as perguntas investigativas:

a) O que está acontecendo no meio digital: como se configura a questão da autoria nas comunidades do ambiente Orkut?

b) Como se dão as produções textuais: quais são os critérios usados para a correção das redações e o que podem revelar sobre a prática da escrita e quais as concepções de leitura e escrita dos atores envolvidos? Ou seja: o que seria uma boa escrita para os orkuteiros?

c) Quais as relações do *on-line* com o *off-line*: as comunidades virtuais do Orkut analisadas podem ser consideradas ambientes propícios ao ensino-aprendizagem e ao desenvolvimento da modalidade escrita?

⁹⁴ LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 11.

Em relação à primeira, ao acompanhar a interação de orkuteiros em “Aprendendo redação”, “Eu amo redação”, “Livros, Textos e Redação” e “Redigir redação” saltou aos olhos o exercício da escrita como treinamento sobremaneira para exames vestibulares, bem como concursos e tarefas escolares, entre outras. Porém, chamou atenção, igualmente, a peculiaridade da presença interferente do “outro” nesse treino.

Os orkuteiros não somente dividiam seus textos no sentido de os tornarem públicos e conhecidos, como contavam com outros sujeitos para desenvolvê-los, seja por meio de avaliações (que implicavam em novos textos ou na reformulação de partes da produção inicial), seja no próprio processo de composição desenvolvida colaborativamente, destacando, então, a questão da autoria.

Com as novas possibilidades de composição oferecidas pelas TICs e na *web* 2.0, em particular, a intervenção do leitor e/ou usuário das novas tecnologias foi ampliada, sendo que o processo de recepção e produção pode acontecer simultaneamente. Além disso, com a capacidade de circulação mais ampla no meio digital, as informações, os textos e outros objetos como imagens, sons e vídeos são mais facilmente acessados, apropriados e até transformados, colocando em xeque, por exemplo, a legislação relativa aos direitos autorais (LANKSHEAR & KNOBEL, 2008) e a questão da propriedade intelectual de uma obra. Dessa forma, retoma-se antiga querela em relação à autoria.

Ao fazer breve retrospectiva sobre a figura do autor, volta-se, necessariamente, ao século XVIII quando “o autor é reconhecido como detentor de uma propriedade intelectual imprescritível sobre as obras que exprimem seu próprio gênio” (CHARTIER, 1999, p. 49), isto é, um portador de admirável capacidade intelectual, demonstrada pela produção artística. Decorrente da visão romântica, o gênio seria conduzido pela inspiração, emoção. Perspectiva que ainda ressoa em nossos dias e cujo eco pôde ser observado em dizeres dos orkuteiros já citados no Capítulo 3 e no próprio fato de poucos membros fornecerem as propostas para as quais produziram redações nas comunidades do Orkut (ver Capítulo 3, *Subseção 3.2.1*), o que, de certa maneira, revela incompatibilidade entre a crença que verifiquei de os escreventes carregarem essa noção de escrita como fruto da inspiração, ao mesmo tempo em que, curiosamente, partilham seus textos para avaliações, reconstruções e reflexões sobre a atividade de escrita, ou seja,

revelando em suas práticas que a escrita seria consequente de um trabalho, muitas vezes conjunto (FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1991).

Como a intenção da pesquisa não é definir o conceito de autoria em relação ao surgimento das novas tecnologias, detenho-me nos efeitos de sentido das práticas de escrita em conjunto na rede. Com efeito, o que constatei no Orkut foi que a intervenção do outro não é decorrente de novidades propiciadas pela ferramenta fórum *on-line*, como acontece em outras situações, por exemplo na composição de hipertextos, mas identifiquei a evidência de processos de produção textual já existentes, principalmente, em salas de aula, na elaboração de obras literárias e de trabalhos acadêmicos em que há o diálogo entre pares implícita ou explicitamente, gerando novas versões, reconstruções, reformulações, indicando o texto como um momento do trabalho de escrita “sempre possível de ser continuado” (FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 55). Assim, corrobora-se o caráter dialógico da produção escrita e, por conseguinte, da autoria e direciona-se para a segunda questão de pesquisa acerca do modo como se dariam as produções textuais nas comunidades de onde os enunciados foram selecionados.

Inicialmente, partindo do fato de que o objetivo de escrever no Orkut é de treinamento para atividades *off-line*, pude conhecer que os gêneros produzidos em maior número nesses ambientes eram os mesmos praticados no Ensino Médio e em cursos de preparação para provas, de modo geral: narrativas, cartas e dissertações (BUNZEN, 2006; SCHNEUWLY & DOLZ, 2004) com destaque para essas últimas.

Ao se realizar um percurso histórico, buscando pela implantação da redação escolar no contexto educacional, conhece-se que sua obrigatoriedade no vestibular, que aconteceu em 1978, gerou nova disciplina na escola, a aula de redação, a fim de preparar alunos para a realização do exame. Segundo Bunzen (2006), “Não podemos negar o fato de que a escrita escolar, especialmente a redação, acabou se transformando em um bem cultural desejável por ‘medir’ a escolarização dos candidatos a um emprego ou a entrada em um curso de nível superior” (BUNZEN, 2006, p. 148).

Assim, diante da importância desse objeto de ensino e dos problemas e das lacunas enfrentados por professores e educadores nesse processo, a escrita passou a ocupar lugar de investigação no contexto acadêmico, sendo tomada também como objeto de

estudos linguísticos. De acordo com de Pietri (2007), a constituição da escrita escolar em objeto de análise pela Linguística no Brasil deu-se na década de 1970 quando, então, estudiosos passaram a focalizar, academicamente, produções textuais de alunos produzidas, principalmente, em vestibulares, embora, muitas vezes, sob perspectivas diversas.

Dessa forma, o que muitos desses estudos, como o de Schneuwly & Dolz (2004) indicaram e vêm demonstrando é que os gêneros ao serem transformados em objeto de ensino simulam práticas de linguagem, já que não há como retomá-las de maneira idêntica a suas ocorrências na sociedade, pois “toda introdução do gênero na escola faz dele, necessariamente, um gênero escolar, uma variação do gênero de origem. O que muda são os tipos de graus de variação” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 82).

A produção de texto conhecida como redação, então, coloca-se como um gênero escolar no qual são estabelecidos temas e propósitos comunicativos fictícios, entretanto, os gêneros deslocados para outras esferas, como a escolar colocam “em confronto as formas do dialogismo próprias de cada gênero e de cada texto e as formas de recepção da palavra na escola” (ROJO, 2008, p. 96).

Se a situação já é complexa à medida em que é preciso considerar essas várias “vozes” que dialogam para a elaboração dos gêneros em relação aos seus processos de composição, conteúdos temáticos e estilos e as vozes que, igualmente, circulam no ambiente escolar (alunos, familiares, leis, diretrizes, política, economia etc), o fato de produções textuais saírem de ambientes *off-line* como a escola, e alcançarem o meio digital, traz à tona novas complexidades: os enunciados publicados nas comunidades do Orkut observadas são, de fato, o que se chama de gênero⁹⁵ “redação escolar” ou o texto produzido com auxílio de orkuteiros ou se já escrito, revisado e, em alguns casos, reescrito por eles e entregues, posteriormente, para um professor seria um “gênero digital”?

De antemão, pela impossibilidade de resposta, confirmo que não há separação entre *on-line* e *off-line*, remetendo ao próprio título desta dissertação que aponta para o “entrelaçamento” de ambos. Nos exemplos analisados, bem como nos dados do *corpus*, de

⁹⁵ Esclareço que a decisão de considerar a redação escolar como gênero não é simples e merece atenção que, por questões práticas da extensão, não puderam ser discutidas profundamente neste trabalho, mas podem ser encontradas na literatura da área (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004; BUNZEN, 2006; ROJO, 2008).

modo geral, está a justificativa para a afirmação: a orkuteira que revela estudar pelo *youtube* (ver Capítulo 3), orkuteiros que indicam fontes de pesquisa *on-line* (outros *sites*, *blogs*, ambientes da rede) e *off-line* (livros, aulas presenciais, leitura de impressos), as tarefas escolares, a preocupação com o vestibular, por exemplo, fazem os sujeitos sair do digital e voltar ao digital continuamente.

Além disso, superior à necessidade de discutir se a redação no Orkut se trata de um gênero ou mesmo de um gênero já existente e praticado em outro meio ou de um gênero novo e digital, está a imprescindibilidade de voltar-se o olhar para os usos e as funções sociais dos gêneros que circulam no digital, diante do fato de que eles tanto formam contextos sócio-históricos e culturais, como são modificados por esses.

Por outro lado, o entrelaçamento entre *on-line* e *off-line* é corroborado pelo conteúdo das produções divulgadas nas comunidades virtuais que demonstram também o dialogismo entre os enunciados e práticas escolares, levando-me a refletir sobre a segunda questão de pesquisa “Como se dão as produções textuais: quais são os critérios usados para a correção das redações e quais as concepções de leitura e escrita dos atores envolvidos? Ou seja: o que seria uma boa escrita para os orkuteiros?”.

Como pôde ser demonstrado na Subseção 3.2.3 *A reescrita como principal estratégia de correção* do Capítulo 3, os procedimentos utilizados pelos sujeitos para avaliarem as redações uns dos outros se assemelham aos realizados na escola que, conforme Antunes (2006), “se reduz, assim, ao trabalho de apontar erros, de preferência aqueles que se situam na superfície do texto” (ANTUNES, 2006, p. 165). Assim, os orkuteiros, normalmente, apontavam em suas avaliações os erros ortográficos, de pontuação e em relação ao (des)cumprimento da gramática normativa. Na Figura 26 (Capítulo 3), por exemplo, em que o texto de *N* é reescrito por *A* como forma de correção, observa-se que as modificações feitas tratam-se, basicamente, do acréscimo ou supressão de vírgulas e pontos.

Antunes (2006) sintetiza os principais procedimentos que seriam empregados por professores para avaliar os textos escritos dos alunos, destacando as ações de “apontar os erros e mostrar a forma correta”, “apontar os erros apenas, sem nem mesmo apresentar outra forma de dizer o mesmo”, “apontar através de um código previamente estabelecido,

os blocos em que os problemas detectados no texto se enquadram” e “fazer pequenos comentários” nos textos (ANTUNES, 2006, p. 169).

No *corpus* foram encontrados, principalmente, o primeiro e o último procedimentos. Os corretores do Orkut, habitualmente, realçam de maneira pontual aquilo que consideram erro em suas avaliações, com ênfase nos problemas de ortografia, regência e concordância nominal e verbal. Embora casos desse tipo não tenham sido analisados no decorrer da dissertação, até mesmo pelas possibilidades redutoras à reflexão que apresentam, eles ocorreram nos enunciados. Observe a correção que segue:



n · 31/07/2010

Sinceramente (e dando apenas minha opinião pessoal e não profissional), não cheguei a gostar muito do seu texto não:

A educação no Brasil vem mostrando grandes falhas, ainda mais se tratando de ensino público. E é nesse ponto que se desenvolve outros problemas.

Se tratando de educação pública brasileira, o número de pessoas que chegam a concluir o segundo grau, apresenta uma porcentagem ainda pequena.

A norma culta prega que não se deve começar um período com ênclise, portanto deveria trocar "se tratando de educação"..." por "tratando-se de educação"...", ou ainda "Em se tratando de educação..."

o número de pessoas que chegam a concluir o segundo grau, apresenta uma porcentagem ainda pequena

A meu ver, faltou algum dado concreto que reforce essa afirmação, alguma referencia, estatística, fonte, senão dá impressão que você tirou essa afirmação do nada.

Muitos não possuem material suficiente para dar aula, aonde o aluno pode perder a vontade de estudar.

Aqui o "aonde" deveria ser substituído por "onde", porque não tem preposição "a".

São salas divididas em duas, colocando duas séries em uma mesma sala, carteiras quebradas, entre outros

Aqui já que vc se dispôs a analisar os problemas deveria ter sido mais detalhista e precisa, enumerou apenas dois probleminhas e já colocou o "entre outras" pra finalizar, como que livrando - se do "problema", senão dá a entender que um dos únicos problemas da educação são as carteiras quebradas.

Citar



n

31/07/2010

A falta de motivação em casa, também é um reflexo dessa situação. Muitas famílias, não possuem tempo suficiente para acompanhar o aprendizado do seu filho. Muitas vezes, essa falta de tempo, é uma escolha aonde os pais, têm que trabalhar mais para poder pagar um ensino com maior qualidade para seus filhos.

aqui está bem elaborado, mas teria que substituir o "aonde" por "onde".

Tanto um quanto o outro ponto exposto, é de que eles estão diretamente interligados. Só que o investimento público é extremamente necessário, para que a partir dele, haja um maior desenvolvimento, tanto profissional quanto crítico. Assim escolherá melhor seus governantes, para que tenha maior investimento nessa área, assim, formando um ciclo.

Aqui faltou falar um pouco desses investimentos, o que deveria ser feito para mudar essa situação.

 Citar



n

31/07/2010

retificando:

A norma culta prega que não se deve começar um período com ênclise,

o correto é próclise

 Citar

Figura 36 – Fórum da comunidade “Livros, Textos e Redação” com correção pontual. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8148414&tid=5498682140955567122&na=4&npn=1&nid=8148414-5498682140955567122-5511863519898722125>. Acesso em: 07 out. 2010

No exemplo, vê-se que o corretor aponta erros do texto que avalia, fazendo observações bem pontuais em relação à colocação pronominal (“A norma culta prega que não se deve começar um período com ênclise”) e ao léxico (“teria que substituir o ‘aonde’ por ‘onde’”), por exemplo. Não são somente os problemas relativos à superfície do texto que são apontados, direcionando ao último procedimento indicado por Antunes (2006). *n* assinala também aspectos do conteúdo, reclamando a ausência de argumentos e explicações, já que se trata de um texto dissertativo.

Outro exemplo desse procedimento está na correção feita ao texto reproduzido na Figura 24 (Capítulo 3) em que a avaliadora comentou “Tente ter foco nos tópicos e discorrer sobre os mesmos com coerência e coesão”, ou seja, a corretora não especifica como seria escrever com coesão e coerência, contribuindo, assim, pouco para o desenvolvimento do texto de sua interlocutora.

Os critérios de correção para as produções textuais publicadas nas comunidades de que se valeram os orkuteiros são, portanto, similares aos utilizados por professores, demonstrando como a “boa” escrita para os orkuteiros é traduzida em textos produzidos na perspectiva da gramática normativa e não como atividade social com propósitos comunicativos variáveis à situação, ao contexto histórico, aos interlocutores e aos objetivos.

Por outro lado, a prática do Orkut diferencia-se em alguns aspectos, visto que localizei situações em que eram feitas ponderações com comentários acerca da pertinência do conteúdo, adequação ao gênero, sobre a composição formal dos textos e propósitos comunicativos, como foi o caso do corretor AL, no exemplo da Figura 27 (ver Capítulo 3), revelando que parte dos orkuteiros (embora menor) percebe a escrita como uma atividade de interação e de possibilidades infindáveis (FIAD, 2009).

Ademais, por meio da análise dos enunciados, verifiquei a estratégia da reescrita como principal forma de correção pelos orkuteiros, seja a reescrita por si, sem comentários, como o exemplo da Figura 26 que se aproxima mais do procedimento de professores ou aquele fórum de AL, importante por mostrar pela reescrita as possibilidades da língua (FIAD, 2009), mas difícil de ocorrer na escola em função do tempo dos professores, formação e estrutura das aulas, entre outros fatores, como já abordado no Capítulo 3, apontando, pois para minha última questão de pesquisa: “Quais as relações do *on-line* com o *off-line*: as comunidades virtuais do Orkut analisadas podem ser consideradas ambientes propícios ao ensino aprendizagem e ao desenvolvimento da modalidade escrita?”

Os exemplos apresentados e analisados ao longo de todo o texto mostraram-me como as práticas letradas nas comunidades dialogavam com práticas escolares, principalmente no Ensino Médio em contextos de preparação para vestibulares. Logo, o gênero mais produzido pelos orkuteiros foi a dissertação escolar por excelência, com destaque para propostas já solicitadas no ENEM a título de exercício e também da

FUVEST. Tentei, inclusive, verificar possíveis mudanças na variação dos gêneros produzidos nas comunidades em função de transformações em alguns vestibulares, como o da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) a partir de 2010 – que passou a solicitar a produção de três textos cujos gêneros variam de ano a ano e só são revelados no momento da prova – descobrindo que, na prática, não houve alterações significativas nos textos produzidos e publicados no Orkut.

Minha hipótese é que as comunidades analisadas, em particular, prestam-se ao treinamento de sujeitos que farão, em sua maioria, a prova do ENEM com vistas a ingressar nas universidades federais por meio da prova. Além disso, pelo fato de os membros serem de regiões variadas do país, não há o destaque para vestibulares de uma região específica.

Em outra via, sendo as redações para a escola e exames, publicadas, corrigidas, comentadas e discutidas nas quatro comunidades, ao focalizar a maneira como foram desenvolvidas em relação à construção composicional, ao conteúdo temático e ao estilo, observa-se que, em relação à primeira, não há inovação nos textos dos orkuteiros, seja pelas possibilidades limitadas da ferramenta fórum *on-line*, seja pela não permissão dessas nas provas vestibulares. Os textos do *corpus* valiam-se dos moldes escolares: introdução, desenvolvimento e conclusão. Além disso, verifiquei haver confusão nos gêneros que, embora, distintos, na prática, não foram diferenciados por seus autores, como ocorreu com o texto dissertativo e o artigo de opinião de *T* (Capítulo 3, *Subseção 3.2.1*).

Em relação aos conteúdos temáticos, apurei que, normalmente, são reproduzidas ideias do senso comum e juízos difundidos nas escolas por professores como críticas, “tom” de esquerda e a proposição de soluções politicamente corretas, entre outras, o que é agravado nos textos dissertativos em que a singularidade dos sujeitos é abafada, muitas vezes, pelo estilo do gênero, apontando para o último elemento do enunciado.

Se por um lado, há forte presença da escola nos enunciados do *corpus*, por outro lado, apesar de as práticas letradas no Orkut parecerem reprodutoras e, por conseguinte redutoras, elas permitem também novas possibilidades, mostrando-se como ambientes propícios ao ensino-aprendizagem, inclusive, da modalidade escrita, uma vez que há ganhos, entre os quais destaco, a possibilidade de meta-análise da produção escrita ao facilitar a visualização no momento da digitação e publicação, o maior número de pares

para compartilhamento de textos e diálogo, a rapidez nas correções que acontecem em períodos breves de tempo como dias ou horas, a alternância do papel de autor e corretor, ou seja, de papéis entre os membros, a ênfase na reescrita que permite a descoberta de outras possibilidades e a explicitação do dialogismo presente em todo e qualquer enunciado da língua, entre outros.

Ademais, talvez a contribuição mais importante das práticas nas comunidades seja o fato de evidenciar, com a visualização dessas, a necessidade urgente de se repensar o letramento escolar diante do avanço das TICs tendo em vista que práticas letradas no meio digital não são, de forma alguma, separadas de práticas letradas no *off-line*, assim como a instituição escolar insiste em fazer, aprofundando o abismo, entre si e a vida social. Espero ter deixado claro com as considerações e análises dos exemplos aqui trazidos como enunciar é um processo em cadeias e não tem, portanto, nem início, nem fim, ou seja, a prática não começa na escola e termina na Internet ou se inicia na Internet e se encerra na escola.

Muito ainda poderia ser dito e discutido, porém, retomando o trecho de Guimarães Rosa (2001) que aparece na epígrafe deste trabalho, finalizo advertindo que a pesquisa não esgota as respostas as três questões específicas levantadas, mas, ao contrário ressalta que a produção de conhecimento é feita de renovadas indagações, “outras maiores perguntas” que instigam à reflexão e à ação.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Cenas de aquisição da escrita:** o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997. 204p.

ABREU, M. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. 125p.

ANTUNES, I. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 163-180.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In:_____. **Estética da criação verbal.** Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, M, M./VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Editora Hubitec, 1988. 196p.

BARROS, R. S. M. Fundamentos e objetivos do ensino. In: MENESES, J. G. C. *et al.* **Estrutura e funcionamento da educação básica.** São Paulo: Pioneira, 1998. p. 21-35.

BAWDEN, D. Origins and concepts of Digital Literacy. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Digital literacies:** concepts, policies and practices. New York/ Washington, D.C/Baltimore, Bern/ Frankfurt/ Berlin/ Brussels/ Vienna: Peter Lang, 2008. p. 17-32.

BEZERRA, B. G. Ler e escrever no Orkut: práticas discursivas dos alunos na visão dos professores. In: RIBEIRO, A. E. *et al.* **Linguagem, Tecnologia e Educação.** São Paulo: Peirópolis, 2010. p. 177-190.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 108p.

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 2 ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 144-162.

_____. Letramento na internet: o que mudou e como tais mudanças podem afetar a linguagem, o ensino e o acesso social. In: KLEIMAN, A.; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 181-198.

BRASIL. Lei nº 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Para o Ensino Médio**: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, DF, 2000. 71p.

BRITTO, L. P. L. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997. p. 117-126.

BUCKINGHAM, D. Defining Digital Literacy; What Do Young People Need to Know About Digital Media? In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Digital literacies**: concepts, policies and practices. New York/ Washington, D.C/Baltimore, Bern/ Frankfurt/ Berlin/ Brussels/ Vienna: Peter Lang, 2008. p. 73-90.

BUNZEN, C. Da era da composição a era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 139-161.

BUZATO, M. E. K. **Entre a fronteira e a periferia**: linguagem e letramento na inclusão digital. 2007. [s.n]. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CABRAL, M. Avaliação e escrita: um processo integrado. In: FONSECA, F. I. (Org.). **Pedagogia da escrita: perspectivas**. Porto: Porto Editora, 1994. p. 107-125.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 243p.

_____. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: São Paulo: Editora Record, 2004. p. 255-287.

CAVALCANTI, M. C. Um olhar metodológico e metametodológico em pesquisa em Linguística Aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma lingüística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 233-252.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversas com Jean Lebrun**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. 159p.

COLLINS, J.; BLOT, R. **Literacy and literacies: texts, power and identity**. New York: Cambridge University Press, 2003. 217p.

COPE, B.; KALANTIZIS, M. **Multiliteracies: Literacy Learning and the design of social futures**. New York: Routledge, 2005. 623p

CRUVINEL, M. V. **Rastros virtuais de uma morte (a)enunciada: uma análise do discurso do suicídio pelas páginas “brasileiras” do Orkut**. 2008. [s.n]. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CORREIA, M. L. G. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 45, n. 2, p. 205-224, Jul/Dez 2006.

DAHLET, P. A produção da escrita: abordagens cognitivas e textuais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 23, p. 79-95, Jan/Jun1994.

DE PIETRI, E. A constituição da escrita escolar em objetos de análise dos estudos linguísticos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 46, n. 2, p. 283-297, Jul/Dez 2007.

DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In:_____. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432p.

DIONÍSIO, A. Gêneros multimodais e multiletramento. In: BRITO, K. S.; GAYDECZKA, B.; KARWOSKI, A. M. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2011. 198p.

DISCINI, N. **O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia e literatura**. São Paulo, Contexto, 2004. 344p.

ERICKSON, F. What makes school ethnography “ethnographic”? **Anthropology and Education Quarterly**, v. 15, n.1, p. 51-66, Abril 1984.

_____. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. C. (Org.). **Handbook of research on teaching**. 3.ed. New York: MacMillan, 1986. p. 119-161.

_____. Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTROCK, M. C. (Org.). **La investigación de la enseñanza II: métodos cualitativos y de observación**. Barcelona: Paidós, 1989. p. 195-301.

_____. Prefácio. In: COX, M. I. P; ASSIS-PETERSON, A. A. de. (Org.). **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 9-17.

ERSTAD, O. Trajectories of remixing: digital literacies, media production, and schooling. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Digital literacies: concepts, policies and practices**. New York/ Washington, D.C/Baltimore, Bern/ Frankfurt/ Berlin/ Brussels/ Vienna: Peter Lang, 2008. p. 177-202

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FIAD, R. S. Escrita de textos: uma prática social e escolar. **Organon**, Porto Alegre, v. 23, n. 46, p. 147-159, 2009.

_____.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (Org.). **Questões de Linguagem**: muito além do português. São Paulo: Contexto, 1991. p. 54-63.

_____.; BARROS, J da S. O papel da intercalação na reescrita. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 3, n.1, p. 9-23, 2003.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 385p.

GEE, J. P. New people in new worlds: networks, the new capitalism and schools. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Org.). **Multiliteracies**: Literacy Learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2005. p. 89-136.

GEE, J. P; HULL, G; LANKSHEAR, C. Sociocultural literacy, discourses, and the new work order. In:_____. **The new work order**: behind the language of the new capitalism. Westview, 1996. 240p.

GONÇALVES, C. A. P. **Usos políticos do ciberespaço pelas redes de movimentos sociais**. 2001. [s.n] Dissertação. (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

GUIMARÃES, M. J. L. Etnografia em ambientes de sociabilidade virtual multimídia. In: Ciclo de Estudos sobre o Imaginário – Imaginário e Cibercultura, 10., 1998, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 1998. Mesa redonda “Novos Paradigmas: Etnografia e Ciberespaço”Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/etn_palace.html>. Acesso em 20 out. 2011.

HEATH, S. B. **Ways With Words**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. 421p.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. 2000. Disponível em: <<http://socantcafe.org/uploads//2009/10/hine-2000-virtual-ethno.pdf>>. Acesso em 09 jul. 2010.

INGLEZ, K. G. **Conectores de causa e condição em fóruns de discussão na Internet**. 2007. 379f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KLEIMAN, A.; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 181-198.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Critical cyberliteracies: what young people can teach us about reading and writing the world. In: **National Council of English Teachers' Assembly for Research Mid-Winter Conference**. New York, Fev. 2002. p. 22-24.

KOMESU, F. Internetês para interneteiros: (velhas questões) sobre escrita. **Estudos Linguísticos**, Araraquara, v. 36, n. 3, p. 100-107, Set/Dez, 2007.

_____. Espaços e fronteiras da “liberdade de expressão” em *blogs* da internet. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, v. 49, n. 2, p. 343-358, Jul/Dez, 2010.

_____.; TENANI, L. E. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 9, n. 3, p. 621-643, Set/Dez, 2009.

_____. Práticas de letramento/escrita no contexto da tecnologia digital. **Revista Eutomia**, v. 1, n.3, p. 1-15, Julho 2010.

KRESS, G. Multiliteracies and language: orders of discourse and intertextuality. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Org.). **Multiliteracies**: Literacy Learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2005. p. 297-312.

_____. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. London; New York: Routledge. 2010. 212p.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

LINKSHEAR, C.; LEANDER, K. M. Social science research in virtual realities. In: SOMEKH, B.; LAWIN, C. (Org.). **Research methods in the social sciences**. London: Sage Publications, 2005. p. 326-334.

LINKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Digital literacies**: concepts, policies and practices. New York/ Washington, D.C/Baltimore, Bern/ Frankfurt/ Berlin/ Brussels/ Vienna: Peter Lang, 2008. 323p.

LEANDER, K. M.; MCKIM, K. Tracing the everyday “sittings” of adolescents on the internet. **Education, Communication and Information**, v. 3, n.1, p. 11-30, 2003. Disponível em: <<http://www.vanderbilt.edu/litspace/sitings.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

LEMKE, J. L. Metamedia literacy: Transforming meanings and media. In: REINKING, D. *et al.* **Literacy for the 21st Century**: Technological transformation in a post typographic world. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1998. p. 283-301. Disponível em <<http://academic.brooklyn.cuny.edu/education/jlemke/reinking.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2010.

LEMKE, J. L. Travels in hypermodality. **Visual Communication**, New York, v. 1, n. 3, p. 299-325, Outubro 2002.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. 157p.

_____. **As tecnologias da inteligência**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 203p.

_____. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2000. 260p.

LIMA, M. **Escrita, interlocução e moderação em um fórum online do Orkut**. 2010. 129p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada.) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

LUKE, C. Cyber schooling and technological change: multiliteracies for new times. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Digital literacies: concepts, policies and practices**. New York/ Washington, D.C/Baltimore, Bern/ Frankfurt/ Berlin/ Brussels/ Vienna: Peter Lang, 2008. p. 138-180.

MANFILI, K. C. **Uma análise funcionalista do uso das construções com ONDE no português do Brasil**. 2007. 123p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MARCUSHI, L. A. **A questão dos suportes dos gêneros textuais**. Projeto integrado Fala e Escrita: características e usos. NELFE (Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e Escrita). Depto de Letras da UFPE, 2003.

_____. Tudo o que você queria saber sobre como construir um bom texto sem se estressar. In: ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005a, p.11-13.

_____. Apresentação. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b, p. 9-14.

_____.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2 ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005c. 195p.

MARTINS, C. C. L. **Gêneros digitais e a escrita no orkut: reconfigurações do gênero bilhete**. 2007. 84p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2007.

MASON, J. **Qualitative Researching**. (s./l.): Sage, 1997.

MÁXIMO, M. E. **Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão cibercultura**. 2002. [s.n]. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MILLER, D.; SLATER, D. Etnografia *on* e *off-line*: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**. Tradução Soraya Fleischer e Cornelia Eckert, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, Jan/June 2004.

MOITA-LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma lingüística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85- 107.

O' REILLY, T. **What is Web 2.0?: Design patterns and business models for the next generation of software**. 2005. Disponível em: <www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>. Acesso em 4 jul. 2010.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 98p.

PEREIRA, J. **O Desenvolvimento da Consciência Fonológica e o Processamento Auditivo em crianças da última série do ensino infantil**. 2007. 104p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PERKEL, D. Letramento do copiar e colar? Práticas de letramento na produção de um perfil Myspace. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, Jul/Dez 2010.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2001. 297p.

_____. Indícios de Autoria. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 105-124, Jan/Jun 2002.

_____. **Aprender a escrever (re)escrevendo**. Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005. 64p.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 149-168.

RECUERO, R da C. Comunidades Virtuais – uma abordagem teórica. In: **Seminário Internacional De Comunicação**, 5., 2001, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: PUC/RS, 2001. GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm>>. Acesso em 02 mai. 2009.

RHEINGOLD, H. **A Comunidade Virtual**: uma sociedade sem fronteiras. Tradução Helder Aranha. Lisboa: Gradiva, 1996. 367p.

RODRIGUES, C. M. S. **As relações discursivas no meio acadêmico e as influências decorrentes do uso das novas tecnologias de comunicação**: uma análise do e-mail. 2009. 138p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2009.

RODRIGUES, C. **O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola**. 2008. 169p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2008.

ROJO, R. H. R. Fazer Linguística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 253-276.

_____. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *Trivium*? In: SIGNORINI, I. (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 73-108.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128p.

_____. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: inter e intradiscursividades**, Série Bakhtin – Inclassificável, v. 4. Campinas: Mercado de Letras, no prelo. p. 1-21.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal.** 3.ed. São Paulo: Editora Iluminuras/FAPESP, 2001. 431p.

_____. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003. 357p.

_____. O novo estatuto de texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, I. (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 47-72.

SCARAMUCCI, M. V. R. Efeito retroativo da avaliação no ensino/aprendizagem de línguas: o estado da arte. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 2, n. 43, p. 203-226, Jul/Dez 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: _____ *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 71-91.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Tradução Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

SILVA, F. D. S. **Leituras de romance: uma visão de usuários do Orkut sobre romances oitocentistas.** 2008. [s/n]. Monografia (Letras) – Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SOBRAL, F. A. da F. Educação para a competitividade ou para a cidadania social? **Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1-9, Jan/Mar 2000.

STAROBINAS, L. **Interação de professores em fóruns eletrônicos: um estudo de caso do programa Educar na Sociedade da Informação**. 2008. 171p. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. New York: Cambridge University Press, 1984. 243p.

_____. **Cross-cultural approaches to literacy**. New York: Cambridge University Press, 1993. 321p.

_____. What's “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current issues in comparative education**, New York, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003. Disponível em: < <http://www.tc.columbia.edu/cice/Issues/05.02/52street.pdf>>. Acesso em 27 fev.2010.

_____. “Hidden” features of academic paper writing. **Working paper in education linguistics**, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2009.

_____. Academic Literacies approaches to Genre? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 347-361, 2010. Disponível em: <http://wac.colostate.edu/siget/rbla/street.pdf>. Acesso em 01 mar. 2010.

TEIXEIRA, P. S. **A rizomática aventura da hipermídia: uma análise da narrativa no ambiente digital**. 2007. [s.n] Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TOSIN, G. **Transcrições: reinventando poemas em mídias eletrônicas**. 2010. [s.n] Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

WELLMAN, B.; GULIA, M. Virtual Communities as Communities: net surfers don't ride alone. In: KOLLOCK, P.; SMITH, M. (Org.). **Communities in Cyberspace**. New York: Routledge, 1999. 336p.

GLOSSÁRIO

ALEXA: serviço de uma empresa privada, a *Amazon*, que mede as visitas aos *sites* da internet, identificando os mais acessados e, portanto, de maior sucesso.

BLOG: *Site* que admite atualização rápida e interação de seus leitores por meio de comentários, *links* etc. Nele é possível publicar imagens e textos, por exemplo. Geralmente, armazenam publicações antigas e podem ser atualizados por várias pessoas.

FACEBOOK: rede social da internet criada em 2004 e disponível no endereço eletrônico www.facebook.com cujo acesso é gratuito.

GOOGLE: Um dos principais *sites* de busca na internet sustentado pela empresa americana homônima que apresenta uma série de serviços e produtos na internet. O *Google* também é responsável pelo *g-mail* e o Orkut.

MSN-MESSENGER: Programa que permite troca mensagens em tempo real, podendo ser baixado da rede em aparelhos celulares e computadores, por exemplo, e usado gratuitamente. Disponível em: <http://explore.live.com/windows-live-essentials>.

MY SPACE: rede social da internet criada em 2003 que permite a interconexão de fotos, blogs e perfis de seus usuários, também disponível gratuitamente no endereço eletrônico www.myspace.com.

ORKUT: rede social da internet criada em 2003 e disponível gratuitamente por meio do endereço eletrônico www.orkut.com.

TWITTER: rede social da internet criada em 2006 cujo acesso é gratuito no endereço eletrônico www.twitter.com. Na rede, pode-se criar e receber atualizações dos contatos em um limite de 140 caracteres por mensagem.

ANEXOS

ANEXO 1 – LISTA DAS PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Universidade Federal do Acre
Universidade Federal de Alagoas
Universidade do Estado da Bahia
Universidade Estadual de Feira de Santana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Universidade Federal da Bahia
Universidade Salvador
Universidade de Fortaleza
Universidade Estadual do Ceará
Universidade Federal do Ceará
Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal
Centro Universitário de Brasília
Faculdade Ibmecc de Economia e Administração
Faculdade Teológica Batista de Brasília
União Pioneira de Integração Social
Universidade Católica de Brasília
Universidade de Brasília
Centro Superior de Vila Velha - UVV
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Madre Gertrudes de São José"
União de Escolas de Ensino Superior Capixaba
Universidade Federal do Espírito Santo
Universidade Católica de Goiás
Universidade Federal de Goiás
Universidade Estadual do Maranhão
Universidade Federal do Maranhão
Universidade de Cuiabá
Universidade do Estado de Mato Grosso
Universidade Federal do Mato Grosso
Universidade Católica Dom Bosco
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal - Unider
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Escola Federal de Engenharia de Itajubá
Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Uberaba
Faculdade de Ciências Humanas de Curvelo

Faculdade de Ciências Médicas "Dr. José Antônio Garcia Coutinho" - FACI
 Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG)
 Faculdade de Direito de Sete Lagoas
 Faculdade de Direito do Oeste de Minas (FADOM)
 Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina
 Faculdade Ibmecc de Economia e Administração
 Faculdades de Gerenciais FCG/UNA
 Faculdades Integradas Newton Paiva - FINP
 Fundação de Ensino Superior de São João Del-Rei
 Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas
 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG
 Universidade de Alfenas
 Universidade de Uberaba - UNIUBE
 Universidade Estadual de Minas Gerais
 Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES
 Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
 Universidade Federal de Lavras - UFLA
 Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
 Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
 Universidade Federal de Uberlândia - UFU
 Universidade Federal de Viçosa - UFV
 Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE
 Faculdade de Ciências Agrárias do Pará
 Universidade da Amazônia
 Universidade do Estado do Pará
 Universidade Federal do Pará
 Centros Universitários de João Pessoa - Unipê
 Universidade Federal da Paraíba
 Universidade Estadual da Paraíba
 Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná
 Faculdade Ibmecc de Economia e Administração
 Faculdade Estadual de Direito de Jacarezinho
 Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná
 Universidade do Norte do Paraná
 Pontifícia Universidade Católica do Paraná
 Universidade Estadual de Londrina - UEL
 Universidade Estadual de Maringá - UEM
 Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG
 Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Universidade Federal do Paraná
 Universidade Tuiuti do Paraná
 Universidade Paranaense - Unipar
 Faculdade de Odontologia de Pernambuco

Universidade Católica de Pernambuco
 Universidade de Pernambuco
 Universidade Federal de Pernambuco
 Universidade Federal Rural de Pernambuco
 Universidade Estadual do Piauí
 Universidade Federal do Piauí
 Academia Militar das Agulhas Negras
 Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca Faculdades Cândido Mendes
 Faculdade Carioca FC
 Faculdade da Cidade
 Faculdade Ibmecc de Economia e Administração
 Faculdades Integradas - FAINTEABEU
 Faculdades Integradas Hélio Alonso FACHA
 Faculdades Souza Marques
 Instituto de Matemática Pura e Aplicada
 Instituto Metodista Bennett
 Instituto Militar de Engenharia
 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RIO
 Universidade Cândido Mendes Universidade Castelo Branco
 Universidade Católica de Petrópolis
 Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy - UNIGRANRIO
 Universidade do Rio de Janeiro - Uni-Rio
 Universidade Estácio de Sá - UNESA
 Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF
 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
 Universidade Federal Fluminense
 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Universidade Gama Filho
 Universidade Iguaçu
 Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO
 Universidade Santa Úrsula
 Universidade Severino Sombra
 Universidade Veiga de Almeida
 Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Taquara
 Federação de Estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo
 Fundação Universidade Federal do Rio Grande
 Instituto Ritter dos Reis
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
 Universidade Católica de Pelotas
 Universidade de Caxias do Sul
 Universidade de Cruz Alta
 Universidade de Passo Fundo

Universidade de Santa Cruz
 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo - RS) - Unisinos
 Universidade Luterana do Brasil - RS
 Universidade Federal de Pelotas
 Universidade Federal de Santa Maria
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS
 Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
 Universidade da Região de Joinville
 Universidade do Estado de Santa Catarina
 Universidade do Contestado
 Universidade do Extremo Sul Catarinense
 Universidade do Oeste de Santa Catarina
 Universidade do Sul de Santa Catarina
 Universidade do Vale do Itajaí
 Universidade Federal de Santa Catarina
 Universidade Regional de Blumenau
 Centro Universitário São Camilo
 Escola de Engenharia de Piracicaba
 Escola Superior de Administração e Negócios
 Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM
 Faculdade Aelis
 Faculdade Brasileira de Recursos Humanos
 Faculdade de Administração de Empresas de Catanduva
 Faculdade de Biblioteconomia e Documentação - FBD
 Faculdade de Ciências Contábeis e Administração de Tupã
 Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Marília - FCCAM
 Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo - FACESP
 Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Santo André -FAECO
 Faculdade de Comunicação Social da Fundação Cásper Líbero
 Faculdade de Direito de Marília - FADIM
 Faculdade de Economia "Manoel Carlos Gonçalves
 Faculdade de Educação, Ciências e Letras Don Domênico - FECLE
 Faculdade de Engenharia de São Paulo
 Faculdade de Engenharia de Sorocaba
 Faculdade de Engenharia Industrial - FEI
 Faculdade de Informática e Administração Paulista
 Faculdade de Medicina de Marília - Famema
 Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
 Faculdade de Medicina Veterinária Otávio Bastos
 Faculdade de Música Carlos Gomes
 Faculdade de Serviço Social de Lins - FSSL
 Faculdade de Tecnologia de São Paulo - Fatec
 Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas

Faculdade Ibmecc de Economia e Administração
 Faculdade Pentágono
 Faculdade São Luís
 Faculdade Senac de Ciências Exatas e Tecnologia
 Faculdade Trevisan
 Faculdades Associadas de São Paulo
 Faculdades Capital - FAC
 Faculdades Domus
 Faculdades Integradas Hebraico Brasileira Renascença - FECLHBR
 Faculdades Integradas Sant'anna
 Faculdades Integradas Theresa D 'Ávila - FATEA
 Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU/FIAM/FAAM
 Faculdades Unidas de Rio Claro - FURC
 Federação das Faculdades Isoladas de Araraquara - FEFIARA
 Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP
 Fundação de Ensino Octávio Bastos - FEOB
 Fundação Getúlio Vargas
 Instituição Toledo de Ensino
 Instituto Mauá de Tecnologia
 Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul
 Instituto Tecnológico de Aeronáutica
 Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCamp
 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC
 Universidade Bandeirante de São Paulo - UNIBAN
 Universidade Brás Cubas
 Universidade Camilo Castelo Branco - Unicastelo
 Universidade Cidade de São Paulo
 Universidade Cruzeiro do Sul
 Universidade de Franca
 Universidade de Mogi das Cruzes
 Universidade de Ribeirão Preto - Unaerp
 Universidade de Santo Amaro - Unisa
 Universidade de São Paulo - USP
 Universidade de Sorocaba
 Universidade de Taubaté - Unitau
 Universidade do Grande ABC - UniABC
 Universidade do Oeste Paulista - Unoeste
 Universidade do Vale do Paraíba - Univap
 Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
 Universidade Estadual Paulista - Unesp
 Universidade Federal de São Carlos - Ufscar
 Universidade Federal Paulista - Unifesp
 Universidade Guarulhos
 Universidade Ibirapuera - Unib

Universidade Mackenzie
Universidade Metodista de Piracicaba
Universidade Metodista de São Paulo
Universidade Metropolitana de Santos
Universidade Paulista Objetivo - Unip
Universidade São Francisco
Universidade São Judas Tadeu
Universidade São Marcos
Universidade Federal de Sergipe
Universidade Tiradentes
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade Potiguar
Universidade Federal de Rondônia
Universidade Federal de Roraima

ANEXO 2 – TEMA DE REDAÇÃO UFC 2002

(UFC - 2002)

Leia os textos a seguir, que tratam do Projeto de Lei que proíbe aplicação de tatuagem permanente e de “piercing” em menores de dezoito anos.

TEXTO I

“O Projeto, em tramitação em Brasília, proíbe – mesmo com a autorização dos pais – crianças e adolescentes de até dezoito anos de idade de fazerem tatuagens ou colocarem *piercings* definitivos, como brincos, argolas, alfinetes ou tachas.” (*Diário do Nordeste*)

TEXTO II

“Projeto de autoria do deputado Neuton Lima proíbe aplicação de tatuagens permanentes ou colocação de *piercing* em menores de dezoito anos de idade. A justificativa são as reações alérgicas que os *piercing* podem provocar na pele. O projeto ainda está em fase inicial de tramitação na Câmara dos Deputados.” (*O Povo*)

Escreva um **ARTIGO** para ser publicado em um jornal, na seção Opinião, posicionando-se a respeito desse Projeto de Lei.

ANEXO 3 – TEMA DE REDAÇÃO UFRA 2010

Este ano o tema da redação foi O papel da escola na sociedade, o que fazer para amenizar tantos conflitos?, onde foi solicitado a elaboração de uma carta ao Ministro da Educação, Fernando Haddad, discutindo o assunto e apresentando possíveis saídas para a questão.

(In: http://www.portal.ufra.edu.br/attachments/921_UFRA%20ON-LINE%2046.pdf)